

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
SABADO, 16 DE JANEIRO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 268 ANO 50.º PREÇO 1\$50

COMPRE JOGO
no
CAMPIÃO
LOTARIA - TOTOBOLA



REFORMAS INTERNAS mais radicais — eis o que exigem os «jovens socialistas», organização da gente mais nova do Partido Social Democrata da Alemanha Federal. A gravura documenta dois aspectos do seu último congresso, em Bremen

ENTREGUES HOJE À IMPRENSA PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

O projecto do sistema escolar português

e as linhas gerais da reforma do ensino superior

O projecto do Sistema Escolar Português e as Linhas Gerais da Reforma do Ensino Superior, documentos programáticos a que o ministro da Educação nacional se referiu na sua recente comunicação ao País, foram hoje entregues por aquele membro do Governo aos representantes dos órgãos de Informação.

Durante a cerimónia, a que estiveram presentes os subsecretários da Administração Escolar e da Juventude e Desporto, o prof. Veiga Simão proferiu um discurso em que afirmou:

«Os dois textos programáticos a que fiz referência na minha recente comunicação vão agora ser levados ao conhecimento do País, pela primeira vez, através dos órgãos de Informação.

São textos básicos que su-

jeitamos a ampla discussão pública durante os próximos dois meses, período certamente curto, mas que a urgência

das tarefas a empreender não aconselha a dilatar.

Muitos outros temas relacionados com a situação actual dos diversos níveis de ensino, sua evolução verificada nos últimos anos, projecções da população escolar, enquadramento no contexto internacional da acção educativa, necessidades de formação de professores, metodologia e «currículos» pedagógicos serão divulgados, em pormenor, no estudo a que chamamos «Educação Nacional — Bases Fundamentais».

A avaliação dos meios humanos e materiais necessários para a execução do programa proposto, envolvendo o equipamento educacional e a sua íntima relação com a pedagogia serão igualmente objecto de análise, pois são factores da mais alta importância na definição das convenientes medidas legislativas que serão promulgadas.

Não constitui surpresa, nem dará motivo de desânimo para ninguém que surjam pessoas afirmando a impossibilidade de realização de um programa tão ambicioso que, perante elas, surge quase como um conto de ficção científica, realçando as carências actuais de meios humanos, de capacidade realizadora e de disponibilidades materiais e financeiras. São, aliás, os que, ainda ontem clamavam pela



O PROF. VEIGA SIMÃO AO USAR DA PALAVRA NA CERIMÓNIA DA ENTREGA DO PROJECTO DO SISTEMA ESCOLAR PORTUGUÊS E DAS LINHAS GERAIS DA REFORMA DO ENSINO SUPERIOR, DOCUMENTOS QUE HOJE PUBLICAMOS NAS PÁGINAS 12 a 17

(Continua na 17.ª página)

Libertado pelos raptadores o embaixador suíço

RIO DE JANEIRO, 16 — (F. P. e R.) — O embaixador suíço Giovanni Bucher foi libertado hoje pelos seus raptadores. A notícia foi divulgada pela embaixada da Suíça.

Bucher esteve detido durante 40 dias. O embaixador fora raptado em 7 de Dezembro, no Rio de Janeiro, pelos guerrilheiros do comando «Juarez de

Brito» da V.R.P. (Vanguarda Revolucionária Popular).

Foi um conselheiro da Embaixada quem o encontrou primeiro quando se

dirigia para a sua residência. Bucher encontra-se de boa saúde.

O embaixador foi liber-

(Continua na 19.ª página)

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

Falam os participantes

PUBLICAMOS hoje a primeira duma série de breves entrevistas com participantes escolhidos ao acaso de entre os muitos milhares que aderiram à iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa».

Julgamos que fazendo-o, contribuímos para que todos compreendam ainda melhor o espírito e a mecânica desta iniciativa.

O PERIGO DE ROTURA ATENUA-SE NA REUNIÃO DA COMMONWEALTH

SINGAPURA, 16 — (R.) — A conferência da Commonwealth recomeçou hoje de manhã, para uma curta sessão,

parecendo ter sido afastado o perigo de uma rotura entre

(Continua na 19.ª página)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS (LER NA PAG. 19)

HOJE 40 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA

NÃO PODIA DEIXAR DE PARTICIPAR

— DIZ UMA LEITORA

O ACASO determinou a escolha. E a sr.^a D. Maria do Céu Seabra Lopes Ricardo prestou-se amavelmente, a ser a pri-

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões) deve ser dirigida a «LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185. 1.º — Lisboa-1

meira declarante na sua qualidade de leitora do nosso jornal, pronunciando-se sobre a inicia-

tiva, esclarecendo ter opinião formada acerca de concursos. E afirmou: «Tais realizações promovem-se segundo o creio, com o único objectivo de angariar novos leitores. Ora tanto eu como o meu marido somos, há já largos anos, leitores fiéis do «Diário de Lisboa». Nunca, porém, até agora, tomámos parte em qualquer das iniciativas do jornal».

Porquê até agora? — perguntámos. A sr.^a D.

Maria do Céu Ricardo é pronta na resposta: «Porque efectivamente, agora reconhecemos que esta iniciativa se dirige, especialmente, aos leitores do «Diário de Lisboa» (o próprio título da realização a define) e não vamos, portanto, eximir-nos a participar nela, tanto mais que envolve prémios tentadores. A sorte distinguirá,

A SR.^a D. MARIA DO CÉU RICARDO, quando comentava a iniciativa do nosso jornal



REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente
- o leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside, e facultativamente, a profissão e o número de telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185-1, Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1\$00, se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa», o seu cartão de identificação, não juntará ao cupão-duplo o selo de 1\$00, que se destina, logicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numerica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo numero do cupão-duplo
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos premios já instituidos e ainda a beneficios de outras iniciativas a promover
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o premio que lhe for atribuido em sorteio, terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o numero de «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.
- ★ Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do jornal donde consta o nome deste e a data de publicação.

PRÉMIOS PARA QUEM VENDE O «DIÁRIO DE LISBOA»

CONTINUAM a chegar-nos pedidos de informações sobre a revelação feita nestas colunas. Oportunamente, serão dados todos os esclarecimentos. Por ora, apenas confirmamos que os vendedores do «Diário de Lisboa», que os premiados nesta iniciativa tiverem indicado como sendo aqueles a quem habitualmente compram o nosso Jornal também vão receber prémios!

Em devido tempo, publicaremos mais esclarecimentos acerca deste pormenor importante da iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa». Entretanto chamamos a atenção de todos os interessados para o facto de que podem beneficiar o seu vendedor habitual, identificando-o devidamente nos cupões-duplos de identificação que têm de preencher e enviar-nos.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Acceptam-se, desde já, assinaturas pelo periodo da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130\$00
6 — 250\$00
12 — 485\$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio

naturalmente, os contemplados, mas sinto que premiarão a assiduidade dos compradores. As características da iniciativa entusiasmaram-me e por isso, enviei o meu cupão-duplo. (Claro, tinha sido, exactamente através do cupão-duplo que havíamos descoberto a morada).

Casada com um funcionário da T. A. P., a sr.^a D. Maria do Céu acrescentou que o marido também participa na

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1\$00

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA

n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa» _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA

n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa» _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERA DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUIDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1\$00

OS ACONTECIMENTOS DO QUÉBEC NÃO AFECTARAM A POPULARIDADE DE TRUDEAU

OTAWA. — Dois meses e meio depois de ter aplicado os poderes de emergência mais estritos até hoje utilizados no Canadá, em tempo de paz, o primeiro-ministro, Pierre Trudeau, continua a gozar de grande popularidade.

Apenas se nota uma corrente mínima de descontentamento, sobretudo entre os intelectuais que se preocupam com os efeitos finais que poderão vir a ter, no futuro, para as liberdades civis dos canadianos, os poderes a que o Governo federal lançou mão para fazer face à crise do Québec.

Trudeau agiu com firmeza invocando a lei de emergência («medidas de tempo de guerra») depois dos raptos do comissário comercial britânico, James Cross, e do ministro do

Trabalho do Québec, Pierre Laporte, cometidos em Montreal por células da Frente de Libertação do Québec. Laporte foi assassinado, mas Cross acabou por ser libertado nos termos de um

acordo que garantiu aos raptos a ida para Cuba. Os poderes foram depois modificados pelo Parlamento, mas os suspeitos podem ainda ser presos sem mandato de captura e ficar de-

tidos sem caução. O primeiro-ministro do Québec, Robert Bourassa, pediu a continuação das medidas de emergência, incluindo a presença de unidades do exército.

Uma acção decisiva numa crise geralmente suscita a admiração geral, pelo menos, por algum tempo. Uma recente sondagem Gallup revelou que Trudeau e o seu Governo (liberal) tinham o apoio de 59 % dos entrevistados; por seu lado, o «leader» conservador, Robert Stanfield (que tinha anteriormente 31 % de votos favoráveis) tinha o apoio de 22 % e o «leader» democrático, T. C. Douglas, o de 13 %.

Contudo, é impossível prever a reacção final no Québec. Embora o assassinato de Laporte tenha causado um movimento imediato de reacção contra os separatistas, o facto é que, nas universidades, começa agora a desenhar-se um protesto contra as «táticas fascistas». As atitudes extremistas florescem numa província que tem uma experiência de vida democrática relativamente recente.

UM HOMEM MODERNO

Tudo isto colocou o primeiro-ministro liberal do Québec numa situação delicada. Tem que demonstrar que não está ao serviço de ninguém, e ao mesmo tempo, tem de fazer face aos separatistas e aos atritos entre a polícia provincial do Québec e a de Montreal. Entretanto, Trudeau mantém a sua reputação de um dos poucos homens realmente modernos nas esferas políticas. Os seus colaboradores dizem que ele se preocupa menos com os excessos de poder e as circunstâncias da vida política, mas não recusa recorrer à força. Há quase um ano que não dá nenhuma conferência de imprensa, mas aparece suficientemente em público para manter o seu carisma.

Tem de facto carisma, mas o mesmo já não acontece com o «leader» da oposição, Robert Stanfield, ex-primeiro-ministro da Nova Escócia, conseguiu fazer apagar a reputação sinistra que em tempos teve, aprendeu francês e mostra-se verdadeiramente preocupado com as liberdades civis. Mas não parece ainda capaz de se projectar como um «leader» nacional em potência.

ROBERT ESTABROOK

(Exclusivo

«The Washington Post» — «Diário de Lisboa»

NOTA diária

PASSOS NUM CAMINHO

O TRAÇO FUNDAMENTAL na discussão levantada na Assembleia Nacional sobre os problemas resultantes da Concordata é esse mesmo já mencionado: a discussão. Certamente o deputado do Porto colecionou e apresentou uma série de argumentos que não podem deixar de pesar na consciência das pessoas, mesmo as que, como ele próprio, se confessem ligadas à religião católica. Mais que isso, porém, o que daqui nos parece de assinalar é o clima que tornou possível a abordagem, em tal estilo, de tal assunto. Certamente ao dia seguinte apareceu outro deputado a contrariar essas opiniões. Mas o salutar é isso mesmo, em vez da opinião de tipo único como o pão durante a guerra.

O País precisa de aprender muita coisa que nunca chegou a saber. E cremos bem que é mesmo essa uma das preocupações mais insistentemente evidenciadas neste lugar. Mas também precisa de reaprender algumas outras de que se esqueceu, talvez, admita-se, por nunca as ter chegado a aprender em profundidade. Uma delas é a do convívio, a tranquila confrontação de ideias, sem o desfecho dos gritos lançados com a fúria dos braços erguidos, como se nos quiséssemos uns aos outros agarrar pelo pescoço em último e irresponsável argumento no fecho de uma discussão. A última palavra há-de ser sempre a daquele que for capaz de mais elevar a voz ou o braço?

Não se espera por certo que depois de ouvir o deputado Sá Carneiro vá a Câmara a correr tomar decisões que, aliás, de momento nem pode tomar nem sequer foram pedidas. Mas a Câmara ouviu o deputado, que exibiu algumas razões impressionantes, e não deixou os seus membros, certamente, de sentir dentro de si aflorarem razões novas sobre ideias velhas, razões que fazem acordar em quem as ouve o sobressalto da dúvida onde estivessem certas não simplesmente dogmáticas mas vivas na inteligência de cada um. E é importante que a discussão, nos termos em que está a ser posta, transite do recinto da Câmara para o conhecimento do País.

Pela nossa parte julgamos que estes são passos fundamentais para o que acima chamámos, de resto sem novidade nem imaginação, a existência de um clima. Queremos dizer, naturalmente, um ambiente que torne possível simultaneamente falar e ser ouvido, poder falar e saber ouvir, oferecer o argumento sem ansia de rachar quem está de frente, que pode ter também o seu com a mesma convicção e porventura até com igual peso de razões contrárias. Porque uma discussão, tal como a entendemos, é isso mesmo, a exibição de razões, porque há sempre muitas, para um lado ou para outro. E saber descobrir, entre todas as razões com o pequeno, onde é que está a Razão com R grande.

O pequeno grupo de deputados a que na Assembleia Nacional, à falta de outra designação, se tem chamado o grupo dos «liberais», o que se menciona apenas para assegurar uma identificação, tem desempenhado um papel que o País, naturalmente, segue com atenção. Sem fronteiras rígidas, sem o que pudesse valer como uma disciplina própria, que só por si seria restritiva, o pequeno grupo tem-se mostrado atento a todos os grandes problemas e sobre cada um tem sabido oferecer a expressão própria de uma atitude a que se poderá chamar independente e vigilante. Não é uma oposição, mas é algumas vezes uma voz discordante. Por onde é que há-de começar o diálogo se não por aqueles que falam a mesma língua? Pela nossa parte entendemos que são passos úteis, que dificilmente podem deixar de considerar-se como passos no caminho de um esclarecimento que todos afincadamente julgamos necessário.

EDITORA ARCÁDIA, S.A.R.L.

2.ª Emissão de Capital

1 400 000\$00

Vai esta Sociedade aumentar o seu capital de 2.100 para 3.500 contos através da emissão de 1.400 acções nominativas no valor de 1.000 escudos cada uma, subscrevíveis em acções normais a partir do número base de 50 e em acções de expansão cultural de 1 a 50, sendo estas últimas privilegiadas com um bónus anual de 10 %, liquidável em livros, e em bónus de consumo particularmente atraentes, independentemente do dividendo a que o resultado dos sucessivos exercícios der lugar.

Por esse motivo, fica aberta a inscrição, com preferência para os actuais accionistas e sujeita a rateio, na subscrição pública dos dois tipos de acções enunciadas, que deve ser feita directamente nesta Editora, através de impresso especial que será enviado a quem o solicitar, juntamente com uma nota explicativa das regalias especiais para as acções de expansão cultural.

O pagamento das acções subscritas far-se-á:

50 % até 5 de Março de 1971

25 % até 5 de Junho de 1971

25 % até 5 de Setembro de 1971

EDITORA ARCÁDIA, S. A. R. L.

O Conselho de Administração

Editora Arcádia, S. A. R. L. — Campo de Santa Clara, 160 — Tels. 86 31 51/2 — Lisboa

ESTOFOS, SOFÁS-CAMAS



VALENTIM RODRIGUES

av. defensores de chaves, 31-B - C - Lisboa

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Novo produto para DEIXAR de fumar

Recomendadas por distintos médicos portugueses, as dragagens «PUMANO» eliminam eficazmente a necessidade de fumar e são inofensivas. Preço a pronto 375\$00, ou em 2 mensaldades de 200\$00 cada. Pedir o produto à cobrança ou folhetos elucidativos grátis aos únicos distribuidores: Zemig Departamento Distribuidor.

Estabelecimento: Rua de S. Dinis, 594 — Porto — Telef. 67272.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

**a maior exposição
automóvel jamais
realizada em Portugal**
com a nova estrela Ford-o novo Cortina
na FIL-Feira Internacional de Lisboa*

GANHE UM CORTINA 1300 L E MUITOS OUTROS VALIOSOS PRÉMIOS.
SORTEIOS DIÁRIOS. SEMPRE GRATUITOS.

**TODA A GAMA FORD em exposição: automóveis-comerciais
ligeiros-camiões-tractores.**

**Presente, a contribuição que os produtos nacionais têm na
montagem do seu Ford.**

**Sessões de cinema. Leve a família. Pode jantar no Restaurante
da FIL a preço especial:**

**PARA O RECEBER OS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA:
AUTO-BOAVISTA, AUTO-RALI, J. MENDES COELHO, LINCURI,
STAND MODERNO, SINDUL TRACTORES.**

**A Ford Expo 71 manter-se-á até ao dia 23 ...visite-a as vezes que quiser
— nos dias úteis das 18h às 23,30h. e aos sábados e domingos, desde as 15h.**

*** Ambiente climatizado.. Entrada livre.
Facilidade de estacionamento.**



Ford à frente!

MUNDIAL

HOJE, SÁBADO

4

SESSÕES

às

15,15 - 18,15 - 21,00 - 23,30

UMA INICIATIVA PARA SI.
A PENSAR NAS SUAS CONVENIÊNCIAS!

NO (Adultos) Às 20,45 e 23 horas
AMANHÃ
«MATINÉ», às 16 h.

VARIEDADES EM PLENO ÊXITO

A SUPER-REVISTA

...E O ZÉ FAZ TUDO!

UM AUTÊNTICO TRIUNFO
DE GARGALHADA!

DISCOTECA BAR BAGDAD

Passe uns momentos agradáveis além da sonhadora
decoração — (M. 17 anos)

DANCE AO SOM DE BOA MÚSICA

Visite hoje mesmo — Aberto até de madrugada
Rua D. Dinis, 5-C — Reboleira-Amadora — Tel. 937529

Citroën

GS.

O CARRO DO ANO

**BREVEMENTE
EM PORTUGAL**

Quatro dezenas de amadores na Grande Noite do Fado

Lotação esgotada. Esgota-
díssima. Não vai caber um
alfinete. Colheu os Re-
creos. A Grande Noite do
Fado junta representantes de
34 colectividades e um sem
numero de artistas populares
(Herminia Mourão, Madalena
João Braga Simone Ma-
ria Vaiejo Leticia Correia,
Ada, Mau leu, Esmeralda
Amoedo, Artu Garcia, Sau-
dade dos Santos, Cruz &
Felho, Gabriel & Marco Pau-
lo Alice Anaro, etc., etc.,
etc. — e até um pito!).

Entre outros concorrentes
inscritos são os seguintes:

Clube Desportivo da Char-
neira — Guilherme Viegas
Pinto (esofador).

Sociedade Musical 3 de
Agosto de 1885 — Sérgio Ar-
tur

Oriental Recreativo Clube
— Daniel dos Santos (Meca-
nico).

Ginásio Clube de Alfama —
Gabriel dos Santos (estiva-
dor).

Sociedade Filarmónica Alu-
nos Esperança — Norberto
Tavares Ferreira (pintor) e
Maria da Nazaré dos Santos
Banha.

Tuna Recreativa «A Juven-
tude Chelense» — Raul Ma-
nuel Ribeiro da Silva (serra-
lheiro).

Vendedor de Jornais Fute-
bol Clube — Esmeralda de
Oliveira (telefonista).

Casa do Alentejo — Antó-
nio Pinto Basto (estudante).

Grupo de Instrução e Des-
porto «Os Pequenos» — Amé-
rico Dias Simões (empregado
de escritório).

Clube Desportivo de Ar-
roios — João Baptista Mateus
(empregado fabril).

Clube Recreativo Atlético
de Algés — Artur Henrique
dos Santos Batalha (pintor)
e Rosa Maria Vaz Pereira
(modista).

Sport Lisboa e Oriental —
Armando Morais (tipógrafo)

e Maria Oliveira de Araújo.

Desportivo de Alverca —
Jose Pereira Ramalho (estu-
dante).

Grupo Musical 1.º de De-
zembro (Queijas) — Abílio
Duarte Francisco (serralhei-
ro).

Grupo Desportivo «Os Ama-
relos (Setubal) — Julio Bo-
mingos (estampador meca-
nico).

Sociedade Filarmónica Alu-
nos de Apolo — António Mo-
reira de Oliveira (cabelele-
reiro) e Albina Gonçalves
Espadana (tecedeira).

Grupo Recreativo Águia
da Musgueira — Alvaro Mar-
tins (empregado de escritó-
rio).

Sport Grupo Sacavenense
— Crisálida Marques de Al-
meida.

Lisboa Clube Rio de Jani-
ro — Manuel Cardinale.

Clube Recreativo Bela Vis-
ta — Rolando André da Sil-
va Ferreira.

Clube Futebol Benfica —
António Miranda (cortador
de carnes).

Grupo dos Lineo Reis —



Ermelinda Silva (Bica) dei-
xou a filha na ama para vir
ao ensaio

Rocha Gomes (correspon-
dente) e Elisabete Maria

Grupo Desportivo do Mou-
raria — Herminio da Con-
ceição Silva (marceneiro) e
Maria Angelina Casqueiro
Pereira

Onze Unidos da Bica —
Manuel Joaquim de Jesus
Pires (empregado de escritó-
rio) e Ermelinda Martins da
Silva.

Sociedade Filarmónica In-
cível Almadaense (Almada)
— Ullo Guerreiro Aguiar
(começante)

Clube de Santa Catarina
— José António Viana Ono-
fre (carpinteiro).

Sport Lisboa e Olivais —
António Silva Coelho (al-
fafeite)

Sporting Clube da Penha
— Manuel Maia (cortador de
panela).

Ginásio do Alto do Pina —
Fernando Romão de Almeida
(serralheiro) e Edite Rosa
de Oliveira.

Sociedade da Matinha —
José Luís Ferreira de Matos
(empregado no comércio).

Desportivo de Camarate —
Mavilda dos Prazeres Gon-
çalves Alves.

O Clube Oriental de Lisboa,
a Casa do Algarve e o Clube
de Futebol «Os Zepes — Es-
trelas do Sul» (Almada),
têm, ainda problemas com
os seus representantes; que
só a meio da tarde de hoje
serão definitivamente conhe-
cidos.

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

apresenta

COMÉDIA

com

LURDES NORBERTO - SINDE FILIPE
GLÁUCIA MARTIN - MÁRIO GUEDES

Uma comédia de amor contada com humor

O PROCESSO DE KAFKA

FARSAS TRÁGICAS

50% desconto a estudantes

**«O PROCESSO» e «Sexta-feira,
4 e Um Quarto»**

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

EMÍLIO E OS DETECTIVES

PEÇA INFANTIL

Espectáculo para jovens
de todas as idades

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.

Av. 5 de Outubro, 122 — LISBOA

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECIONAMOS
PARA

EMPRESA INDUSTRIAL (ÁREA DE SACAVÉM)

**CHEFE DE SERVIÇOS
ADMINISTRATIVOS**

QUALIFICAÇÕES PEDIDAS: Curso do Instituto Comercial. Bastante
experiência e conhecimentos dos serviços de Secretaria Contabili-
dade e Tesouraria, assim como de Chefia. Idade entre os 30 e
40 anos. Situação militar resolvida.

CONDIÇÕES OFERECIDAS: Estabilidade de emprego. Ligação ao Direc-
tor-Administrativo. Vencimento de 13.000\$00 e 13.º mês. Refei-
tório e outras regalias sociais. Transporte privativo desde Lisboa.

Resposta para a **NORMA** indicando «curriculum» profissional POR-
MENORIZADO. Rigorosa confidencialidade. Indicar ref. 122/DL.

TRINDADE

Tel. 320000

Às 16 e às 21,30 horas
(Adultos)

O ÚLTIMO INQUILINO

O REI ESTÁ A MORRER

de Ionesco

Pela Companhia do Teatro
Nacional D. Maria II

Amadora — Único espectáculo
às 16 horas, dedicado
a estudantes

Pires d'Oliveira, Lda.

Certifico que, por escritura de
ontem, lavrada de fl. 18 v.º a fl.
21 do livro n.º 45-C de escrituras
diversas do 2.º Cartório Notarial
de Lisboa, a cargo do notário li-
cenciado António Lopes Fernandes
Costa, os sócios que ficaram sen-
da da sociedade Pires d'Oliveira,
Lda., com sede em Lisboa, Domín-
gos Fernandes, José Roberto Valen-
te e Paulo Glória Fernandes, atera-
ram pacificamente o respectivo
pacto, pelo que substituíram os
artigos 7.º, 8.º e 17.º pelos se-
guintes:

7.º

A gerência, dispensada de cou-
ção e com ou sem remuneração,
conforme for deliberado em assem-
bleia geral, fica a cargo exclusivo
dos sócios Domingos Fernandes e
Paulo Glória Fernandes

8.º

Para obrigar validamente a so-
ciedade em todos os seus actos e
contratos é suficiente a assinatura
de qualquer dos gerentes, os
quais poderão delegar em quem
entenderem os seus poderes de ge-
rência, por meio de mandato em
forma legal.

17.º

É livre a cessão de quotas entre
os sócios. A cessão a estranhos
fica dependente da autorização
dos restantes sócios.
Vai conforme.

2.º Cartório Notarial de Lisboa,
23 de Dezembro de 1969. —
O Ajudante, João da Silva.



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

«AMANHÃ É OUTRA VEZ ONTEM»

Liana Isakadzé, nunca te perdoarei. Fica sabendo. Lá das infinitas estepes donde vieste, dessas regiões que vivem ainda no estado da pastorícia, donde vieste com a tua arte suprema, tu sabes o que me arranaste. Lianazinha da minha alma, sabes? Arranjaste-me aí menos umas duas horas de sono — o que, nos tempos que vão correndo, é material precioso. Não foras tu, e a estas horas estava eu com a criticazinha em prova, com perspectivas de um risonho, pacífico, morfelco princípio de madrugada. Assim, niet. Assim camarada Isakadzé do kolkhoze internacional da Arte, vejo-me desperto, com os olhos cheios da tua imagem — mas de mãos vazias e de papel em branco. Adriano Parreira, nas «últimas notícias», acaba de nos comunicar importantíssimo que não não sei quê o Vilanovense... Ah, bem, o Vilanovense. Já posso ficar descansado. Está certo. Claro, nem podia deixar de ser, o Vilanovense. Apesar disso, apesar do Vilanovense, o quotidiano impõe-se. Escravo do dever, ainda agora vou começar a crítica. E a culpa foi tua, Lianazinha, e do teu violino mágico. Só tenho pena é que muita gente não tenha podido estar presente. Como tantas vezes acontece, houve alteração da última hora. Liana, a camarada kolkhoziana da Arte, veio em substituição de não sei quê os anos sessenta na vida internacional. Muita gente, assim, não estava prevenida, e faltou ao precioso encontro com um dos mais maravilhosos festivais de violino que a televisão nos deu. Henrique Mendes, no início, leu uma apresentação entusiasmada, e com razão: não havia nenhuma hipótese. Liana é um assombro. Liana, és de não podermos

arrancar os olhos de cima de ti, da tua máquina perfeita, do teu poderoso tractor de música. Imagina que me fizeste ouvir Sibelius até ao fim, esse Sibelius demasiado finlandês para o meu gosto, ou para a minha ignorância musical. Verdade, Liana dos olhos amendoados (serás tu mongol? Teu nome sabe-me longinquamente a Ásia, a Casaquistão, ou coisa parecida, desculpa, nós por aqui não somos fortes em geografia) tu sabes, quando uma pessoa encalha no Chopin é o diabo. Mas o teu maravilhoso espectáculo elimina todas as barreiras. Não ensinas: incendias. Não explicas: iluminas. O diabo, Liana, sabes? O diabo é que não poderás falar apenas de ti como desejavas. Terei de fazer crítica — parece que é assim que se chama. Terei de me referir a mais um episódio da série «Os Vingadores». Steed e a Tara vão investigar o desaparecimento de documentos da secção de cifras do Ministério da Defesa britânico. O roubo, veio a descobrir-se, fazia-se por intermédio de um gás hipnótico utilizado pelos assaltantes travestidos de lavadores de vidros, assaltantes pertencentes a uma potência estrangeira, talvez elementos da tua pátria, Liana, sim, enquanto tu estás aí a tocar violino andam os teus primos (entre vocês também todos são primos e primas, não é verdade?) andam os teus primos disfarçados de limpadores de janelas a roubar cifras e códigos nos ministérios ingleses, ainda por cima aos nossos velhos aliados, de quem temos recebido ao longo da história as mais altas provas de Confessa, Liana, que não é correcto. E depois com gás hipnótico. Bem, não há dúvida que o Steed e a Tara têm muita piada, há prali nonsense

às carradas, uma espécie de pacotinhos de açúcar para o café, e mesmo que aquilo cheire algumas vezes ao Maxwell Smart, o do Olho Vivo, a verdade é que o Steed, suporte de sua Real Majestade, acaba sempre por vencer — e de que maneira! Do que mais recorde na fita, é daquele breve diálogo entre os assaltantes: «E amanhã? — Amanhã é outra vez ontem». Sabes, Liana, desculpa desabafar contigo, mas tu possuis alma de artista, entendes melhor estas coisas. Sabes? Está aí uma frase que eu gostaria de ter inventado. «Amanhã é outra vez ontem» nasceu optimamente para legendar a programação da televisão portuguesa, nos últimos meses. De repente, lá aconteces tu para destruir a legenda. Aconteces tu e acontece um desafiozinho de hóquei em patins, uma modalidade para a qual, de súbito, a televisão acordou. Tenho a impressão de que já vai um pouquinho tarde na tarefa de prestar auxílio ao hóquei. Auxílio a prestar, isso sim, era quando o hóquei estava vivo. Porquê? Porque é sempre mais fácil impulsionar do que ressuscitar. Embora, pelo que temos visto na televisão, se note uma grande humildade, uma grande serenidade, na prá-

tica do jogo. É bom sinal. Foi exactamente como na altura em que te vi encaminhares-te para junto da orquestra: figurinha simples, a rir, a segurar no violino como quem segura numa flor. Talvez não haja morte: talvez haja apenas sono e o hóquei acorde. É certo que é modalidade pouco praticada lá fora, mas isso que tem? Por razões dessas não deixam os americanos de jogar o beisebol. Agora só desejo se cuide melhor da realização. Um jogo populariza-se segundo é ou não televisivo. O hóquei não é muito, devido à sua velocidade e à bola pequenínha. Há que estudar isso. Há que obter uma aproximação. Dos nove golos viram-se bem dois: do Correia dos Santos Junior e do Rafael. É pouco. A câmara tem de adivinhar os golos. Se não não. Tem de nos dar a arte individual, como fez algumas vezes com Livramento. Se não, não. Se não, não ajuda o hóquei. Liana, este hóquei não é como o que se joga no teu país. O nosso é um jogo de adolescente, um desporto de renda, uma água-pé gostosa. Quando quiseres repousar vem assistir a uns jogos, pelo sim, pelo não, traz o teu violino. E o teu sorriso.

Rádio

PROGRAMA DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa
— 451 m — 665 kc/s — As 16: Noticiário; 16 e 05: Emissão infantil, por Maria Madalena Patcho; 18 e 35: Música, só música; 19 e 15: Orquestras e canções; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um instrumentista: Loureiro Almeida; 20 e 30: A palavra e a voz, pelo rev. padre dr. Videira Pires; 20 e 45: Apeirativo musical; 21: Momento 71; 21 e 30: O conjunto: «The New Sound»; 21 e 45: Um programa de variedades integrado na noite do fado e transmitido do Coliseu dos Recreios; 22 e 30: Música sem palavras; 23 e 05: Poesia, música e sonho, por Miguel Tinguely; 23 e 30: Tempo de jazz, por Raul Calado; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 15 e 15: A ópera «Tosca», de Puccini, comentada por Maria Helena de Freitas; 17 e 43 — Concerto op. 16, para piano e orquestra (Zbinden). Piano, Karl Engel; Orquestra de Câmara de Louisa, sob a direcção de Victor Desarzens; 18: Ciclo «O quarteto»; 19: O maestro Edouard Van Remoortel; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Ánimas de óperas de Rossini, pelo meio-soprano, Teresa Berganza; 20 e 45: Pa-

noramas da história, pelo dr. João Ameal; 21: Recital de violino e piano por Albor Rosentfeld-Caia Pagano — Sonata em fá maior op. 24 «Primavera» (Beethoven); 21 e 30: Filatelia, pelo dr. Silva Gama; 21 e 45: A sinfonia através dos tempos — A sinfonia no século XVIII — Período de formação: a contribuição de Carl Philipp Emanuel e Johann Christian Bach; 22 e 40: Música de câmara; 22 e 58: Fecho.

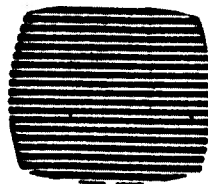
RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa é tarde; 19 e 15: Robbiolac; 19 e 30: Teatro Trágico; 19 e 45: Rádio Jornal; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Sessão 7; 20 e 45: Êxitos do disco; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Hora luterana; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto 3 e 02: A noite é agora; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Moderação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita dots; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Quinze minutos Elco; 19 e 03: Missolanea; 19 e 20: Robbiolac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Minuto 5; 21 e 40: O ritmo e a melodia; 21 e 45: Hora luterana; 22 e 02: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Caracol-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

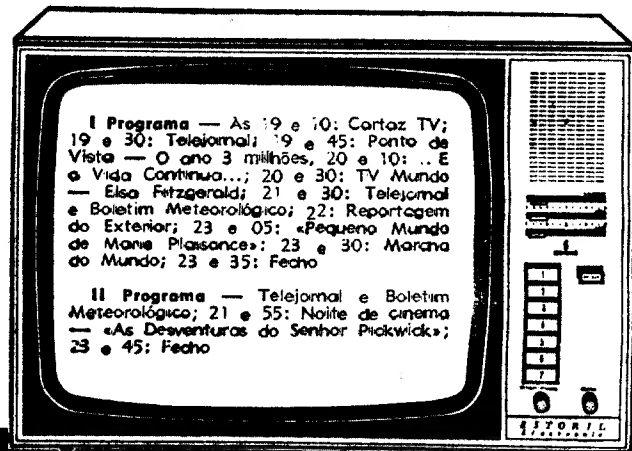
RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Rádio-ronda; 18 e 05: Programa Meado; 18 e 30: Tempo e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Lar doce lar; 21 e 15: Música e canções para o seu fim de semana; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Noite e ritmo; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Península — Das 7 às 8 e das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 19 e 30 às 22: Clube Radifónico de Portugal — das 10 às 12 e das 22 às 2: Rádio Graça — Das 12 às 13 e 30.



TV dia a dia

HOJE PODE VER



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER

I Programa — 1.º período — As 12 e 30: Abertura e missa de domingo; 13 e 10: Dia do Senhor; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Ao serviço da Nação; 14 e 25: Concerto para jovens; 15 e 15: Série juvenil, «Daktari»; 16 e 5: TV infantil; 16 e 35: Tarde de cinema «O Rapaz, o Pintor e o Cão»; 18 e 15: Domingo Desportivo, 1.ª edição; 18 e 30: Folclore — Corredoura (Guimarães); 19: TV Rural; 19 e 4: Série comédia, «Doido com Juízo»; 20 e 10: TV 7; 21: TV Clube, com o Duo N'Gola; 21 e 30: Telejornal; 22: Se bem me lembro, pelo prof. Vitorino Nemésio; 22 e 30: Série dramática, «Departamento «S»»; 23 e 20: Domingo Desportivo, 2.ª edição; 23 e 40: Marcha do Mundo; 23 e 35: Fecho.

II PROGRAMA — As 21 e 30: Telejornal; 22: TV 7; 22 e 40: TV Mundo — Os Pescadores de Baleias; 23 e 35: Fecho.



TUDOR

pilhas para transistores

Administração

de Propriedades

BANCO DO ALENTEJO

peças

FIA T

CARLOS EDUARDO TROVÃO, LDA.

Av. João XXI, 68-A-68-C Telef. 771014-771010 Lisboa-1

ESTUDANTES!

IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO

CISNE

RECEPÇÃO ATÉ 31. MARÇO 71

Pires d'Oliveira, L.ª

com sede na Calçada Marquês de Abrantes, n.º 103. Pede a todos os credores uma reunião para o dia 20 de Janeiro, às 15 h.

EXCURSÃO A MACAU**POR 12 CONTOS (IDA E VOLTA)**

A Casa de Macau em Lisboa comunica-nos que vai promover, de 1 a 23 de Setembro, uma romagem a Macau, em que deverá participar cerca de 180 dos seus sócios e respectivos familiares.

A inscrição para a viagem deverá ser aberta dentro de dias, destinando-se a sócios e

familiares. Preço: 12 contos (ida e volta).

A comissão organizadora é constituída pelos srs. general Flávio dos Santos, prof. Armando de Oliveira Hagatong, dr. Carlos Estorninho, eng.º Luis Guimarães Lobato, comandante José Matoso, Rogério Leão, dr. Angelo Almeida Ribeiro e dr. Antero Taborda.

Em três linhas

Por escritura hoje publicada no «Diário do Governo» foram fundadas as sociedades anónimas Publicações das Listas Telefónicas, com sede no Largo de Frei Luís de Sousa e a Imprimarte — Publicações e Artes Gráficas, com sede na Tr. da Condesa do Rio, 7 e 9.

///

Foi afretado para transporte de tropas e material de guerra o navio «Vera Cruz», da Companhia Colonial de Navegação, a partir de 15 de Fevereiro.

Foi afretado o navio «Uíge», da Companhia Colonial de Navegação, a partir de 1 de Março.

///

Foi nomeado secretário do Governo Civil de Castelo Branco o dr. Alcino Milheiro da Costa e Silva.

NOVO DOUTOR EM MEDICINA

Terminaram esta manhã as provas de doutoramento do dr. António Pinto Teixeira, que desde ontem estavam a decorrer na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

O candidato, que dissertou acerca de «Tumores odontogénicos, contribuição para o seu estudo», foi aprovado com 19 valores.

DETIDA PELA P. J. A MÃE (ELEGANTE) DA PEQUENA CARLA

Já foi encontrada a jovem mãe que, na semana passada, abandonou a filha de 9 meses nos braços de uma ama.

Emília Pereira entrava precisamente na casa em que tinha deixado a filha (Carla), quando a P. S. P. ali de atalaja a deteve. Justificação apresentada por

Emília: ausentara-se esse tempo todo a fim de angariar 800 escudos, quantia exigida pela ama para cuidar do bebé.

Como tem 120 dias de prisão a cumprir por assalto a uma «boutique», ignora-se por enquanto, o destino da pequena Carla.

BOM APETITE**CASTANHEIRA**

E. de Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

DOÇARIA REGIONAL CASEIRA

CAFÉ INCONFUNDIVEL NO

BAR RIBATEJO

PRAÇA DO AREIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

RESTAURANTE**antónio**

RUA TOMAS RIBEIRO, 63 (Junto do Metro)
DIARIAMENTE AÇORDA DE MARISCO
AMANHÃ: Lampreia à moda do Minho
ABERTO AOS DOMINGOS

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE
Telheiros de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES
AOS SABADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

RESTAURANTE MONDEGO

COZINHA A PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

SOLAR DO MINHO

Rua do Vigário, 60—Alfama
(St.º Estêvão) — Tel 866811
COZINHA MINHOTA
ALMOÇOS e JANTARES
cada dose 20\$00

RESTAURANTE CUNHA

SALA PARA BANQUETES
GERENCIA DE CUNHA
PROPRIETARIO DO RESTAURANTE CENTRAL DE PARIS
AV. PARIS, 4-A - Tel 126968

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ**ADJUNTO DA DIRECÇÃO COMERCIAL****Exigimos:**

- Capacidade e dedicação pelo trabalho
- Experiência e gosto no campo da promoção de vendas
- Aptidão para chefia de equipa de promotores
- Boa apresentação e facilidade de argumentação
- Idade compreendida entre 25 e 35 anos

Oferecemos:

- Remuneração fixa até 10 000\$00 mensal
- Remuneração variável consoante o montante de contratação
- Lugar estável e com possibilidade de futura melhoria consoante as provas dadas no exercício da função
- Outras regalias a determinar

Resposta a este jornal, ao n.º 696

VENDE-SE

PRÉDIO DE GRANDE VOLUME NA AVENIDA DA REPÚBLICA

RENDIMENTO ANUAL 436.320\$00

Com possibilidade de aumentar 2 andares

TRATA:

FERMIN GALLEGO

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 23, 1.º — LISBOA — TELEFONES 4 59 34 - 4 62 59

SOCIEDADE DE ANESTESIOLOGIA

A Sociedade Portuguesa de Anestesiologia (secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa) inaugura hoje, às 22 horas, o seu ano académico 1971-1972, com uma sessão solene, durante a qual faz uma conferência (intitulada «Antagonistas dos relaxantes musculares; intoxicações pelos anticidimetálicos») o prof. Francisco Elío Membrado, catedrático de anestesiologia e reanimação da Faculdade de Medicina da Universidade Central de Madrid.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL AGRÍCOLA

Os secretários de Estado da Agricultura e do Trabalho e Previdência assinam, na segunda-feira, um acordo de cooperação sobre Formação Profissional Agrícola, estabelecendo assim uma conjugação de esforços entre o Ministério das Corporações e a Secretaria de Estado da Agricultura.

A cerimónia decorrerá às 10 e 30 na Estação de Estudos de Reprodução Animal da Venda Nova, onde tem estado em funcionamento um curso de auxiliares de inseminação artificial, promovido pela Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, que nesse dia será encerrado.

ATINGIDO A TIRO UM «RATO» DE AUTOMÓVEIS

Esta madrugada, quando três indivíduos assaltavam um automóvel na Rua do Possolo, foi alvejado a tiro por um guarda da P. S. P., um dos componentes do grupo, Manuel Eugénio Araújo Borges, sapateiro, morador na Rua A, 130-A, ao Bairro da Liberdade.

Atingido numa perna, recolheu ao Hospital de S. José, onde ficou internado sob prisão.

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65=100)

	8/1/71	15/1/71	Desvio %
GERAL	153,9	154,0	+0,1
METROPOLITANAS	149,0	149,2	+0,1
Bancarias	296,3	297,2	+0,4
Electricas	93,6	93,6	0
Industriais	119,1	119,0	-0,1
Diversas	150,2	150,2	0
ULTRAMARINAS	190,0	189,6	-0,2
Angolanas	196,9	196,5	-0,2
Mozambicanas	110,7	110,2	-0,5

MOCAR, LDA.

PARTICIPA A TODOS OS SEUS CLIENTES E FORNECEDORES QUE OS SEUS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS MUDARAM PARA A RUA TENENTE ESPANCA N.º 31-1.º, TELEFONES 768107, 768168, 768170 e 761072.

PROMOÇÃO MÉDICA

Para o Continente e Ilhas com boa prática de Hospitais e Clínicas. Oferecem-se boas condições em Laboratórios de prestígio internacional.

Referências e ordenado pretendido ao n.º 695 deste jornal.

«MECÂNICO»

Admite-se, para instalação de Armazenagem de produtos petrolíferos.

Idade máxima 35 anos

— Obrigações militares cumpridas

— Cartão de condução de pesados

Condição preferencial residência no concelho de Almada.

Resposta manuscrita ao n.º 698 deste Jornal.

A edição das canções do Grande Prémio TV

Do Serviço de Relações Públicas da R. T. P. recebemos uma carta em que se agradece ao «Diário de Lisboa» a atenção dedicada (em primeira página) ao assunto da proibição de qualquer forma de publicidade, antes do dia 1 de Março, a letra e a música da canção a apurar para o Festival da Eurovisão. Diz-se, nomeadamente, na carta:

«O Regulamento do Concurso da Eurovisão fixa, efectivamente, o dia 1 de Março de 1971 como data limite para a obrigatoriedade do ineditismo das canções concorrentes ao Grande Prémio Eurovisão da Canção. O mesmo regulamento, no entanto, também como data limite, fixa esse mesmo dia 1 de Março de 1971 para se apresentarem em Dublin, onde se realiza o Festival da Eurovisão, e em Geneve, na secretaria da U. E. R., as orquestrações definitivas da canção concorrente, as partituras para a orquestra de Dublin de acordo com a sua composição, o material fotográfico e biográfico dos artistas, autores, compositores, maestros e instrumentistas intervenientes, a letra da canção traduzida e adaptada para francês e inglês e uma gravação magnética com a orquestração definitiva. Não é materialmente possível fazer todo este trabalho em 24 horas; oito dias é o mínimo de tempo indispensável.

«Acontece, porém, que na semana anterior ao Festival

de Dublin é Carnaval — e que não há em Lisboa nenhuma sala disponível para o espectáculo de gala, alguns dos artistas têm compromissos de actuação noutros espectáculos, assumidos há muito tempo, e a quadra não parece ser a mais adequada. Fixou-se o dia 11 de Fevereiro ponderando todos estes factores — e ainda o de ser um dos dias da semana com menor frequência habitual do público aos espectáculos teatrais e cinematográficos.

«A R. T. P., para além de ver menos brilhante esta sua iniciativa de promoção da música ligeira portuguesa, não corre risco algum com a divulgação extemporânea das letras e músicas das canções concorrentes ao Grande Prémio da Canção, contra a letra dos regulamentos. Só os autores das canções seleccionadas o podem correr, vendo-se impossibilitados de comparecerem em Dublin. As casas editoras de discos, por outro lado, só costumam lançar o seus produtos depois de uma campanha promocional que, neste caso, é constituída por toda a publicidade feita à volta do Festival de Lisboa e do de Dublin.»

É agora a nossa vez de agradecer à R. T. P. os esclarecimentos prestados. Mantemos, no entanto, que a referida cláusula do Concurso da Eurovisão, por oferecer mais inconvenientes que vantagens, deveria ser revista — e é tudo!



Por falta de espaço ou por má-vontade, há funcionários camarários que se recusam a recolher os pedaços de pinheiro que serviram de árvore de Natal em muitas residências de Lisboa. Entretanto, há crianças que se regalam, espalhando-se sobre os troncos de onde penderam os pacotinhos do seu sonho...

NOTÍCIAS BREVES

- ★ É possível que Artur Ribeiro venha a ser atracção de um dos restaurantes típicos lisboetas, interpretando apenas as suas próprias composições
- ★ Confirma-se que Leonor Santos, agora no elenco da «Parreirinha de Alfama», se desloca ao Brasil, a convite do empresário Joaquim Saraiva, para se integrar no elenco do restaurante «Lisboa à Noite», em Copacabana.
- ★ Alcindo de Carvalho, do elenco da «Adega Mesquita» gravou um programa de fados, a transmitir oportunamente pela R. T. P., tendo interpretado: «Sabes bem» (Alves Coelho, Filho); «Sombras de pranto» (João Maria dos Anjos-Clemente Pereira), «Quadradas soltas» e «Já não roda a tua saia» (Jaime Santos-Clemente Pereira). Foi acompanhado por um conjunto constituído por Francisco Carvalhinho e Manuel Mendes (guitarras), Carvalhinho Junior e Raul Silva (violões).

o fado e o folclore — restaurantes típicos

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernanda Santos, Maria Amélia Proença, Alcindo de Carvalho, Jaime Santos, António Proença * Rua Diário de Notícias, 107 * Telefone 328307 * Encerra aos domingos.

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argemiro Santos, João Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flávia Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: Manuel Martins e Miguel Ramos * Consumo mínimo 50\$00 * Beco do Espírito Santo, 1 * Telef. 868209

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fátima Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * Encerra aos domingos * Consumo min. 90\$00 * Beco dos Cortumes, 10 * Telef. 860816

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Cândida da Conceição, Julieta

Maria e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Villar e António Pessoa * P. da Alegria, 58 * Tel. 367093 * Encerra 2ª segunda-feira

SOLAR DO MINHO

Cozinha minhota. Todos os dias almoços e jantares * Dose: 20\$00 * Rua do Vigário, 60 * Telefone 866811

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal: Fernando Guerra, Julieta Brigue, Lidia Ribeiro, Marina Rosa, Amélia Lima, António Chalhinho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Aveirino, Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves * Cons. min. 150\$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telef. 35007-323406 * Encerra ao domingo. Reabre em 1 de Fevereiro.

TIMPANAS

cantam: Fátima Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvidas Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabra e Fernando Alvim

Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Cantões do Minho por Quim Barreiros * Cons. min. 61\$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rola 24 * Telefones 676655-672431

A SEVERA

cantam: Alice Maria, Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarela de Portugal» * Rua das Gáveas, 57 * Telef. 384006 * Encerra à quinta-feira

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima da Rosário, Zília Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto * Cons. min. 40\$00 * Travessa da Espera, 8 * Telefone 35464 * Encerra às 5 da madrugada

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Erinda, Odete Mendes, Plínio

Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha e Trav. da Quelmada, 10-16 * Telefones: 362889-328503

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: Torquato Lopes e José Inácio * Cons. min. 50\$00 * R. das Taipas, 14 * Tel. 327256

A KAVERNA

cantam: Celeste Maria, Tino Santos, Renato Mota. Tocam: Armando Maia e José Maria Carvalhinho * Cons. min. 90\$00 * Travessa dos Fiéis de Deus 37 * Telef. 35593

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Dina Cardoso, Armando Miranda. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» * Cons. min. 50\$00 * R. da Barroca, 133 * Telef. 36960 e 30532 * Encerra às terças-feiras

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * Cons. min. 30\$00 * Rua das Trinas, 67 * Telef. 669857 * Encerra ao domingo

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amodeo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Tró Aroutos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Manuel Martins * Cons. min. 70\$00 * Rua do Norte, 91 * Telef. 30095-328713 * Encerra à segunda-feira

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Leonor Macedo, João Cabral, Rossana Lima. Tocam: Acácio Gomes e Armando Ferreira * Encerra aos domingos * Rua da Adiga 9 * Telef. 86345

O FORCADO

cantam: Anónimo Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva *

Cons. min. 40\$00 * Rua da Resa 219 * Telef. 368579

GUIARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha, Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis * Encerra ao domingo * Cons. min. 35\$00 * Largo do Penelheiro 7 (Alfama) * Telefone 868505

BALEIRIA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva * Encerra às segundas-feiras * Cons. min. 40\$00 * Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) * Telef. 213259

O CASTIÇO

Rua Gilberto Rola, 67-1.º * Alcântara * Telef. 670463 * canta: Sílvia Pinto. Tocam: Jorge Canedo e Mário Cotrim.

TABUINHAS

Restaurante típico * Fados e guitarradas * Beco Esconso, 7 (à Rua Visconde da Luz) * Cascais * Telef. 284060

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

GUIARRA DA MADRAGOA

Aberto todos os dias * Rua da Esperança, 174 * Telef. 661915 * Cons. mínimo 50\$00

A FURNA

Rua Ferreira Lapa, 38-D (à Av. Duque de Loulé) * Telefones 534466-561949 * Música gravada. Celas até às 3 horas. Encerrado aos Domingos.

ARCHOTE-CLUB

Discos * Rua D. Filipo de Vilhena.

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A * Telef. 48384 * Conj. Halder Reis * Encerrado aos domingos

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 * Telef. 370889 * Poesia com Cordeiro da Silva * Encerra às 3 e 30.

MAXIME

Conjunto 6 * Recepção e Maximiliano * «Show» turístico * Va-

riedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro * SINTRA Encerra à meia-noite * Telef. 981661 * Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 * Campo Grande * Telef. 770172 * Encerra às 3.30.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) * Telef. 367136 * Encerra às 3 horas

SNOB

Rua de «O Século», 178 * Telef. 33723.

TAGIDE

Variedades. Conjunto Zé Pedro * Largo da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto * Avenida Duque de Loulé, 69 * Telef. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório * Discos recebidos directamente de

Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Rua Carlos Reis, 51-A * Telef. 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telef. 264526-264596-264621-264748.

FORTE VELHO

Pago * S. João do Estoril * Telef. 261337.

CURTO-CIRCUITO

Rua dos Correios, 216 * Telef. 363572 * Aberto das 18 às 3.30

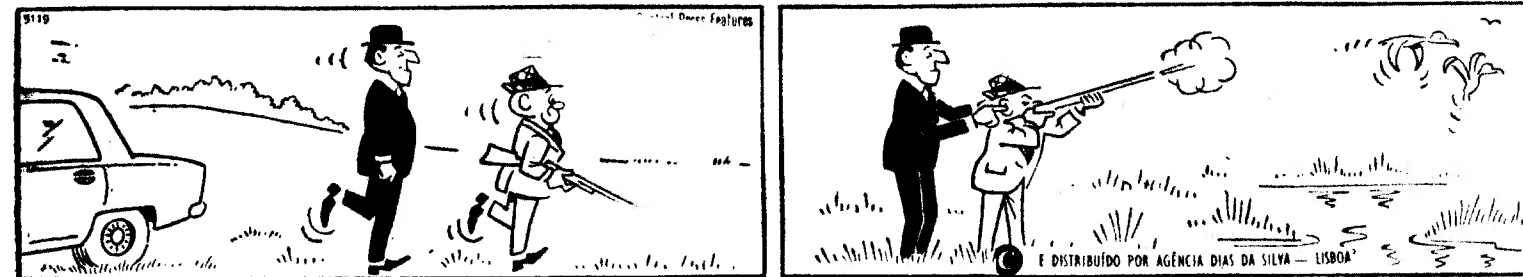
Os Peanuts



Carol Day



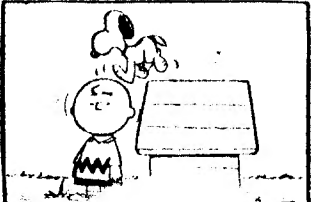
Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Janeiro de 1971 publicava:

«Aquilino Ribeiro traduziu e prefaciou, com muito esmero e brilho, a obra de António de Gouveia intitulada «Em Prol de Aristóteles». Verdadeiro trabalho de Herócles em que o mestre romancista gastou a vista e a paciência. Gouveia, no século XVI, ataca Pierre de la Ramée, que se dispunha a sacudir o jugo do aristotelismo. Depois dos largos trabalhos de reconstrução e interpretação realizados na nossa época, o filósofo de António Gouveia parece-nos bem artificioso: — «Estou persuadido, Pierre de la Ramée, que, se em vez de denegrires Aristóteles, tu votasses a celebrá-lo granjarias glória não menor.» «Pierre de la Ramée deu e levou no combate inerte de que «Em Prol de Aristóteles» é uma pálida voz de além da campa.»



PEANUTS

24 títulos publicados
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
Distribuidores exclusivos: LIVRARIA QUADRANTE

Palavras cruzadas

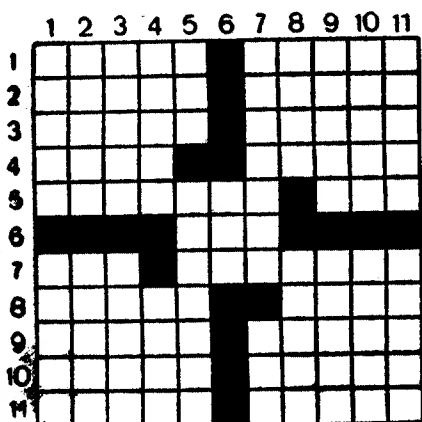
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5776

HORIZONTAIS: 1 — Apanhar. Guarnecer de asas. 2 — Amargo. Caixas revestidas de couro ou lona. 3 — Calada (fig.). Agita. 4 — Estômago (fig.). Borrifoi. 5 — Sofrer (fig.). Suspiros. 6 — Pronome pessoal. 7 — Oceano. Tornasse por de rosa. 8 — Freguesia do concelho de Guimarães. Aquele que. 9 — Dar tacada. Mancha que produz na pele o fogo, quando se aproxima muito do corpo. 10 — Termina. Dinheiro. 11 — Oportunidades. Sacrifica.

VERTICAIS: 1 — Carepa. Assassinar. 2 — Causam amargor. Anorexia da América e Brasil. 3 — Nome de peixe. Desbarbar. 4 — Sabor picante. Percebe. 5 — Rote. Crianças. 6 — Para barlavento. 7 — Seguros com amarra. Dois mil e um em romano. 8 — Está certo de. Da parte de. 9 — Inunda. Ancorado. 10 — Amorfina. 11 — Guarnecido de asas. Mete em mala.

Resolva completamente este problema? Agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5775

HORIZONTAIS: 1 — Apartar. 2 — Caro. 3 — Aires. Renal. 4 — Varas. Rato. 5 — Ser. 6 — Em. Senão. 7 — Cão. 8 — AMOR. Erava. 9 — Bãçem. Azeite. 10 — Ademar. Teor. 11 — Ramonadeira.

VERTICAIS: 1 — Aca. Recamar. 2 — Pais. 3 — Anão. Sacam. 4 — Rentes. Reno. 5 — Sane. Man. 6 — A. C. Vence. Ra. 7 — Içara. 8 — Eter. Orate. 9 — Manas. Avet. 10 — Orates. Arar. 11 — Salário. Ara.

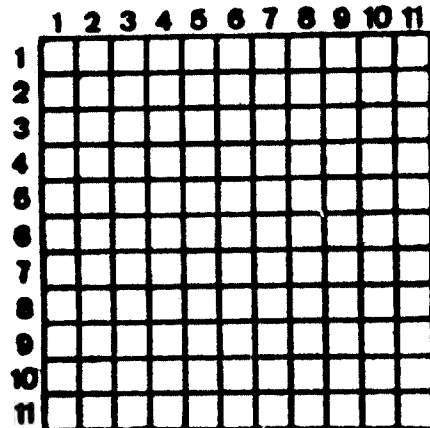
Provérbio: O AMOR VENDE.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9619

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho e distrito de Aveiro. Congelara. 2 — Paixão. Demoradas. 3 — Freguesia do concelho de Paredes de Coura. Monusanto (abrev.). 4 — Troça. Combina. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! 5 — Passada. Freguesia do concelho de Loulé. 6 — O mesmo que âmio. Oferece. 7 — Lanças o arpejo a. Anel. 8 — Nome de jogo. Igual. Grémio (s. q.). 9 — Estreito de desmoroamento. Cingira. 10 — Meter em mala. Um dos melhores oradores latinos do século I. 11 — Grave. Conduzir para cá.

VERTICAIS: 1 — Indivíduo negro que, habita a Catraria ou é originário de lá. Azedos. 2 — Estimer. Ordene. 3 — Colónia. Solugo. Atmosfera. 4 — Atasta. Naquela lugar. 5 — Pronome pessoal. Rio do estado do Paraná. 6 — Cinquenta e dois em romano. Família. 7 — Criança. Rio da Suíça. 8 — Eia! Arvorar. 9 — Atomo. Grande cão de fila. Peneira em furos. (Bras.). 10 — Linha secundária de Caminho de Ferro. Acreditat. 11 — Queimar. Encolizara.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9618

HORIZONTAIS: 1 — Sá. Razão. Pa. 2 — Ambar. Ripar. 3 — Girem. Trigo. 4 — Arara. Aotos. 5 — Vá. Sá. 6 — Ma. Cai. Sa. 7 — Te. Brote. Pa. 8 — Armão. Ossas. 9 — Içar. Ajra. 10 — Par. Céu. Att. 11 — Arena. Temas.

VERTICAIS: 1 — Sagan. Tapa. 2 — Anir. Marcar. 3 — Brava. Maré. 4 — Roera. Bar. 5 — Arma. Grã. Ca. 6 — Cão. Be. 7 — Arta. Ita. Ut. 8 — Oiros. Oca. 9 — Pitos. Siam. 10 — Pago. Aparta. 11 — Gosa. Asais.

ADMITE-SE EMPREGADO

Empresa Internacional de equipamento de escritório admite empregado que a represente junto dos seus clientes, a nível directivo, nas regiões de Coimbra e Aveiro.

Oferecemos treino para a função, estabilidade profissional, remuneração anual de 54.000\$00 acrescida de um bom esquema comissional, subsídio de transporte e diversas regalias sociais.

Indispensável o 5.º ano liceal ou seu equivalente, gosto por contactos sociais, carta de condução e situação militar totalmente resolvida.

Resposta ao n.º 686 deste jornal em carta manuscrita, indicando idade e informações que julgar de interesse.

VENDEDORES/AS

Admite grande organização Editorial, para o preenchimento de vagas do seu quadro de pessoal de Promoção de Vendas.

Curso Remunerado e lugar estável.

Resposta ao n.º 693.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

PORTO-BENFICA

31 de Janeiro

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, dois comboios especiais de Lisboa ao Porto, e volta, nos dias 30 e 31 de Janeiro, por ocasião do desafio de futebol «Porto-Benfica», ao preço de 130\$00.

HORARIO

IDA	Volta
Dias	Dia 31
14-51	6-55
19-32	11-13
Bilhetes à venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).	

HORARIO DOS COMBOIOS ZONA SUL

Prevê-se o Público de que, a partir do dia 15 de Janeiro de 1971, são feitas diversas alterações ao horário em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

Linha do Sul — (circulações ascendentes e descendentes)

Linha do Sado e Ramal de Sines;

Linha de Évora e Ramais de Reguengos e Moura;

Ramais de Montijo — Montemor — Ajustrel e Moura;

Via Fluvial e Transvias — Lisboa — Barreiro e Lisboa —

— Praias — Sado;

Via Fluvial e Transvias — Barreiro — Lisboa e Praias —

— Sado — Lisboa.

O pormenor destas alterações consta dos Cartões. Horários afixados nas estações e nas Secções de Informações ao Público.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

VITÓRIA (CONDICIONAL) DO COOPERATIVISMO ISENTA DE CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL A ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES

Uma sentença do dr. Francisco Rodrigues Pardal, juiz de Direito do 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, considerou isenta de impostos a Associação dos Inquilinos Lisbonenses, considerando tratar-se de uma sociedade cooperativa de consumo, e por isso, abrangida pela isenção prevista no art.º 14.º n.º 10 do Código da Contribuição Industrial. Em consequência desta doutrina a sentença anula a contribuição industrial (grupo A) liquidada com referência aos exercícios de 1964, no total de 378 129\$00.

Esta decisão judicial (sujeita a recurso obrigatório por parte do Ministério Público) representa o justo reconhecimento legal dos direitos da Associação dos Inquilinos Lisbonenses e de cooperativas similares e reveste-se, consequentemente, de importância para o futuro do cooperativismo em Portugal. As precárias condições financeiras em que muitas das cooperativas portuguesas vivem não serão agravadas se o tribunal de 2.ª instância confirmar a decisão do juiz Francisco Rodrigues Pardal.

A Associação dos Inquilinos patrocinada pelo dr. Mariano Roque Laia, impugnou a liquidação da contribuição industrial (grupo A), arguindo a inexistência do facto tribu-

tário e violação de lei expressa.

Fundamentou-se o dr. Roque Laia no facto de a A. I. L. ser uma cooperativa de consumo que só transacciona com sócios seus. Nos termos legais (art.º 223.º do Código Comercial e n.º 10 do art.º 14 do Código da Contribuição Industrial), essas cooperativas estão isentas de contribuição industrial. A Associação dos Inquilinos Lisbonenses e, por outro lado, uma cooperativa *sui generis*, tendo como fins principais fornecer habitação aos seus associados, em regime de inquilinato cooperativo, e prestar assistência aos seus sócios, em caso de litígio com os respectivos senhorios. Consequentemente, sempre a Associação se considerou e foi considerada isenta de contribuição industrial. Além, nem a A. I. L. é uma sociedade comercial nem exerce qualquer actividade por conta própria, nem realiza lucros.

Reforçando a sua argumentação, o advogado da Associação invoca decisões dos mais altos tribunais portugueses — o Supremo Tribunal de Justiça e o Supremo Tribunal Administrativo e um parecer do actual primeiro-ministro publicado no «Boletim Cooperativo» (n.º 85, Outubro de 1960), segundo o qual a actividade exercida pelas cooperativas, quer na produção ou aquisição de géneros para consumo exclusivo dos seus sócios, não é considerada comercial ou indus-

trial e está, consequentemente, isenta de pagamento da contribuição industrial.

A EMPRESA COOPERATIVA

Na sua resposta, o Ministério Público conclui pela improcedência da impugnação da liquidação da contribuição industrial, argumentando que a legislação vigente, ao falar em cooperativas de consumo se refere apenas às de consumo pessoal, o qual consiste na compra para revenda aos sócios das mercadorias e produtos necessários à satisfação das suas necessidades.

A sentença começa por recordar o quadro histórico do aparecimento das cooperativas como «reação ao sistema liberal da economia».

Os suportes da instituição cooperativa são, segundo a

sentença, a associação (agrupamento de pessoas) e a empresa (organização que permite a actividade respectiva).

A sentença opina ainda que as cooperativas são sociedades comerciais, empresas de natureza económica, na medida em que praticam actos comerciais com fins lucrativos. Quanto à A. I. L. trata-se de uma cooperativa de consumo, na medida em que presta serviços aos seus associados — ao contrário do entendimento do agente do Ministério Público.

Finalizando, o juiz do 1.º Juízo do Tribunal de Contribuições e Impostos, considera que o art.º 14, n.º 10, do Código da Contribuição Industrial, ao isentar da contribuição as cooperativas de consumo que negociam exclusivamente com os seus associados, se aplica à Associação dos Inquilinos Lisbonenses.

O CORREIO CHEGA TARDE E A MÁS HORAS À VILA DE MEDA

MEDA, 16 — Desde há longo tempo que se vem verificando periodicamente um mau serviço no que respecta à recepção das correspondências através da Beira Alta e Douro, nos dias em que os comboios circulam com atraso. Nesses dias a empresa de serviço público que tem a seu cargo o transporte das malas do correio, para cumprimento dos seus horários, não aguarda a chegada das composições, e muito bem, pois assim garante as ligações aos utentes do percurso das respectivas carreiras entre a linha do Douro e da Beira Alta.

Se a C. P. não cumpre o dever de bem servir o público, garantindo com

precisão os seus horários, então a Administração dos C.T. tem de assegurar o transporte das malas a fim de as correspondências cheguem ao destino dentro das horas estabelecidas. No nosso entender, devia dispor, de viaturas que aguardassem a chegada dos comboios das estações onde se verifica a permuta das malas.

Evitar-se-ia, deste modo, que as correspondências que circulam pela Beira Alta, e que regularmente chegam pelas 9 e 30, fossem distribuídas pelas 20 horas, e mais, o que provoca um atraso de cerca de 10 horas e a impossibilidade de se responder, em casos urgentes, no mesmo dia.



O presidente do município do Cadaval quando discursava durante a sessão solene comemorativa do sexto centenário do Cadaval

Iniciadas as comemorações do sexto centenário do Cadaval

Para assinalar o início das comemorações do sexto centenário do Cadaval, rea-

lizou-se uma sessão solene no salão dos Bombeiros Voluntários daquela vila, acto que teve a presença dos deputados D. Maria Raquel Ribeiro e brigadeiro dr. Ricardo Horta, que ocuparam lugar na mesa de honra, ao lado do sr. José Alberto Coelho Duarte, presidente do município do Cadaval. Presentes ainda representantes das autoridades locais e de todas as freguesias do concelho.

Foram oradores, o dr. Leonel Ribeiro, que dissertou sobre as raízes históricas da vila, Zacarias Vivas, presidente do Grémio da Lavoura, dr. João Pascoal Coelho Duarte, director do novo jornal regionalista «Notícias do Cadaval», os deputados e o dr. Rui de Moura Guedes. Encerrou a sessão o presidente da Câmara do Cadaval.

Hotel Baltum

PRECISA

Chefe de Sala
Chefe de Turno
Ajudantes de Turno
3.º Cozinheiro
Ajudantes de Cafeteiro
Chefe de Recepção
Ajudantes de Recepção
Porteiros de Noite

Resposta ao Apartado 22 — Albufeira, com «curriculum vitae» e ordenado pretendido. Dá-se preferência a quem tenha carteira profissional.



TORRALTA

UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS
LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A

Atenta à evolução do nosso tempo
a TORRALTA promove o turismo
realizando empreendimentos
e possibilitando a todos
a sua integração no seu progressivo
e contínuo desenvolvimento.
Mesmo que disponha de pouco capital
pode participar
em todos os empreendimentos turísticos
da TORRALTA.
Conheça todas as opções
que a TORRALTA lhe proporciona
e decida depois.

PROJECTO DO SISTEMA ESCOLAR PORTUGUÊS

QUE O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL SUBMETE A AMPLA A

do seguinte teor o Projecto do Sistema Escolar ditado pelo Ministério da Educação Nacional:

Apresenta-se neste documento o projecto da estrutura de um novo sistema de ensino, que substitua o actual, visando a promover a melhoria e profunda renovação do ensino em Portugal. Espera-se, e deseja-se, que a análise ampla do projecto, para divulgação, venha a contribuir para a definição do sistema educativo português e permita recolher elementos valiosos que conduzam a outras iniciativas que completem e enriqueçam. Pretende-se, assim, alargar todos os portugueses a responsabilidade pela renovação educativa, não a atribuindo, limitativamente, ao governo ou à Administração Pública.

O presente documento consta basicamente de uma descrição do projecto do novo sistema escolar, acompanhada de dois organogramas, que esclarecem, graficamente, os seus aspectos essenciais, e da necessária fundamentação na qual se sintetizam, por seu turno e do ponto de vista doutrinário, os princípios que presidiram à elaboração do projecto.

Estrutura do novo sistema escolar

O sistema escolar que se propõe compreende três níveis de ensino: primário, secundário (1.º e 2.º ciclos) e superior.

Barbosa, Esteves & C., Lda

OURIVES-JOALHEIRO
293 - RUA DA PRATA - 295
COMPRA E VENDA AS SUAS
JOIAS NESTA ACREDITADA
CASA DA ESPECIALIDADE

LICENCIADOS

(DIREITO, ECONOMIA, FINANÇAS, ENGENHARIA E MEDICINA)

PRECISAM-SE PARA DESEMPENHAR FUNÇÕES TÉCNICAS.

SERÃO ADMITIDOS COMO ESTAGIÁRIOS POR UM PERÍODO MÁXIMO DE SEIS MESES (REMUNERAÇÃO 7 100\$00) COM ACESSO A LUGARES REMUNERADOS ENTRE 7 800\$00 e 9 400\$00 COM PERSPECTIVAS DE CARREIRA PROFISSIONAL.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 692

O período de escolaridade obrigatória — ensino básico — abrange o ensino primário e o 1.º ciclo do ensino secundário, devendo ser antecedido, na medida do possível, de um período de dois anos correspondentes à educação pré-escolar, que será assegurada por jardins de infância.

O ensino primário é ministrado em escolas primárias ou em estabelecimentos congêneres e tem a duração de 4 anos, devendo a criança completar seis anos de idade até 31 de Dezembro do ano da primeira matrícula.

O 1.º ciclo do ensino secundário, ministrado em escolas preparatórias, abrange dois períodos, de dois anos cada, correspondendo o primeiro a um curso de observação com índole diferente do actual ciclo preparatório e onde se visa o acompanhamento da evolução psicopedagógica dos alunos. O segundo período é já um curso de orientação, focado sobre o desenvolvimento das aptidões dos jovens e possibilitando a escolha racional da via escolar ou profissional que melhor se coaduna com as suas propensões naturais.

Terminada a escolaridade obrigatória, seguem-se os cursos gerais do 2.º ciclo do ensino secundário, que terão a duração de dois anos.

Segundo o projecto, estes cursos oferecem-se em três vias diferentes e caracterizam-se pela diversidade no grau de incidência que se confere ao ensino de disciplinas no domínio das letras e ciências puras, ciências aplicadas e respectivas tecnologias e, bem assim, no que respeita à estética e artes aplicadas. No entanto, qualquer que seja a via por que se opte, garantir-se-á sempre uma conveniente formação humanística. Aos cursos gerais do 2.º ciclo do ensino secundário seguem-se os respectivos cursos complementares,

também com duração de dois anos.

Todo este ensino — curso geral e correspondente curso complementar — será ministrado em estabelecimentos genericamente designados por liceus.

Liceus clássico, técnico e artístico

Além do curso complementar dos liceus prevê-se a existência, em instituições especiais do ensino secundário, de outros cursos análogos visando determinadas formações específicas.

Embora se deseje que os liceus venham a revestir um carácter polivalente, de forma a que qualquer modalidade normal do ensino secundário possa ser ministrada no mesmo estabelecimento, reconhece-se a impossibilidade material de dar imediata execução a este pensamento. Assim, numa primeira fase, mas apontando já para o objectivo enunciado, prevêem-se três tipos de estabelecimentos: o liceu clássico, o liceu técnico e o liceu artístico, correspondendo aos graus de incidência curriculares anteriormente referidos.

O curso geral do liceu clássico é uniforme pelo que se refere ao plano de estudos básicos, sendo estruturado de modo a que a formação adquirida permita uma imediata inserção em determinadas actividades profissionais, na eventualidade de abandono do sistema escolar nessa fase. O curso complementar corresponde a um período de orientação pelo que os seus planos de estudo compreenderão disciplinas obrigatórias e optativas.

Esta estrutura é mais flexível que a do sistema por "alíneas" e adapta-se melhor à diversidade de vocações e interesses, garantindo uma maior individualização do ensino. E, assim, os alunos, além de serem naturalmente orientados para cursos que melhor correspondam às suas propensões naturais, têm sempre a possibilidade de, pela conveniente escolha das disciplinas optativas, receberem a indispensável preparação para efeitos de acesso a mais de um curso superior.

Nos liceus técnicos, como se disse, prevêem-se também dois cursos: um geral e um complementar, de duração igual à dos liceus clássicos. O primeiro garante formação básica que prepare o acesso a certas actividades profissionais. O curso complementar, além de aprofundar

dar os conhecimentos científicos e de preparar o acesso a certos cursos superiores, proporciona uma formação especializada a nível mais elevado.

Os liceus artísticos, englobando conservatórios e escolas de artes visuais, asseguram o ensino da música, canto, dança, arte dramática, artes plásticas, etc., a par de uma formação geral equivalente à dos liceus clássico e técnico. Os cursos dos liceus artísticos podem funcionar

artístico, respeitadas ainda exigências similares às definidas para os liceus técnicos, dará acesso a escolas superiores de índole artística.

Bacharéis licenciados e doutores

As escolas do magistério primário, de educadores de infância, de enfermagem, de auxiliares sociais e de instrutores de educação física habilitam ao ingresso, em condições idênticas às formuladas

gogia, onde adquirirão a formação necessária para o ensino das disciplinas correspondentes às respectivas licenciaturas. A licenciatura, obtida nos departamentos de ciências da educação, habilita para o exercício das funções de professor dos estabelecimentos de ensino secundário, sem necessidade de mais requisitos.

Os licenciados nos restantes cursos, que desejem dedicar-se à docência no ensino secundário, deverão efectuar um ano de estágio e o exame de Estado sob a orientação do Instituto Nacional de Pedagogia.

Finalmente, os estudos de pós-licenciatura podem revestir-se de duas modalidades: especialização em determinados domínios do curso correspondente ou iniciação à investigação científica e estudos de preparação para o grau académico de doutor.

Principais inovações introduzidas no sistema

As principais inovações introduzidas no sistema escolar proposto são, em resumo, as seguintes:

a) criação da educação pré-escolar oficial; b) abaixamento do nível etário de ingresso obrigatório na escola primária, que passa a corresponder aos 6 anos de idade; c) aumento de um ano no ensino secundário, compreendendo dois ciclos, cada um com a duração de quatro anos; d) existência de um período de orientação na parte final de cada ciclo; e) uniformização dos estudos no 1.º ciclo do ensino secundário e concomitante observação psicopedagógica dos alunos; f) extensão da escolaridade obrigatória para oito anos, isto é, até ao fim do 1.º ciclo do ensino secundário, que será normalmente atingido a os 14 anos de idade; g) uniformização do estatuto de estabelecimentos do 2.º ciclo do ensino secundário (liceus); h) introdução de um regime flexível com disciplinas optativas no curso complementar dos liceus; i) abolição do exame de aptidão para ingresso no ensino superior; j) extinção do ensino médio especial; l) criação de institutos politécnicos e de outras escolas especializadas de ensino superior; m) generalização do grau de bacharel: nos estabelecimentos de ensino superior; n) criação de departa-

- Criação da educação pré-escolar oficial.
- Escolaridade obrigatória dos 6 aos 14 anos de idade.
- Disciplinas de opção no curso complementar dos Liceus.
- Abolição do exame de aptidão ao ensino superior.
- Grau de bacharel em todos os estabelecimentos do ensino superior.

em estabelecimentos próprios ou integrar-se em liceus clássicos ou técnicos.

Outros cursos do ensino profissional

Paralelamente aos cursos complementares dos liceus encontram-se outros cursos de ensino profissional, nomeadamente os das escolas do magistério primário, de educadores de infância, de enfermagem, de auxiliares sociais e de instrutores de educação física, habilitando para o exercício das profissões correspondentes.

Serão definidos critérios de equivalência entre os cursos gerais das três modalidades do ensino liceal, enquanto estas persistirem na forma apresentada, de modo a garantir-se uma conveniente permeabilidade no 2.º ciclo do ensino secundário, o qual, em coerência com a sua especificidade, se continuará naturalmente no ensino superior.

O liceu clássico dará directamente acesso aos diversos cursos universitários e a outros cursos do ensino superior, mediante a obtenção de classificações mínimas em grupos de disciplinas nucleares, os quais serão constituídos de acordo com a natureza do curso a frequentar.

O liceu técnico, observados requisitos análogos, dará directo acesso a estabelecimentos de ensino superior que proporcionem a formação correspondente aos vários domínios da actividade profissional. Este liceu dará ainda acesso a cursos universitários, mediante exigências especiais a definir caso a caso. O liceu

para os liceus, respectivamente, em escolas normais superiores, escolas superiores de enfermagem, institutos superiores de serviço social e institutos superiores de educação física.

O ensino superior é assegurado por universidades, institutos politécnicos e outros estabelecimentos de índole especial. Algumas escolas universitárias, os institutos politécnicos e outros estabelecimentos especializados do ensino superior conferem, ao fim de igual período de estudos, um primeiro grau a que corresponde a designação de *bacharel* e, quando seja o caso, a um título profissional adequado. As universidades conferem ainda graus de licenciado e doutor.

As escolas normais superiores habilitam para o exercício das funções de professor do 1.º ciclo do ensino secundário.

O grau de bacharel obtido nas escolas normais superiores, em institutos politécnicos e noutros estabelecimentos de ensino superior permite a continuação de estudos nas universidades, pela frequência de ciclos especiais universitários, com vista à obtenção do grau de licenciado. Estes ciclos garantem uma formação básica e de especialidade complementar da obtida na instituição de origem. Os bacharéis pelas universidades poderão concluir a licenciatura nos respectivos cursos ou ingressar em departamentos de ciências da educação, anexas às universidades, e dependentes, no que respeita à orientação pedagógica, do Instituto Nacional de Pedagogia.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Faqueiros de Prata

TODOS OS ESTILOS
FABRICA ESPECIALIZADA

Ourivesaria PIMENTA
R. AUGUSTA, 255 - LISBOA

Capri

Cortina

J. Mendes Coelho, Lda.

R. Alexandre Herculano, 6-A



Transit

Escort

17 M / 20 M

GUÊS

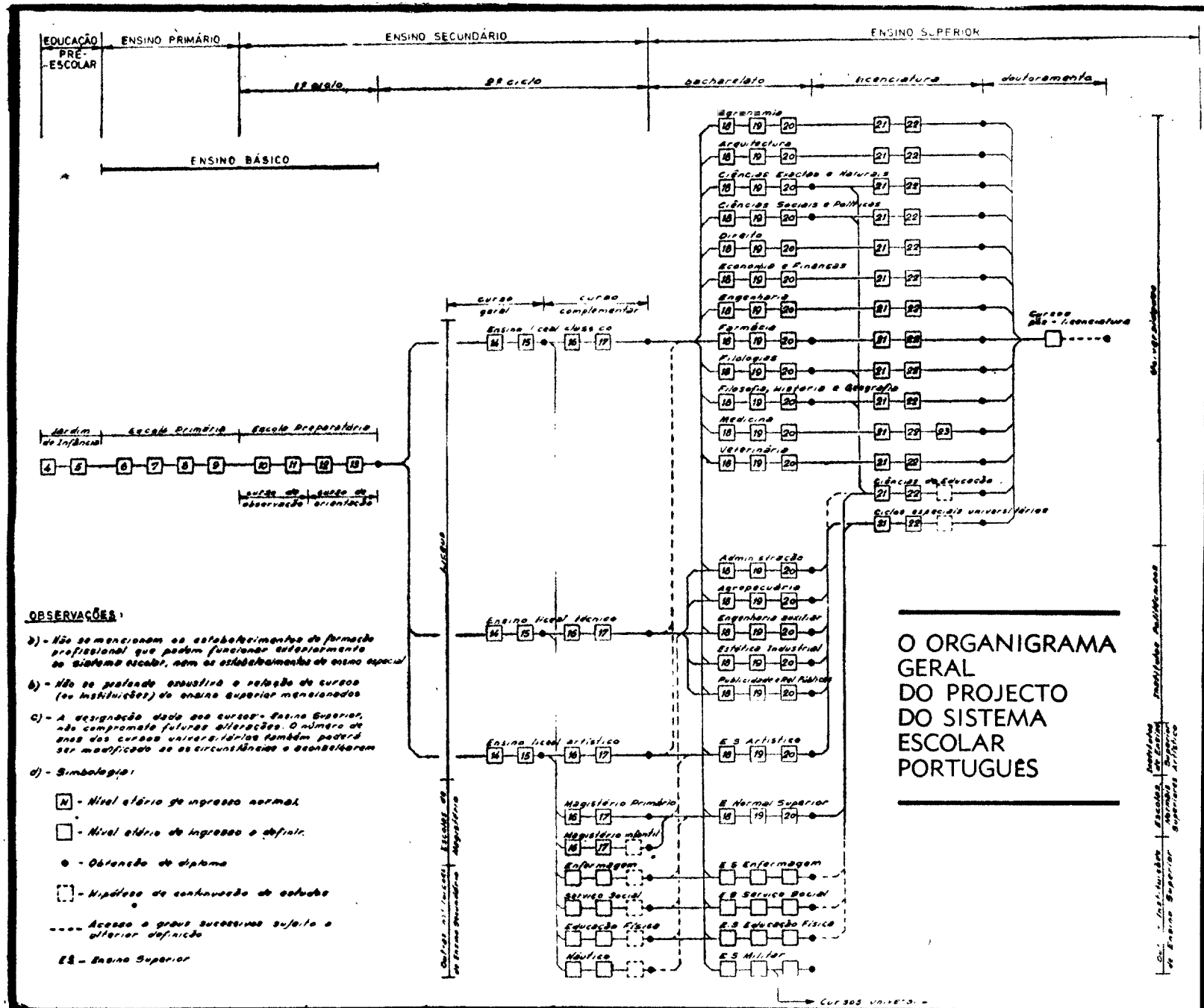
NÁLISE

mentos de ciências da educação nas universidades e institucionalização de um novo sistema de formação de professores do ensino secundário; o) possibilidade de continuação de estudos até à obtenção do grau de licenciado, em face das diferentes opções previstas no sistema escolar.

Sistema aberto, equitativo, diversificado, individualizado e inter-relacionado

O sistema escolar descrito é aberto, uma vez que os candidatos podem atingir os graus mais elevados qualquer que seja a via que tenham seguido e desde que estejam devidamente habilitados; é equitativo, no sentido de que a um período idêntico de estudos corresponde um certificado, diploma ou grau de igual designação, que deve dar análogas possibilidades de inserção na sociedade; é diversificado, dado que apresenta vias extremamente variadas para atingir iguais níveis de formação; é individualizado, ao proporcionar orientação e permitir uma extensa gama de opções ao longo da estrutura proposta, de acordo com as vocações e interesses particulares de cada um; é inter-relacionado, na medida em que, eliminando estrangulamentos e restrições,

(Continua na página seguinte)



O BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO APROXIMOU MAIS O BRASIL DE PORTUGAL

Graças ao novo SERVIÇO DE GESTÃO DE INTERESSES PORTUGUESES NO BRASIL...

... MAIS DE 100 MILHÕES DE LUSO-BRASILEIROS ESTÃO AGORA MAIS UNIDOS PORQUE, EM QUALQUER PONTO DO BRASIL, O ESFORÇO CONJUNTO DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO E DA UNIÃO DE BANCOS BRASILEIROS, FIRMEMENTE ASSOCIADOS PARA A MELHOR REALIZAÇÃO DOS INTERESSES DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA, GARANTE UM SERVIÇO EFICIENTE:

- DE ADMINISTRAÇÃO DE BENS IMOBILIÁRIOS E RESPECTIVAS RENDAS
- DE GUARDA E ADMINISTRAÇÃO DE BENS MOBILIÁRIOS
- DE CONSULTAS SOBRE NOVOS INVESTIMENTOS E REAPLICAÇÃO DE RENDIMENTOS
- DE PROCESSAMENTO DE TRANSFERÊNCIAS PARA PORTUGAL
- DE PRESTAÇÃO DE TODAS AS INFORMAÇÕES SOBRE OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS NO BRASIL



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

UNIÃO DE BANCOS BRASILEIROS

PROJECTO DO SISTEMA ESCOLAR PORTUGUÊS

(Continuação da pág. anterior)

permite fácil mudança de tipos de estudos sem inútil repetição de matérias.

4. Constitui intenção primeira deste documento, como se disse, a divulgação do projecto de uma nova estrutura do sistema escolar português. Dado, portanto, esse carácter, convirá ter em atenção alguns aspectos que poderão permitir um melhor entendimento da estrutura apresentada, especialmente em tudo quanto respeite às inovações introduzidas.

Assim, ao falar-se de educação pré-escolar ou de ensino primário, não se pretende significar que lhes correspondam conteúdos únicos pois se prevê a existência das necessárias compensações programáticas e metodológicas, que tenham em consideração a proveniência dos grupos de crianças abrangidas e as circunstâncias reais em que se inserem as diversas escolas.

Este aspecto é, aliás, válido para todos os níveis do sistema escolar, uma vez que as questões relativas a conteúdos e métodos pedagógicos não são explicitamente abordados neste documento.

Poderá, também, suscitar dúvidas o facto de se prever o ingresso no ensino secundário com a idade de dez anos, o que representa uma saída da escola primária considerada eventualmente como prematura. Cabe, por isso, referir que se prevê uma revisão da índole do actual ciclo preparatório, projectando-se um ciclo de observação no qual o tipo de ensino destinado ao grupo etário dos 10 aos 12 anos seja mais consistente com as características psicológicas dessa fase de desenvolvimento da criança.

Outro aspecto que merece uma referência, particular é o do regime previsto para o 2.º ciclo do ensino secundário. Muito embora na descrição do sistema escolar se aluda sobretudo a três tipos de liceus — clássico, técnico e artístico —, também se manifestou claramente a intenção de se estabelecer, progressivamente, um 2.º ciclo polivalente, conforme se apresenta no organograma genérico do sistema escolar. Não parece, pois, que possa passar despercebida a intenção que presidiu à adopção deste critério. Na verdade, aponta-se para a polivalência de todos os estabelecimentos do 2.º ciclo do ensino secundário, sem prejuízo de que possam manter uma vocação predominante. Deste modo é delineada uma via que permite construir um ensino secundário totalmente integrado, embora progressivamente diversificado ao longo dos vários anos de estudos.

Em directa relação com estes aspectos pode colocar-se o problema da formação profissional. Ao perfilhar-se, como adiante se exporá, uma concepção marcadamente humanística do processo educativo, não se pretendeu ignorar ou sequer minimizar a importância dos problemas da formação profissional; antes pelo contrário, houve a preocupação de sempre se garantir uma formação que habilita ao exercício das mais diversas profissões. Entendeu-se porém que em tudo aquilo que não decorresse directamente da estrutura proposta e do conteúdo programático que lhe vier a ser dado, a formação profissional pressupõe outros meios

e abrange domínios que não competem directamente ao Ministério da Educação Nacional. Oferecerá este, no entanto, a colaboração julgada conveniente a todas as iniciativas que visem, de um modo ou outro, a instrução dos Portugueses, tanto no âmbito do sector público como no do privado. Deve também observar-se que no organograma apresentado figuram diversas instituições e cursos de ensino superior, referindo-se igualmente os anos de escolaridade necessários para a aquisição de alguns graus. A relação correspondente a esses aspectos não é exaustiva nem definitiva, antes é feita a título de mero exemplo. A evolução do ensino superior, neste particular, dependerá naturalmente das reformas ou das medidas que for necessário promulgar.

E, por fim, uma última consideração deve ser formulada: os recursos humanos, materiais e financeiros, assim como as infra-estruturas administrativas e a programação do planeamento necessário ao desenvolvimento do que se propõe, não são considerados no presente texto. São problemas de crucial importância sobre os quais já existem projectos elaborados ou delineados, mas que só um pouco mais tarde e oportunamente serão trazidos ao conhecimento público.

II

Fundamentação do projecto do sistema escolar

1. A organização do sistema apresentado respeitou os princípios fundamentais que informam as modernas tendências da acção educativa. Procurou-se corrigir os desajustamentos observados entre as actuais estruturas escolares e as exigências sociais e intentou-se definir um esquema caracterizado por uma maior maleabilidade e capacidade de adaptação a problemas do futuro. Deste modo, o presente projecto deve ser considerado como a fase inicial de um processo que se pretende em permanente inovação e expansão.

Nestas breves notas, nas quais apenas se visa fundamentar as linhas gerais de estrutura do projecto do novo sistema escolar, não se descerá ao pormenor dos estudos a que houve de proceder, não só pelo que se refere ao caso português, como também relativamente às políticas de expansão e aperfeiçoamento do ensino em países culturalmente avançados e enfrentado problemas similares. Os resultados obtidos a partir das análises já efectuadas foram tidos na devida conta, e serão objecto de oportuna divulgação, a par de outros elementos importantes para a planificação da política educativa nacional.

2. As ideias-base que presidiram ao estabelecimento do projecto do novo sistema escolar foram as seguintes: *expansão, individualização e diversificação do ensino; coerência das vias de acesso a graus sucessivos, permeabilidade e inter-relação no ensino secundário e no ensino pós-secundário; garantia do teor formativo do ensino e sua correlação com as funções sociais.*

Veremos, sucessivamente, de que modo se procurou consagrar em termos de estrutura

ra e relações funcionais cada uma das referidas ideias, devendo, porém, observar-se que elas não podem ser encaradas como independentes, pois as inter-relações são numerosas e profundas. E, no entanto, possível proceder formalmente a uma análise individualizada de cada uma dessas ideias-bases, verificando-se, como se verifica, que todas elas se integram e, em conjunto, se constituem em um duplo princípio: a educação do indivíduo é a finalidade primeira de todo o sistema escolar; todos, em regime de igualdade de oportunidades, devem encontrar nesse sistema as vias que assegurem o seu direito à educação.

Maior formação básica para todos os portugueses

Quer isto dizer que o sistema escolar não se deve subordinar directamente às exigências do desenvolvimento económico, pois é o próprio homem que está em causa no princípio e no fim do sistema. Entendeu-se, no entanto, que ignorar totalmente tal relação pode conduzir a frustrações, pelo que a concepção das estruturas educativas deve atender não só às capacidades e propensões de cada indivíduo, mas permitir também a obtenção de qualificações concretas para um exercício profissional, socialmente dignificado e útil. Tal é, afinal, a forma por que se procura consagrar, na estrutura educacional, os princípios humanísticos e a vocação comunitária do Estado Social, reconhecendo os direitos dos cidadãos considerados em si mesmos, e como elementos de uma colectividade integrada.

3. A expansão do sistema educativo traduz-se e suporta-se, basicamente, na institucionalização da educação pré-escolar, ainda que facultativa; na extensão da escolaridade obrigatória, de 6 para 8 anos; no aumento de um ano de ensino secundário; e na criação de outras modalidades de ensino superior e de cursos de pós-graduação.

O objectivo é o de garantir a todos os portugueses uma maior formação básica e proporcionar uma igualização progressiva nas condições culturais de ingresso nos diferentes graus de ensino.

Aponta-se para a generalização da educação pré-escolar, tornando-se desejável que, para tanto, contribuam o Estado e o sector privado, reconhecida, como é, a directa incidência dos ambientes sociocultural e económico da família na formação da criança. No mesmo sentido se poderá interpretar o abaixamento do nível etário de ingresso na escolaridade obrigatória, que transita dos 7 para os 6 anos de idade, o que determina que a influência da escola se possa começar a fazer sentir mais cedo. E com esta medida torna-se simultaneamente possível aumentar o número de anos do ensino secundário, sem que se altere a idade normal de ingresso no ensino superior.

A expansão que se defende é, a médio prazo, condicionada pelas disponibilidades em meios humanos, materiais e financeiros indispensáveis para a sua realização. No entanto, a estrutura do sistema escolar preconizada possui a maleabilidade necessária e conveniente para, a mais lon-

go prazo, e à medida que as circunstâncias se forem tornando mais favoráveis, ampliar a escolaridade obrigatória de 8 para 10 anos, acompanhando a evolução observada noutros países.

Finalmente, constitui outra via para a expansão do ensino a institucionalização dos cursos de ensino pós-graduação que se sucedem naturalmente à licenciatura, reconhecida que é a sua importância na especialização ou reciclagem de nível mais elevado e como contribuição para o fomento da investigação científica.

O sistema proposto procura também garantir uma *individualização e diversificação* do ensino, dentro do princípio de igualdade de oportunidades, independentemente das condições socioeconómicas de cada um.

Individualizar o ensino significa oferecer a cada aluno a preparação mais adequada às suas qualidades e propensões pessoais, o que não se relaciona apenas com as estruturas escolares, mas, também, e sobretudo, com os conteúdos e métodos pedagógicos próprios dos diversos graus. A individualização referida é compatível com a adopção de processos de trabalho em grupo, com a obtenção de uma consciência comunitária e com a perfeita integração do indivíduo na sociedade, e, assim, não implica que o ensino deva proporcionar uma formação individualista.

Tem-se, no entanto, a consciência de que essa individualização exige um esforço considerável de organização do ensino em todos os graus e pressupõe a adopção de esquemas aperfeiçoados de acção social escolar.

A aplicação destes princípios é essencialmente garantida pela índole do ciclo de orientação do ensino secundário, no quadro da escolaridade obrigatória; pelo regime flexível que se confere ao curso complementar dos liceus; pela variedade curricular prevista para os estabelecimentos de ensino superior e, em particular, para os cursos dos institutos politécnicos; pela criação de novos cursos universitários e pelo número e importância das disciplinas optativas dos últimos anos dos cursos superiores.

Verifica-se, deste modo, que a individualização do ensino acarreta consigo, necessariamente, uma certa diversificação de estruturas.

4. Como se acentuou, procurou-se estabelecer um esquema aberto que garanta coerência nas vias de acesso a graus sucessivos e que permita assegurar, dentro das possibilidades actuais, uma estrutura escolar permeável e inter-relacionada. Pretende dar-se a cada indivíduo a possibilidade de obter, sem perda de tempo ou de repetições indesejáveis, qualificações mais elevadas, qualquer que seja a via escolhida após a escolaridade obrigatória.

O objectivo final, a mais longo prazo, será o de criar, para cada nível de escolaridade ou até para distintos níveis de escolaridade, uma estrutura integrada em instituições polivalentes.

A estrutura inter-relacionada prevista constitui, assim, um primeiro passo nesse sentido. A escolaridade obrigatória respeita já este princípio ao abranger todo o grupo etário correspondente quaisquer que sejam as intenções dos alunos quanto a

seu futuro. Esta concepção reveste uma marcada importância social, pois conduz à natural convivência de jovens originários de distintos meios socioculturais e económicos. O carácter polivalente dos estabelecimentos de ensino pode ser obtido mediante uma adequada organização e apropriada flexibilidade a introduzir nos planos de estudo e nos métodos pedagógicos. Carácter semelhante deverão revestir outras estruturas escolares. Assim, todo o 2.º ciclo do ensino secundário poderá vir a ser ministrado num mesmo tipo de estabelecimento que integre todas as modalidades respectivas de ensino (numa primeira fase, clássica, técnica e artística) num único liceu polivalente; e o ensino superior poderá coexistir numa só estrutura que englobe o ensino universitário, politécnico e outras modalidades.

Ainda um exemplo relevante desta inter-relação é dado pela circunstância de os diplomados pelos institutos politécnicos e, eventualmente, por outras instituições de ensino superior poderem concluir as licenciaturas nas universidades mediante a frequência de um ciclo especial. Este ciclo é entendido como instrumento do moderno conceito de *educação recorrente* e irá permitir a licenciatura a antigos diplomados do ensino médio especial, prevendo-se a possibilidade de funcionar em regime nocturno.

Deve salientar-se que a adopção do critério de inter-relação permitirá obter uma rendibilidade dos meios humanos e materiais disponíveis e a consequente expansão do ensino nos diversos graus por todo o País, ao mesmo tempo que determina que o sistema escolar não vise só o ensino mas seja também um poderoso meio a contribuir de forma decisiva para uma melhor integração social da população.

Em resumo, o sistema escolar, na impossibilidade de se pôr em prática a curto prazo uma estrutura completamente integrada, conforme se definiu, orientou-se segundo duas linhas fundamentais que o encaaminham e o aproximam do estágio desejado: coerência no estabelecimento das vias de acesso a graus superiores e permeabilidade

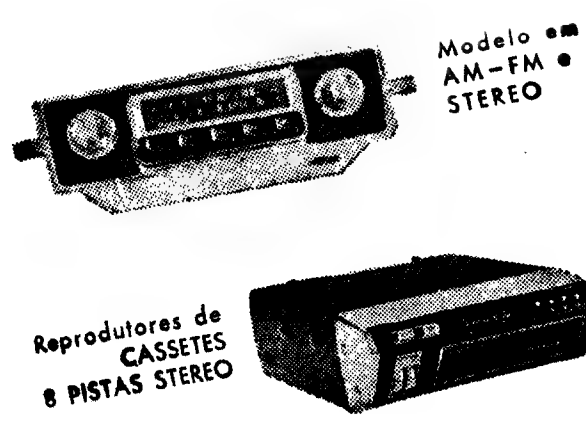
entre os diversos níveis de ensino.

5. Em todo o esquema delineado ter-se-á sempre presente a *exigência do nível* que deve caracterizar o ensino nos diversos graus, bem como a qualidade do seu *teor formativo* nos aspectos culturais, técnico, científico e humano. Na verdade, qualquer renovação permanente não pode jamais ser feita à custa de uma diminuição de qualidade do ensino; muito pelo contrário: a renovação pretendida deverá caracterizar-se por exigências acrescidas do nível qualitativo e formativo da acção educativa. Neste contexto, especial relevo terão necessariamente as medidas destinadas a garantir uma conveniente preparação dos agentes do ensino, pelo que se prevêem, para o efeito, as convenientes estruturas no projecto do sistema escolar. Deverão estas ser implantadas regionalmente, por forma a cobrir as crescentes necessidades resultantes da expansão indicada e a proporcionar uma melhoria dos meios humanos da rede escolar já existente.

Por outro lado, é desejável estabelecer-se uma *correlação entre a formação* alcançada em cada grau e as *funções* que o indivíduo irá exercer na sociedade, realizando-se como pessoa e participando no desenvolvimento global do País. E, também aqui, houve a preocupação fundamental de se atribuir sempre prioridade à consideração do duplo princípio educacional referido, que consubstancia os fins do sistema educativo. Deste modo, a correlação do ensino com as funções sociais aparece como um parâmetro do sistema no quadro de uma doutrina que o envolve e transcende.

6. O presente projecto do sistema escolar português sofrerá de certo ajustamentos resultantes da análise que, neste momento, o País é convidado a efectuar. Pensa-se que nas suas grandes linhas corresponde a uma doutrina precisa sobre os fins da acção educativa. A sua completa concretização levará seguramente algum tempo e exigirá avultados recursos financeiros, mas oferece-se como uma tarefa de transcendente significado no futuro do povo português: tarefa possível, condição de sobrevivência.

PIANOLA



Modelo AM-FM STEREO

Reprodutores de CASSETES 8 PISTAS STEREO

A VENDA NOS AGENTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAÍS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL: STAND ASLA — PORTO

LINHAS GERAIS DA REFORMA DO ENSINO SUPERIOR

O projecto das linhas gerais da reforma do ensino superior, agora divulgado pelo Ministério da Educação Nacional, é do seguinte teor:

Introdução

No âmbito da definição de uma política de renovação do sistema educativo português, apresenta-se o projecto das linhas gerais da reforma do ensino superior. Ao submetê-lo à apreciação do País, e, em particular, daqueles que se encontram mais directamente ligados à problemática desse sector educacional pretende-se incentivar a formulação de juízos e a anulação de críticas e sugestões que permitam afeirar e orientar, no melhor sentido, as medidas legislativas que, na sequência desse projecto, venham a ser tomadas. E espera-se, igualmente, que ao proporcionar, deste modo, um amplo e livre exame do presente documento se estabeleçam as necessárias condições para a criação de um clima de responsabilidade comunitária na obra, de tanta importância para o futuro do País, que se deseja realizar.

Naturalmente, as linhas gerais da reforma do ensino superior não podem ser entendidas como programa isolado: o seu entendimento exige atenção ao documento que, nesta mesma data, é apresentado como projecto do novo sistema escolar português.

A divulgação simultânea destes dois textos, diferentes no conteúdo e no âmbito da sua incidência, resulta, por outro lado, de uma opção clara: a de se atribuir prioridade ao tratamento global do ensino superior no quadro do sistema escolar. Este procedimento encontra-se legitimado, entre outros motivos, pelas recomendações constantes de documentos internacionais sobre o ensino pós-secundário, pelo alto grau de influência deste sector na reconversão de todo o sistema educativo e ainda pela necessidade de garantir as condições necessárias para fazer face à evolução da ciência e da técnica na sua íntima relação com as actividades fundamentais da investigação científica.

Interessa, finalmente, referir que tanto o projecto do sistema escolar como o das linhas gerais da reforma do ensino superior constituem peças de um documento sintético, «Educação Nacional — Bases Fundamentais», onde se espera condensar a parte essencial do programa do futuro.

É no quadro assim traçado que deve ser lido e discutido o presente texto. E espera-se que a sua leitura e análise possam contribuir, também, para a criação de um clima que ajude a entender as reformas que se projectam como núcleo de um processo de inovação e renovação permanentes.

A estrutura do ensino superior é concebida como o suporte de um sistema inter-relacionado de instituições que, prosseguindo muito embora fins específicos e diferenciados, se ajustam entre si mediante adequadas relações funcionais.

A reestruturação que naturalmente resultará dessa concepção não visa, porém, instrumentalizar o ensino superior em favor de objetivos que não sejam os educativos e científicos. Pelo contrário,

pensa-se que as necessidades sociais em meios humanos altamente qualificados poderão ser satisfeitas pelo sistema de ensino superior sem que tal se traduza numa distorção da própria estrutura educativa.

Neste espírito, e em consequência directa da inter-relação preconizada, o ensino superior deverá expandir-se de modo harmónico, considerando como um todo as suas diferentes instituições.

Por isso mesmo se prevê, neste documento, a definição do âmbito, estrutura e coordenação do ensino superior como primeiro aspecto da política que se pretende seguir em relação ao sector.

Em paralelo com as universidades, referem-se os institutos politécnicos e outros estabelecimentos de índole especial que, não só concedem o grau de bacharel, como constituem, para certos cursos, via que permite a continuação directa de estudos nas universidades para a obtenção de graus superiores e podem ainda integrar, em certos casos, estudos propedéuticos de cursos universitários.

Pelo que se refere às universidades, apresenta-se um conjunto de bases que possam constituir após a incorporação das sugestões resultantes da análise pública que agora se inicia, o texto fundamental para a promulgação de um novo estatuto geral das universidades portuguesas.

Procedimento distinto é tido em relação aos institutos politécnicos e outros estabelecimentos de ensino superior, pois, pelo que diz respeito aos primeiros, encontra-se em apreciação na Câmara Corporativa o respectivo projecto de proposta de lei, e porque pareceu mais conveniente, no tocante aos segundos, estudar cada instituição de per si.

Julga-se oportuno acrescentar, por fim, que a concepção inter-relacionada do sistema de ensino superior permite, no futuro, a utilização polivalente de pessoal docente e de instalações.

Por seu turno, a diversidade de estabelecimentos que se projecta neste sector irá proporcionar uma selecção mais criteriosa daqueles que, relativamente a cada região do território, melhor se adequem às necessidades que se façam sentir. Neste capítulo é importante assinalar que os novos centros de ensino superior deverão ser implantados, prioritariamente, em zonas definidas a partir de critérios precisos, tais como: a composição demográfica da zona e sua evolução possível, tendo em conta não só o centro urbano mas também as respectivas áreas de influência; o nível cultural e, em particular, o grau de desenvolvimento do ensino secundário; equipamento industrial e de serviços; e a relação com os critérios de ordenamento do território definidos ao nível do planeamento global e regional do País.

Aumentam-se assim as possibilidades de proporcionar aos portugueses uma mais larga e diversificada rede do ensino superior, no quadro daquilo a que se pode chamar a democratização regional da educação.

Âmbito, estrutura e coordenação do ensino superior

1. Considera-se ensino superior aquele que se sucede ao ciclo complementar dos liceus (clássico, técnico ou artístico) ou equivalente.

2. O ensino superior será assegurado por Universidades, Institutos Politécnicos e outros estabelecimentos equiparados.

3. Nas Universidades ministrará-se ensino de formação básica, de formação complementar e de pós-graduação, estando este último intimamente relacionado com actividades de investigação científica ou de especialização profissional.

4. As Universidades conferem os graus de bacharel, de licenciado, a que, em certos casos, correspondem títulos profissionais, e conferem ainda o grau de doutor.

5. Nos Institutos Politécnicos ministra-se o ensino das ciências aplicadas, com o indispensável apoio das ciências

superiores, sempre que, por decreto, que assegurará a conveniente representação de todas as instituições do ensino superior e de outros sectores da vida nacional relacionados com este grau de ensino.

13. O Conselho Nacional do Ensino Superior poderá funcionar em plenário ou por secções especializadas.

14. Cabe ao Conselho de Reitores do Ensino Superior promover a conveniente articulação das actividades das diferentes instituições do ensino superior e acompanhar a aplicação das respectivas normas legais e regulamentares, em termos a definir nos seus estatutos.

O Conselho de Reitores do

ensino superior será estabelecido por decreto, que assegurará a conveniente representação de todas as instituições do ensino superior e de outros sectores da vida nacional relacionados com este grau de ensino.

B. 2. As Universidades estruturam-se na base de Departamentos, podendo, ainda, englobar Serviços de utilidade comum, Institutos de Investigação e outras unidades com finalidade específica.

B. 3. Designa-se por Departamento a unidade fundamental da Universidade, na qual se integram o ensino e a investigação de disciplinas afins do ponto de vista científico ou profissional.

B. 4. Sempre que a estrutura da Universidade o permita, a um dado domínio científico ou ramo profissional deverá corresponder um único Departamento.

B. 5. Os Departamentos poderão subdividir-se em Secções, correspondentes a determinados núcleos de disciplinas, desde que se verifique uma das seguintes condições:

a) — abrangerem disciplinas profissionalmente afins, embora revistam carácter de heterogeneidade científica;

b) — abrangerem disciplinas científicamente afins, embora diferenciadas pela metodologia pedagógica ou por técnicas específicas de investigação.

B. 6. Designa-se por Instituto de Investigação a unidade universitária onde se realiza investigação interdisciplinar. Eventualmente poderá ministrar-se nestes Institutos ensino especializado e, em particular, ensino de pós-graduação.

B. 7. Nos referidos Institutos desenvolve-se investigação fundamental e aplicada ligada ao ensino, ou realizam-se estudos concretos de interesse para o desenvolvimento do País. Os cientistas e técnicos que trabalhem num Instituto de Investigação farão parte de quadros próprios ou de quadros dos Departamentos da Universidade.

B. 8. As Faculdades, Institutos Superiores ou Escolas Superiores, quando existam, são organismos de coordenação do ensino de disciplinas ministradas em diversos departamentos, que se integram em planos de estudos de cursos universitários.

B. 9. Os Institutos Interuniversitários são organismos destinados a assegurar a investigação sobre matérias de interesse comum a duas ou mais Universidades.

A investigação de carácter monodisciplinar ou de carácter interdisciplinar realizar-se-á em Institutos Interuniversitários sempre que exija equipamento científico muito dispendioso.

Estes Institutos podem também organizar cursos ou seminários no âmbito das suas atribuições.

C. ORGÃOS DE GOVERNO DAS UNIVERSIDADES — C. 1. São órgãos de governo da Universidade:

a) — O Conselho Universitário;

b) — O Conselho Directivo;

c) — O Reitor e Vice-Reitores;

d) — O Conselho Académico;

e) — O Conselho Administrativo.

C. 2. Compete ao Conselho Universitário traçar as grandes linhas de orientação da vida da Universidade, assegurando a representação de docentes, investigadores e ainda de outros sectores da

Sociedade directamente relacionados com a acção da Universidade.

Poderão ser convocados para este Conselho representantes dos estudantes, sempre que estejam em causa assuntos do seu directo interesse, de acordo com o estatuto da respectiva Universidade.

A sua composição, competência e normas de funcionamento serão estabelecidas no estatuto de cada Universidade.

C. 3. Compete ao Conselho Directivo exercer as funções de direcção e coordenação das actividades universitárias, no quadro da orientação traçada pelo Conselho Universitário, e bem assim fiscalizar a vida da Universidade e elaborar o relatório das actividades desenvolvidas no ano lectivo anterior para apreciação do Conselho Universitário.

Do Conselho Directivo farão parte os vice-reitores, os directores das Faculdades, Institutos e Escolas Superiores e os de Departamentos nestes não integrados, nos termos estabelecidos no estatuto da respectiva Universidade.

C. 4. Cabe ao Reitor representar a Universidade, presidir aos seus órgãos colégiais e velar pela observância das normas legais e regulamentares aplicáveis, e, bem assim, exercer, de harmonia com o Conselho Directivo, as funções de direcção e coordenação das actividades universitárias, imprimindo-lhes unidade, continuidade e eficiência.

C. 5. O Reitor é nomeado pelo ministro da Educação Nacional, de entre uma lista de três nomes de professores catedráticos designados por vocação segundo a forma prevista no estatuto da respectiva Universidade.

C. 6. Os vice-reitores auxiliam e substituem o Reitor no exercício das suas funções, conforme o que for estabelecido pelo estatuto da respectiva Universidade.

C. 7. Os vice-reitores são nomeados pelo ministro da Educação Nacional, sob proposta do Reitor, de entre os professores catedráticos da respectiva Universidade.

C. 8. Ao Conselho Académico compete cooperar na resolução dos problemas pedagógicos e culturais da Universidade.

Deste Conselho farão parte representantes do pessoal docente e dos alunos, nos termos do estatuto da respectiva Universidade.

C. 9. Os Conselhos Universitários, Directivos e Académicos funcionam em pleno ou por secções. Poderão destinar e agregar comissões especializadas, das quais podem fazer parte pessoas aheias à Universidade, para promover estudos ou coordenar actividades nos domínios pedagógico, cultural, científico, social de educação física, bem como de outros ligados à vida universitária.

C. 10. Ao Conselho Administrativo compete a gestão administrativa, financeira e patrimonial da Universidade.

O Conselho Administrativo será presidido pelo Reitor ou por um Vice-Reitor e dele farão parte o Administrador e o Secretário da Universidade.

C. 11. As Faculdades, Institutos e Escolas Superiores podem limitar-se a exercer funções de coordenação do ensino ou ter também atribuições administrativas e financeiras. Quando tiverem

(Continua na página seguinte)

- O acesso à Universidade é condicionado por classificações mínimas no curso complementar dos Liceus.
- Estruturação das Universidades na base de Departamentos.
- Autonomia (administrativa, financeira, pedagógica e científica) para as Universidades.
- Prevista a criação de cursos de duração limitada e de carácter eventual.
- Subsídios e empréstimos para os alunos sem recursos económicos.
- Os exames finais terão carácter supletivo.

básicas correspondentes, visando uma formação profissional de nível superior.

6. Os Institutos Politécnicos conferem o grau de bacharel, mediante a aprovação em cursos cuja duração normal será de três anos. Ao grau de bacharel concedido pelos Institutos Politécnicos correspondem sempre um título profissional.

7. Os bacharéis pelos Institutos Politécnicos podem prosseguir estudos nas Universidades e obter o grau de licenciado em cursos afins, mediante a aprovação em ciclos especiais com duração não superior a três anos, ou em cursos dos Departamentos de Ciências da Educação.

8. Em ligação com os Institutos Politécnicos podem funcionar Institutos de Investigação Tecnológica, destinados à realização de actividades no âmbito da investigação aplicada e do desenvolvimento experimental.

9. O ensino ministrado e os graus conferidos por outros estabelecimentos de ensino superior, ou equiparados, serão definidos nos respectivos estatutos.

10. São órgãos de coordenação do ensino superior:

a) — O Conselho Nacional do Ensino Superior;

b) — O Conselho de Reitores do Ensino Superior.

11. Compete ao Conselho Nacional do Ensino Superior a realização de estudos, a emissão de pareceres e a elaboração de propostas com vista à actualização, expansão e coordenação das instituições do Ensino Superior em todo o território nacional. O Conselho Nacional do Ensino Superior será sempre ouvido em problemas respeitantes à natureza e nível dos graus académicos, ao critério de equivalências de estudos e títulos, nacionais ou estrangeiros, e aos planos de estudos dos diversos cursos do ensino superior.

12. A composição do Conselho Nacional do Ensino Su-

perior, sempre que o julgar conveniente, poderá solicitar pareceres ao Conselho Nacional do Ensino Superior.

15. O Conselho de Reitores do Ensino Superior é constituído pelos Reitores e Vice-Reitores das Universidades, Reitores dos Institutos Politécnicos e dos directores dos estabelecimentos de ensino superior.

III

Bases de reforma das Universidades

A. Funções e fins da Universidade; B. Organismos universitários; C. Órgãos de governo; D. Autonomia da Universidade; E. Estatutos das Universidades; F. Acesso à Universidade; G. Estrutura do ensino universitário; H. Actividade científica e cultural; I. Disposições complementares.

A. FUNÇÕES E FINS DA UNIVERSIDADE — A. 1. As Universidades são instituições de ensino superior, que têm como funções principais o ensino de nível mais elevado e a investigação dos vários ramos do conhecimento. Entre estas funções deve existir uma inter-relação que contribua para a formação da personalidade, conduza ao desenvolvimento do espírito científico, crítico e criador, promova o fomento e difusão da cultura, a conveniente formação e actualização profissional, bem como o alargamento da ciência.

No âmbito da sua missão de serviço à comunidade, devem, também, as Universidades considerar os problemas nacionais e regionais e a problemática da cultura portuguesa, numa perspectiva universalista.

B. ORGANISMOS UNIVERSITÁRIOS — B. 1. O ensino

LINHAS GERAIS DA REFORMA DO ENSINO SUPERIOR

(Continuação da pág. anterior)

atribuições administrativas e financeiras os seus órgãos de governo são:

- a) — O Conselho Directivo;
- b) — O Director e Sub-Directores;
- c) — O Conselho Académico;
- d) — O Conselho Administrativo.

Quando não tiverem tais atribuições, os seus órgãos de governo são:

- a) — O Director;
- b) — O Conselho Académico.

C. 12. Compete ao Conselho Directivo exercer as funções de direcção, coordenação e fiscalização das actividades do respectivo estabelecimento, respeitadas em matéria pedagógica, a orientação traçada pelo Conselho Académico, e apresentar o relatório das actividades desenvolvidas no ano lectivo anterior ao Conselho Directivo da Universidade.

Do Conselho Directivo farão parte os Sub-directores da Faculdade, Instituto ou Escola Superior e os Directores dos Departamentos e Institutos de Investigação que neles se compreendam.

C. 13. O Director preside aos órgãos colegiais da Faculdade, Instituto ou Escola Superior, e compete-lhe dirigir e coordenar, de harmonia com o Conselho Directivo, todas as actividades do respectivo estabelecimento, dar execução às orientações dimanadas dos órgãos superiores universitários, bem como velar pela observância das normas legais e regulamentares aplicáveis.

C. 14. O Director é nomeado pelo Ministro da Educação Nacional de entre uma lista de três professores catedráticos designados por votação, segundo o que for estabelecido pelo estatuto da respectiva Universidade.

C. 15. Os Sub-directores coadjuvam o Director no exercício das suas funções, podendo substituí-lo quando forem professores catedráticos, de acordo com o estabelecido pelo estatuto da respectiva Universidade.

C. 16. Os Sub-directores são nomeados pelo Ministro da Educação Nacional, sob proposta do Director, de entre os professores catedráticos da respectiva Faculdade, Instituto ou Escola Superior.

C. 17. Compete ao Conselho Académico cooperar na resolução de problemas pedagógicos e culturais da Faculdade, Instituto ou Escola Superior, nomeadamente na coordenação dos diferentes Departamentos.

Deste Conselho farão parte representantes do pessoal docente e dos alunos, nos termos do estatuto da respectiva Universidade.

C. 18. Sempre que as Faculdades, Institutos e Escolas Superiores possuam autonomia administrativa, existirá um Conselho Administrativo ao qual compete a respectiva gestão administrativa e financeira.

O Conselho Administrativo será presidido pelo Director ou por um sub-director e dele farão parte o Administrador da Universidade ou um seu adjunto e o chefe dos Serviços de Contabilidade da Faculdade, Instituto ou Escola Superior.

C. 19. São órgãos de governo dos Departamentos e Institutos de Investigação:

- a) — O Conselho de Direcção;
- b) — O Director.

C. 20. Compete ao Conselho de Direcção do Departamento exercer as funções de direcção, coordenação e fiscalização das respectivas activi-

dades e elaborar o relatório do ano lectivo anterior, que será enviado ao Conselho Directivo da Faculdade ou da Universidade, conforme os casos. O Conselho de Direcção de um Departamento integrado em Faculdade, Instituto ou Escola Superior sem atribuições administrativas, ou não integrado, exerce ainda as competentes funções administrativas.

Do Conselho de Direcção do Departamento farão parte todos os professores catedráticos e os professores responsáveis pelas secções existentes no Departamento.

C. 21. O Conselho de Direcção do Instituto de Investigação terá as funções e a composição que forem estabelecidas no respectivo estatuto.

C. 22. O Director preside aos órgãos colegiais do Departamento e compete-lhe dirigir e coordenar, de harmonia com o Conselho de Direcção, todas as actividades pedagógicas, culturais e científicas do Departamento ou Instituto de Investigação, dar execução às orientações dimanadas dos órgãos superiores universitários, bem como velar pela observância das normas legais e regulamentares aplicáveis.

C. 23. O Director do Departamento será um professor catedrático, nomeado pelo Ministro da Educação Nacional, sob proposta do Reitor, segundo a forma estabelecida no estatuto da respectiva Universidade.

Poderá ser nomeado Director do Departamento um professor extraordinário ou auxiliar, sempre que o provimento não possa recair, respectivamente, num professor catedrático ou extraordinário.

C. 24. O Director do Instituto de Investigação será um professor ou investigador, nomeado pelo Ministro da Educação Nacional, ouvidos o Instituto de Alta Cultura e o Conselho Directivo da Universidade.

C. 25. Os órgãos colegiais das faculdades, Institutos ou Escolas Superiores, Departamentos e Institutos de Investigação Científica poderão designar e agregar comissões para, no seu âmbito, promover estudos, coordenar actividades e emitir pareceres nos domínios pedagógico, cultural, científico e outros de interesse para a vida do respectivo estabelecimento.

C. 26. As nomeações para os órgãos singulares universitários valerão por um período de três anos, prorrogável uma só vez.

C. 27. Os Institutos interuniversitários terão os órgãos de governo estabelecidos nos diplomas que os criarem, os quais regularão também a sua composição e competência, bem como a forma de designação dos seus membros.

D. AUTONOMIA DA UNIVERSIDADE — D. 1. As Universidades têm personalidade jurídica de direito público e património próprio, gozam de autonomia administrativa e financeira e de plena capacidade de gestão e disposição, sem outras limitações além das estabelecidas por lei.

D. 2. Integra o património de cada Universidade o conjunto dos seus bens e direitos. Os bens afectos ao cumprimento dos seus fins, assim como os actos necessários para a realização desses mesmos fins, estão isentos de todos os impostos estaduais e locais, taxas e contribuições parafiscais, sempre que estes tributos recaiam directamente sobre as Universidades e quando não seja possível, legalmente, a transferência da

carga tributária para outras pessoas. O mesmo se aplica aos impostos devidos por importação de bens, equipamentos e matérias-primas, ao imposto de transacções e ao imposto de selo.

D. 3. São receitas de cada Universidade:

- a) O rendimento dos bens próprios;
- b) As receitas obtidas pelo pagamento de matrículas, propinas ou outras resultantes da prestação de serviços de natureza pedagógica ou científica;
- c) As verbas ordinárias e extraordinárias que lhes forem atribuídas pelo Estado, bem como os subsídios das autarquias locais;
- d) As heranças, legados e doações instituídos a seu favor;
- e) As receitas obtidas pelo pagamento de serviços prestados a entidades públicas ou privadas, de acordo com contratos realizados segundo normas aprovadas pelo Ministério da Educação Nacional;
- f) O produto de venda de bens, quando devidamente autorizada;
- g) Os donativos e quaisquer outras receitas não especificadas.

D. 4. Compete a cada Universidade a elaboração do respectivo projecto do orçamento anual, nele figurando todas as suas despesas e receitas, incluindo as receitas próprias. O mesmo se observará no referente aos estabelecimentos universitários que gozem de autonomia administrativa.

O ministro da Educação Nacional submeterá ao ministro das Finanças, para aprovação, o orçamento global do conjunto das Universidades, acompanhado de uma memória justificativa. Uma vez aprovado o orçamento global referido, o ministro das Finanças fará-lhe incluir na parte complementar do Orçamento Geral do Estado; e o ministro da Educação Nacional determinará as necessárias modificações dos projectos de orçamento das várias Universidades, podendo estas, de seguida, dar-lhes execução.

Lei especial fixará os termos segundo os quais se aplicará às Universidades as normas de execução orçamental da Contabilidade Pública.

As Universidades deverão proceder à elaboração dos projectos orçamentais referentes aos seus programas de desenvolvimento a médio prazo.

D. 5. Cada Universidade deverá elaborar um relatório das suas actividades e apresentar as contas de gerência respeitantes ao exercício do ano civil findo. A contabilidade será organizada de modo a permitir a determinação analítica do custo e do rendimento dos diversos departamentos e serviços, devendo constar do referido relatório os elementos necessários para a apreciação da rentabilidade dos recursos financeiros utilizados. O relatório será enviado ao ministro da Educação Nacional, assim como a cópia das contas de gerência. As contas de gerência serão submetidas à apreciação do Tribunal de Contas.

D. 6. As Universidades e os estabelecimentos universitários com autonomia administrativa disporão do necessário pessoal técnico e administrativo para assegurar a gestão dos seus recursos financeiros.

Em cada Universidade existirá um administrador, responsável directo perante o reitor pela gestão económico-financeira da Universidade e pelas restantes funções que lhe forem cometidas no estatuto de cada Universidade. Em cada estabelecimento universitário com autonomia

administrativa existirá um adjunto do administrador da respectiva Universidade.

D. 7. As Universidades gozam de autonomia pedagógica e científica, sem prejuízo das limitações decorrentes da lei. No exercício da sua autonomia pedagógica, as Universidades deverão elaborar os planos de estudos, tendo em consideração os princípios formulados nestas bases, determinar os métodos de ensino e os processos de avaliação dos conhecimentos e definir os regimes da docência e da investigação, atendendo ao disposto nas presentes bases.

D. 8. O disposto no presente capítulo sobre a autonomia das Universidades aplicar-se-á às instituições interuniversitárias, segundo os termos fixados no diploma legal que criar cada uma delas.

E. ESTATUTOS DAS UNIVERSIDADES — E. 1. As Universidades regem-se por estatutos próprios, aprovados por decreto.

E. 2. Cada Universidade enviará ao ministro da Educação Nacional o projecto dos seus estatutos, os quais respeitaram às presentes bases e definirão os regimes de exercício dos respectivos poderes disciplinar e regulamentar.

E. 3. Os projectos de estatutos das Universidades serão submetidos a parecer do Conselho Nacional do Ensino Superior.

F. ACESSO À UNIVERSIDADE — F. 1. Só têm acesso ao ensino universitário os alunos que obtiverem, no curso complementar do Liceu Clássico, determinadas classificações mínimas, em disciplinas nucleares correspondentes ao curso a que se candidataram, e simples aprovação nas restantes disciplinas, e também, segundo as normas que para o efeito se estabelecerem, os alunos que tiverem frequentado o curso complementar dos Liceus Técnico ou Artístico e os diplomados ou alunos dos sectores não universitários do ensino superior.

F. 2. Os indivíduos de idade igual ou superior a 25 anos, que não disponham das qualificações académicas normalmente necessárias para o ingresso directo nas Universidades, terão acesso a estas, mediante a prestação de provas especiais. O regime dessas provas será estabelecido pelas Universidades.

F. 3. Os alunos que, tendo obtido as necessárias qualificações académicas, não disponham de recursos económicos bastantes para prosseguir os seus estudos na Universidade, serão subsidiados no âmbito dos programas de acção social escolar do Ministério da Educação Nacional.

F. 4. O conteúdo do ensino e os métodos pedagógicos dos cursos complementares dos liceus serão programados por órgãos especiais, dos quais participarão as Universidades, com o objectivo de garantir uma conveniente interligação entre o ensino secundário e superior e de modo a proporcionar a natural integração dos alunos neste grau de ensino.

G. — ESTRUTURA DO ENSINO UNIVERSITÁRIO — G. 1. O ensino universitário compreende três ciclos:

- a) formação básica, de natureza pluridisciplinar, com a duração de 2 ou 3 anos, orientada para a preparação nas disciplinas do núcleo de conhecimentos fundamentais correspondente ao respectivo curso;
- b) formação complementar, com a duração de 1 a 3 anos, orientada sobretudo para a

preparação nas disciplinas correspondentes aos conhecimentos específicos do respectivo curso e conduzido de maneira a despertar nos alunos um espírito crítico e criador e o interesse pela pesquisa científica;

- c) especialização profissional em domínios restritos do conhecimento ou iniciação na investigação, com a duração mínima de um ano, visando a aquisição de conhecimentos de nível mais elevado, ou o domínio da metodologia da investigação científica.

G. 2. A formação básica correspondente a um dado curso, instituído em várias Universidades, revestirá a possível uniformidade, por virtude do carácter fundamental das disciplinas professadas e, também, com o objectivo de se facilitar a expansão regional do ensino superior.

G. 3. A formação complementar correspondente a um dado curso poderá ser diferente de Universidade para Universidade, tendo em conta as respectivas potencialidades em meios humanos e materiais e, ainda, circunstâncias nacionais ou da região onde a Universidade se insere.

G. 4. A especialização profissional ou a iniciação na investigação obedecem aos critérios referidos na base anterior, não podendo instituir-se os cursos correspondentes sem que sejam satisfeitos rigorosamente os requisitos enunciados. Estes ciclos serão, em princípio, professados em Institutos de Investigação, sempre que estejam orientados para a especialização ou investigação de natureza interdisciplinar.

G. 5. Obtém o grau de bacharel os alunos que concluíam, com aproveitamento, o ciclo de formação básica, quando este proporcione condições para o exercício imediato de uma actividade científica ou profissional, ou permita o ingresso em Departamentos de Ciências da Educação.

G. 6. Obtém o grau de licenciado os alunos que concluíam, com aproveitamento, o ciclo de formação complementar.

G. 7. Terão direito a um diploma ou certificado de estudos os alunos que concluíam, com aproveitamento, o ciclo de especialização profissional ou de iniciação na investigação. Este diploma ou certificado poderá ser exigido como condição para obtenção do grau de doutor.

G. 8. Poderão obter a licenciatura mediante a frequência de Departamentos de Ciências da Educação, os bacharéis em certos cursos universitários e os bacharéis por outras instituições de ensino superior. Serão definidos em lei especiais os cursos universitários e os estabelecimentos de ensino superior cuja frequência permite o acesso aos Departamentos de Ciências da Educação.

G. 9. Serão criados nas Universidades, para certos cursos de índole profissional, ciclos especiais universitários, estruturados de forma a completar a formação básica e de especialidade dos bacharéis em cursos correspondentes de outras instituições de ensino superior.

O aproveitamento nestes ciclos dará direito à obtenção do grau de licenciado.

G. 10. As Universidades poderão criar cursos de duração limitada e de carácter eventual, destinados ao aperfeiçoamento ou reciclagem

de docentes do ensino secundário e superior e de especialistas dos vários ramos do conhecimento.

G. 11. Os planos de estudo dos ciclos de formação básica e complementar serão aprovados pelo ministro da Educação Nacional, ouvidos os órgãos competentes, e estruturar-se-ão atendendo aos seguintes princípios:

- a) o ensino deve ter carácter formativo, de modo a fomentar a capacidade de estudo e de reflexão e a despertar o sentido de uma permanente actualização científica, evitando uma exagerada memorização;
- b) o ensino deve conduzir ao desenvolvimento da capacidade criadora, crítica e de organização, e, ainda, à compreensão dos fenómenos culturais e sociais da sociedade moderna.

G. 12. Os planos de estudos do ciclo de formação complementar, com preceção, além de um núcleo de disciplinas comuns, outras de carácter optativo que contribuam para uma maior individualização do ensino. No último ano dos cursos devem predominar as disciplinas de opção.

G. 13. Para efeitos de cumprimento do disposto na base anterior, poderão as Universidades introduzir, nos planos de estudos, disciplinas de opção, sempre que se verificarem em conjunto as seguintes condições:

- a) que o número de alunos que frequente uma dada disciplina de opção seja igual ou superior a 10;
- b) que exista pessoal docente academicamente qualificado ou com mérito profissional reconhecido para o ensino dessa disciplina;
- c) que seja possível garantir as instalações e os recursos bibliográficos e laboratoriais necessários para o ensino.

Poderá o Ministro da Educação Nacional autorizar o funcionamento de disciplinas, em regime de opção, para um número de alunos inferior ao estabelecido na alínea a) quando o interesse nacional o justificar.

G. 14. Os planos de estudos serão, em regra, estruturados segundo o regime de semestres a que correspondam programas bem definidos, de forma a garantir maior intensidade e racionalidade aos trabalhos escolares.

G. 15. As Universidades adoptarão os métodos pedagógicos que garantam os princípios anteriormente enunciados, para o que contarão com o apoio dos Departamentos de Ciências da Educação. Em particular, atenderão ao seguinte:

- a) terão preferência, sempre que possível, os métodos pedagógicos que solicitem a activa participação dos alunos, nomeadamente em trabalhos de seminário, na realização de tarefas concretas ou na colaboração dada à investigação;
- b) o número e a índole das aulas teóricas e práticas estarão condicionados pelo carácter das disciplinas a que correspondem e atenderão à necessidade de um adequado equilíbrio pedagógico;
- c) as sessões de aplicação prática deverão consistir na realização de trabalhos com directa intervenção dos alunos, devidamente orientados.

Deve procurar-se atingir uma relação numérica docente — alunos que permita o acompanhamento efectivo

(Continua na página seguinte)

O DISCURSO DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

necessidade da definição de uma política educacional e, hoje, uma vez ela esboçada, pretendem declará-la impossível; é que para essas pessoas o impossível parece estar no dobrar do caminho mesmo à saída da porta de casa...

Para nós, o problema é mais simples. As reformas têm de se fazer, pois trata-se de uma questão de sobrevivência para o povo português; exigem sacrifícios, de certo, sacrifícios que naturalmente afectarão os que mais podem em favor dos que mais precisam, mas sacrifícios necessários se uns e outros quiserem viver livremente.

Outros dirão que os projectos apresentados traduzem promessas vãs, promessas para não cumprir. Esta é a linguagem do ceticismo permanente, talvez daqueles que nada querem dar de si próprios...

Haverá ainda quem procure fórmulas habilidosas para pretender demonstrar que a inovação e a reestruturação do ensino servem afinal interesses não declarados, talvez os de um capitalismo concentracionista em fase de expansão, ou obedecendo às orientações de classes e grupos dominantes.

A esses responderemos que a reforma tem por fim servir o povo. Um povo mais culto é sempre um povo mais livre.

Felizmente, a maioria não poderá deixar de proceder com honestidade e, animada por espírito de colaboração, debruçar-se a construtiva e atentamente, sobre os textos que agora lhe são propostos, muito embora possa julgar certas ideias demasiado audazes, e outras, pelo contrário,

demasiado tímidas ou insuficientes. Uns darão o seu contributo manifestando a sua concordância ou sugerindo alterações; outros, discordando dos caminhos que se abrem e das soluções que se preconizam, apontando novas vias, que, por certo, justificarão. Estes, sim, todos estes serão os verdadeiros colaboradores da reforma do ensino. Que o seu entusiasmo e a sua coragem sejam a força impulsionadora desta obra, contribuindo para a construção de uma nova mentalidade num Portugal mais educado, mais culto e mais feliz. Precisamos, e pedimos, a ajuda e a compreensão de todos os sectores da vida nacional. Não permitamos que alguém destrua a Reforma.

Esperamos que possamos trabalhar em clima de harmonia com portugueses e para os portugueses.

Alguns esclarecimentos

Acerca do conteúdo dos documentos entregues, foram feitas algumas perguntas ao titular da pasta da Educação Nacional.

— Como vão ser recolhidas as sugestões a apresentar?

— Através de um secretariado criado especialmente para o efeito.

— Como se pronunciarão os professores e os alunos universitários?

— Os senados universitários, os professores extraordinários e contratados e os estudantes deverão reunir-se — segundo penso — para estudar em conjunto. Não quer isto dizer que os alunos não devam, por sua livre iniciativa, reunir-se em grupos distintos e apresentarem as suas sugestões.

(Continuação da pág. anterior)

dos trabalhos e sua avaliação.

G. 16. Com o objectivo de assegurar um conveniente acompanhamento do trabalho dos alunos e em ordem a garantir a efectiva concretização dos princípios referidos anteriormente, deverão ser observadas as seguintes regras:

a) cada professor, catedrático, ou extraordinário, permanecerá na Universidade durante o período de funcionamento dos serviços, em dias e horas devidamente anunciados com o fim de prestar aos alunos esclarecimentos e conselhos sobre matérias das respectivas disciplinas. A permanência exclusivamente destinada a este fim não poderá totalizar menos de seis horas semanais. Aos restantes elementos do pessoal docente pode ser aplicável o disposto nesta alínea, mas o tempo de permanência referido pode contar para efeitos do preceituado no n.º 1 do art.º 51.º do Decreto-Lei n.º 132-70;

b) as turmas para a realização de aulas práticas deverão ser organizadas de modo a que o número de alunos, em cada sessão, se aproxime de 15, no caso de trabalhos laboratoriais ou equivalentes (exceptuando sessões clínicas, nas quais o número deve ser inferior) e de 30, no caso de trabalhos de outra índole. As sessões de aplicação prática deverão estruturar-se de forma a evitar a dispersão científica dos elementos do pessoal docente que as têm a seu cargo.

G. 17. A avaliação do apro-

ve tamento dos alunos far-se-á segundo a forma estabelecida no estatuto de cada Universidade, devendo ser aplicados progressivamente os seguintes princípios:

a) a avaliação deverá efectuar-se, sempre que possível, ao longo de cada semestre de estudos, tendo em atenção o domínio e a apreensão das matérias reveladas nos trabalhos escolares de cada aluno;

b) os exames finais tenderão, sempre que possível, a revestir carácter supletivo;

c) a avaliação do aproveitamento dos alunos do ciclo de formação básica, em cada semestre, e em particular no primeiro e segundo semestres do primeiro ano de cada curso, deverá ser feita através de uma apreciação global do trabalho efectuado em todas as disciplinas e da preparação assim obtida.

G. 18. As Universidades poderão desdobrar os horários ou repetir integralmente os seus cursos para além do período do funcionamento normal dos serviços, nomeadamente em regime nocturno.

G. 19. As Universidades devem, sempre que possível, organizar cursos de aperfeiçoamento, especialização, reciclagem e outras actividades no âmbito da educação permanente.

H. ACTIVIDADE CIENTÍFICA E CULTURAL — H. 1. As actividades de investigação científica realizadas no âmbito das Universidades e das instituições interuniversitárias serão coordenadas pelo Instituto de Alta Cultura, cuja estrutura será revista de forma a assegurar o completo cumprimento dessas funções. Caberá a este Instituto planejar e programar as actividades de investigação científica universitária, definindo os domínios prioritários de aplicação de recursos financeiros; proceder ao inventário dos grupos de investigação, dotando-os com os meios indispensáveis para atingir a dimensão crítica correspondente à natureza da investigação em causa e de forma a proporcionar-lhes uma conveniente rentabilidade; apreciar o mérito dos projectos que lhe sejam submetidos, acompanhar a execução e avaliar os resultados dos que sejam financiados. Para a avaliação do mérito científico dos projectos de investigação e dos respectivos resultados poderá o Instituto de Alta Cultura recorrer à colaboração de personalidades qualificadas, nacionais ou estrangeiras.

Para efeitos de definição de uma escala de prioridades de financiamento de projectos de investigação será tida em conta a dimensão dos grupos de investigação.

H. 2. Numa primeira aproximação considera-se, em princípio, como dimensão crítica normal de um grupo de investigação fundamental a equivalente a 15 investigadores em tempo completo.

Serão ainda devidamente considerados os investigadores singulares ou os núcleos de investigação que desenvolvam actividades científicas com projecção significativa no contexto internacional ou que sejam incumbidos de tarefas concretas e bem definidas.

H. 3. Sem prejuízo do disposto na base anterior, será facultada a todos os docentes a possibilidade de prosseguir trabalhos de índole cultural ou científica, com vista à sua promoção na vida académica ou com os objectivos de valorizar e actualizar o ensino, ou de alargar o campo dos conhecimentos fundamentais ou das suas aplicações.

H. 4. Em ligação e complementaridade com a carreira docente é criada a carreira de investigação, segundo o estatuto que vier a ser definido por decreto.

H. 5. Os docentes que realizem trabalhos de investigação nas Universidades ou nas instituições interuniversitárias poderão optar entre dois regimes de prestação de serviços: o de tempo integral e o de dedicação exclusiva.

O regime de tempo integral exige no domínio das ciências experimentais a permanência nos locais de ensino ou investigação durante o número de horas equivalente ao horário normal de trabalho dos funcionários públicos, repartindo-se esse tempo convenientemente entre actividades de docência e de investigação.

Nos outros casos implica a realização concreta de trabalhos de investigação cuja natureza e extensão fundamentem uma necessária ocupação além das funções pedagógicas e outras a elas inerentes.

O regime de dedicação exclusiva implica as mesmas obrigações do regime de tempo integral, mas impede o exercício de qualquer outra actividade remunerada pública ou privada.

As remunerações correspondentes a estes dois regimes serão diferenciadas em função do grau de intervenção e responsabilidade que o docente tenha no desenvolvimento dos projectos de investigação em curso ou na direcção de grupos de investigadores.

H. 6. O disposto na base anterior não constitui impedimento para que os docentes não inscritos em qualquer dos regimes referidos possam candidatar-se ao financiamento de projectos de investigação desde que não revistam índole experimental.

H. 7. A investigação em Ciências da Educação realiza-se nos respectivos Departamentos das Universidades, sob a coordenação do Instituto Nacional de Pedagogia.

Nestes Departamentos desenvolve-se o ensino e a investigação necessários à preparação pedagógica do pessoal docente dos ensinos secundário e superior e promovem-se trabalhos de pesquisa sobre todos os graus de ensino, de forma a promover uma renovação permanente dos métodos e conteúdos pedagógicos.

H. 8. Podem as Universidades criar cursos de extensão cultural e desenvolver

outras actividades com vista à divulgação do conhecimento.

H. 9. As Universidades devem incentivar a elaboração e publicação de obras didácticas, tratados científicos, obras de índole cultural e de outros elementos de estudo, visando a afirmação do pensamento científico e a preservação e expansão da Cultura Portuguesa.

As Universidades deverão, ainda, estudar as medidas indispensáveis que garantam a correcta e conveniente publicação do seu labor científico e pedagógico.

I — DISPOSIÇÕES COMPLEMENTARES

1 — Acção Social Escolar

1.1. A Acção Social Escolar destina-se a proporcionar auxílios materiais necessários para a realização e prosseguimento dos estudos aos alunos que de tal necessitam.

1.2. A Acção Social Escolar pode ser levada a efeito directamente pelo Estado, pelas instituições de ensino superior, e ainda por institutos públicos autónomos, sob a orientação e coordenação do Instituto de Acção Social Escolar do Ministério da Educação Nacional.

1.3. A Acção Social Escolar pode também ser exercida por organismos privados, nomeadamente por fundações ou por associações de estudantes, nos termos da lei.

1.4. A Acção Social Escolar exerce-se através da concessão de:

- a) Bolsas de estudo;
- b) Subsídios;
- c) Empréstimos;
- d) Isenção ou redução de propinas.

1.5. A Acção Social Escolar completa-se através da prestação de serviços a estudantes, nomeadamente nos seguintes domínios: saúde escolar, alojamento, alimentação, material didáctico, informação e procuradoria, serviço de emprego, etc.

2 — Actividades circum-escolares

1.7. As instituições de ensino superior apoiam e promovem actividades circum-escolares concebidas como instrumento complementar da formação integral dos estudantes.

1.8. As actividades circum-escolares podem ser desempenhadas directamente pelas instituições de ensino superior ou por associações de estudantes, segundo as disposições legais e regulamentares que vierem a ser estabelecidas.

FIM DE TARDE EM S.BENTO

★ Durante a leitura do expediente, a Mesa da Assembleia Nacional deu conta de ter recebido um documento de Vizela a reclamar a restauração do concelho e de uma carta de um mineiro pedindo a revisão da sua pensão de reforma.

★ Responderam à chamada apenas 66 deputados. Ao abrir a sessão o presidente propôs que ficasse exarado na acta um voto de pesar pela morte da esposa do sr. Presidente do Conselho, o que foi unanimemente aprovado.

★ No período antes da ordem do dia, o deputado Alberto Alarcão solicitou ao ministro das Corporações o estudo do caso da «prova (anual) do direito a bono de família e à assistência clínica», por forma a encontrar-se um processo mais rápido e simples.

★ «Impõe-se que o recenseamento em curso nos forneça, rapidamente, elementos de confiança», disse o deputado Correia da Cunha, acentuando que os apuramentos estatísticos representam apenas um meio para «a organização de um quadro de vida mais equilibrado e digno que a todos contemple como homens e cidadãos responsáveis pelo seu próprio destino».

★ O deputado Leal de Oliveira falou da situação dos funcionários públicos, lembrando a necessidade de ser acelerada a reforma administrativa e solicitando, entre outras coisas, a equiparação dos vencimentos, deveres e regalias entre funcionários de semelhantes habilitações e funções.

★ Por último, ainda dentro deste período, os deputados Amílcar Mesquita e Mota Amara, falaram, respectivamente, de emigração e da Concorrida. Em síntese, este último parlamentar limitou-se a exprimir dúvidas quanto à oportunidade do problema levantado na Câmara pelo deputado Sá Carneiro.

— Assim, concordo. — comentou o «leader».

★ Já na ordem do dia — a discussão na generalidade das propostas de lei sobre cinema e teatro — o deputado Veiga de Macedo leu um longo trabalho em que fez uma pormenorizada análise aos pontos em que surgiram discordâncias com as soluções preconizadas pelos referidos projectos de diploma.

★ Já a terminar, anunciou que a comissão parlamentar de Educação Nacional e Cultura Popular, a que preside, decidiu apresentar diversas alterações às propostas de lei. E acentuou: «A Comissão, que tudo tentou para encontrar formas de equilíbrio susceptíveis de acatarmos, na justa medida, os diferentes interesses em causa — e tantos e tão contraditórios eles são! —, julga ter atingido esta finalidade, pois, no exame dos problemas, não a perturbaram quaisquer razões de ordem subjectiva. Acima dos interesses sectoriais havia que pôr — e foi posta — a preocupação de defender o teatro e o cinema, não apenas como expressões de cultura, mas também como instrumentos de criação e de defesa de valores nacionais.»

★ Disse ainda o dr. Veiga de Macedo que a comissão dava o seu apoio aos propósitos do Governo, mas expressivo no domínio das actividades cinematográficas, «por aí se mostrarem mais necessárias providências de diversa índole relacionadas com a produção, distribuição e exibição de filmes». E esclareceu que a comissão «não poderia deixar de se consagrar o princípio da contingência dos filmes portugueses».

★ Aprovadas na generalidade as propostas de lei, a discussão na especialidade iniciou-se à próxima terça-feira. Após a votação final — o que pode demorar — seguir-se-á a discussão da proposta de lei sobre seguros e resseguros.

MANUEL DE AZEVEDO

Necrologia

FUNERAIS

D. Ana Camacho Machado

No Barreiro, onde residia, realizou-se esta tarde o funeral da sr.ª D. Ana Camacho Machado, de 83 anos, natural de Beja, viúva de Artur António Machado e mãe do nosso camarada de Imprensa António José Machado, chefe da redacção do «Jornal do Comércio»; do sr. Carlos Camacho Machado (ausente na Suíça) e das sr.ªs Mariana Camacho Machado Costa, ca-

sada com o sr. Francisco Inácio Costa, e D. Maria Miranda Camacho Machado.

SUFRÁGIOS

Capitão José Manuel de Mendonça

Por alma do sr. capitão da Aeronáutica José Manuel de Mendonça, celebra-se amanhã, às 12 e 30, na igreja de Madalena, missa de trigesimo dia, mandada celebrar pela filha e netos

S. MARCOS

PRAÇA DE LONDRES, 4-F

RESTOS DE COLECÇÕES
CALÇADO DE SENHORA

BAIXA DE PREÇOS

NOTA INTERNACIONAL

ASSUÃO: 15 anos depois

A gigantesca barragem de Assuão, inaugurada oficialmente ontem, no Egito, encontra-se na origem de alguns dos acontecimentos mais importantes registados nos últimos 15 anos no Médio Oriente.

A história remonta efectivamente a 1956, quando os Estados Unidos e a Grã-Bretanha se prestaram a participar no financiamento da barragem. Contudo, a certa altura, os dois países decidiram dar o dito por não dito, o que constituiu uma humilhação para Nasser e o levou a responder, logo a seguir, com a nacionalização do Canal de Suez, cujas receitas poderiam servir para realizar o projecto de Assuão.

O gesto egípcio acarretou a intervenção militar anglo-francesa, paralelamente à invasão da Península do Sinai por forças israelitas, que avançaram em direcção ao canal, num ataque de surpresa motivado pelo facto do Egito estar a ser utilizado como base pelos «fedayin» empenhados em «raids» contra Israel.

Após a retirada dos in-

vasores, aos quais faltou a aprovação norte-americana, Nasser, que já se voltara para a URSS, a fim de pedir armas, obteve também auxílio soviético para a construção da barragem, que se iniciou em 1960.

Onze anos depois, a situação não melhorou. O Sinai voltou a ser invadido pelas forças israelitas, em consequência da derrota infligida ao Egito, em 1967. Desde a «guerra dos seis dias», Israel ocupa igualmente o território Jordão a oeste do rio Jordão e o planalto sirio de Golan, não se mostrando muito disposto a regressar às fronteiras anteriores, que, aliás, nunca foram reconhecidas pelos árabes.

Entretanto, as grandes potências tomaram claramente posições: os Estados Unidos ao lado dos israelitas, a quem fornecem armamento, e a União Soviética ao lado do Egito, onde militares russos já morreram ao lado de soldados árabes, segundo admitiu recentemente Anwar Sadat, sucessor do falecido Nasser. Mas nem tudo é muito

claro na crise israelo-árabe. O rei Hussein da Jordânia faz a guerra de palavras contra Israel, ao mesmo tempo que combate os guerrilheiros palestinos, anti-israelitas, e recebe apoio norte-americano.

Por outro lado, a Etiópia vê-se a pouco e pouco envolvida indirectamente no conflito, devido à revolta da Estreita moçambicana, que conta com a simpatia dos países árabes, enquanto Washington e os israelitas fazem o que podem pelo imperador Haile Selassie. Não longe dali, no Oceano Índico, a penetração naval soviética suscita a inquietação dos E. U. A. e da Grã-Bretanha e serve de pretexto para o eventual fornecimento de armas inglesas à África do Sul, falanda-se também de uma base conjunta a estabelecer pelas duas potências ocidentais.

Se juntarmos a isso o actual «empate» naval entre russos e norte-americanos no mediterrâneo, o panorama estratégico ganha nova dimensão no confronto planetário das duas maiores potências.

NUNO VIEIRA

Actualidade internacional

Os jurados no caso Tate poderão levar uma semana a chegar a um veredicto

LOS ANGELES, 16 — (R.)

— O júri do julgamento do caso de assassinio de Sharon Tate retirou-se a noite passada para considerar o seu veredicto — exactamente sete meses depois do início do julgamento-maratona de Charles Manson e de três das suas discípulas. Os jurados — sete homens e cinco mulheres — que têm estado fechados durante os últimos seis meses, saíram da sala do tribunal às 15 e 20 locais (23 e 20 T.M.G.), após lhe serem dadas instruções legais pelo juiz Charles Olden.

Alguns dos homens do júri exibiam barbas e bigodes desportivos que não tinham quando o julgamento começou.

Quando os oficiais de diligências prestavam juramento, comprometendo-se a vigiar os jurados durante as deliberações, Manson, de 36 anos, gritou para o juiz da pequena cela atrás da sala, onde se encontra detido por interromper o julgamento: «Diga-lhes por que não podemos apresen-

tar uma defesa, velhotes».

O acusador Vincent Bugliosi espera que os jurados demorem entre três dias e uma semana a chegar a um veredicto.

Nenhum dos quatro réus se encontrava na sala quando o juiz Olden fez o seu resumo legal do caso, que durou mais de uma hora.

A PLASMETAL COMEMORA OS SEUS 15 ANOS

DE ACTIVIDADE INDUSTRIAL

Reunindo todos os seus colaboradores, num restaurante da capital, promoveu a PLASMETAL uma jornada de confraternização para festejar os seus 15 anos de existência e homenagear a dedicação e assiduidade do seu pessoal, tendo oferecido lembranças a todos os que completaram 5, 10 e 15 anos de efectivo serviço.

O trabalhador mais antigo e seguidamente diversos administradores da empresa, usaram da palavra para se referirem ao significado e importância deste almôço que decorreu num ambiente de grande fraternidade.

No final foi aproveitada a oportunidade para dar a conhecer que numa linha de continuidade e evolução da empresa, foram constituídas, a Plasmatal Comercial—Condição de Plásticos e Metal-mecânica, S. A. R. L., e a Durapias — Plásticos Industriais, Lda., firmas que em conjunto com a Plasmatal — Plásticos e Metalurgia, Lda., ficam a constituir um grupo de empresas estruturadas de forma a permitir, por uma mais profunda especialização, uma maior expansão tecnolôgica industrial e comercial dos ramos de actividades que lhes são afins.



NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.

Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS
PARA

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL SITUADA NO ESTADO DO PARÁ (BRASIL)
PARA LUGARES DE RESPONSABILIDADE

Ref.ª 201/1/DPA

• UM CHEFE DE
CONTABILIDADE •

Ref.ª 201/2/DPA

• UM CONTABILISTA
DE CUSTOS •

Ref.ª 201/3/DPA

• UM AUDITOR
INTERNO •

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO:

- EXPERIÊNCIA COMPROVADA NOS DIFERENTES SECTORES DE ESPECIALIZAÇÃO;
- CONHECIMENTO DE LÍNGUA INGLESA CONSIDERADO FACTOR PREFERENCIAL;
- DISPOSIÇÃO PARA TRABALHAR EM LUGAR RELATIVAMENTE ISOLADO (A 400 KMS DA CIDADE DE BELÉM).

- RESPOSTAS PARA A NORMA, COM CURRÍCULUM PORMENORIZADO E INDICANDO VENCIMENTO MENSAL PRETENDIDO. MENCIONAR AS REFERÊNCIAS PARA CADA FUNÇÃO.



adap. PUBLIARTE

as estradas parecem sempre mais curtas no Renault 6

Para encurtar quilómetros, o Renault 6 tem dois trunfos essenciais: um motor a sério e o conforto dos verdadeiros estradistas. Se atinge facilmente os 135 km/h, é para que V. possa atingir essa velocidade sem hesitação. Seja com que tempo for e em todas as estradas. Para isso dotámos igualmente o Renault 6 de travões de disco à frente, duma notável suspensão e de quatro rodas independentes com barras de torção para amortecer os choques. Para que a estrada lhe pareça menos longa, o Renault 6 instala-o confortavelmente em verdadeiras poltronas. A sua climatização obedece aos seus mais pequenos

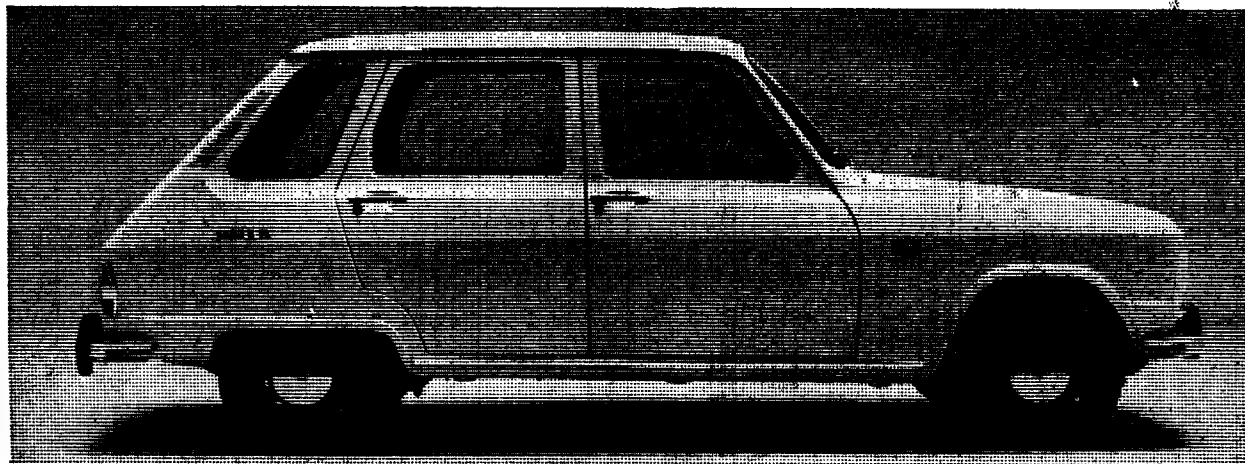
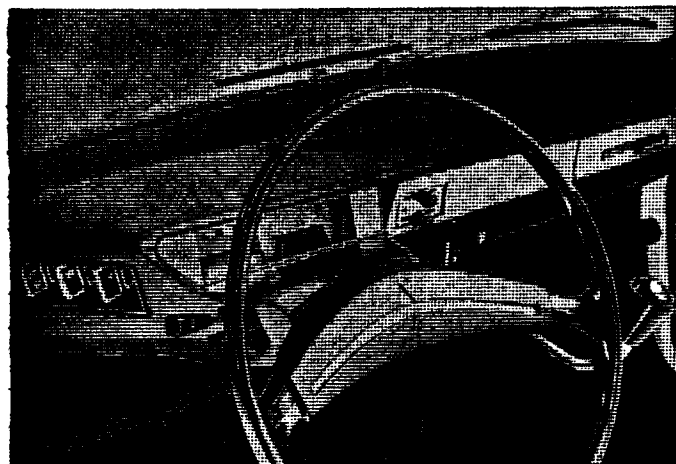
desejos. Um amplo campo visual permite-lhe não perder qualquer pormenor da paisagem. Do mesmo modo, já que o Renault 6 tem uma grande vocação para a estrada, criámos-lhe uma 5.ª porta na retaguarda — para o transformar numa ampla furgoneta e arrumar toda a bagagem dum grande família. Para culminar, com o intuito de lhe fazer ganhar tempo, reduzimos ao mínimo as exigências e a manutenção deste carro: 7,5 lt aos 100 km, não tem lubrificação, não leva água nem anticongelante e basta-lhe uma simples revisão todos os 5000 km. Todas estas qualidades explicam a razão porque todas as estradas parecem mais curtas no Renault 6.

Motor de 4 cilindros = 1108 c.c. = 48 ch SAE = 135 km/h ao cronómetro 7,5 lt aos 100 km = 4 velocidades sincronizadas = travões de disco à frente = rodas independentes = suspensão com grande capacidade de absorção de choques por 4 barras de torção = tracção dianteira.



MONTADOS PELAS INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT

RENAULT CHEGOU E... ULTRAPASSOU



importadores exclusivos: • UTIC — Av. da Liberdade, 136 · Lisboa • Av. dos Aliados, 195 · Porto
E REDE DE AGENTES EM TODO O PAÍS

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Depois de estar a perder por 0-5, o Paço de Arcos conseguiu reduzir a desvantagem para 4-5. Esteve à vista um volta-face...

HÓQUEI EM PATINS

SÓ SE GANHA DEPOIS DO FIM

Ontem, no Pavilhão da Luz, o Sporting bateu dificilmente o Paço de Arcos por 5-4 (depois de haver chegado aos 5-0) e a Juventude Salesiana pôde terminar com o resultado folgado de 16-2 frente ao Futebol Benfica. Ambos os jogos contavam para o Torneio de Qualificação da 1.ª Divisão Metropolitana, Zona Sul.

No primeiro encontro, excelentemente dirigido pelo árbitro Manuel Soares, o Sporting realizou uma boa primeira parte (3-0), começou bem a segunda, com a marcação de mais dois golos — mas, depois, teve que sustentar a enérgica reacção dos homens do Paço de Arcos, que marcaram quatro golos e poderiam ter chegado à igualdade.

No segundo, a Salesiana venceu rapidamente a tenue oposição do Futebol Benfica,

atingindo uma expressão numérica significativa. Uma curiosidade: Virgílio (pai) e Virgílio (filho) alinharam-se juntos, pela primeira vez, na equipa vencedora.

HÓQUEI EM CAMPO

MAGNÍFICO EMPATE DO BENFICA FRENTE AO GIMNÁSIO Y ESGRIMA

Para os adeptos do hóquei em campo, o jogo particular de ontem entre o Benfica e a equipa argentina do Gimnásio y Esgrima constituiu espectáculo de gala. Efectivamente, galvanizados pelo valor dos argentinos, o Benfica realizou uma exibição de grande nível e logrou termi-

nar com um empate a zero golos.

A equipa sul-americana, em «rodagem» pela Europa com vistas aos Jogos Olímpicos de Munique, voltará a actuar hoje (14 horas) frente ao Futebol Benfica, no campo Francisco Lázaro.

BASQUETEBOL

PRINCIPIA HOJE O «METROPOLITANO»

Tem início hoje com jogos em Setúbal, Lisboa, Coimbra e Porto o campeonato nacional (fase metropolitana), em que participam: Benfica (actual detentor do título)

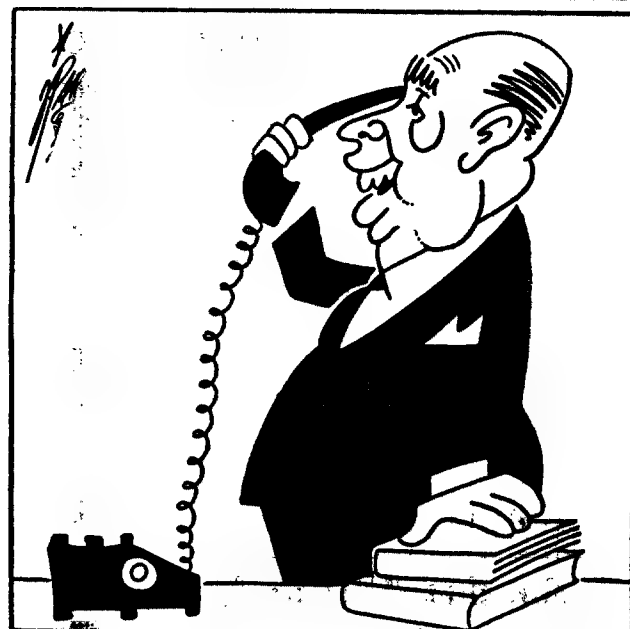
Académica Sporting, B.P.M., F. C. Porto, Vasco da Gama, Ginásio Figueirense, Académico, Belenenses, CUF, Al-gés e Guifões — os dois últimos recém-promovidos à divisão maior, em virtude da desceda do Barreirense e do Marinhense.

Programa da jornada

Benfica-Vasco da Gama (21 h.) e Belenenses-B. P. M. (22,30), no pavilhão da Ajuda; C. U. F.-Académico (21,30) em Setúbal; Académica-Figueirense (21,30) em Coimbra, Guifões-Algés (21) e F. C. Porto-Sporting (22,30), no Porto.

Amanhã, segunda jornada

Benfica-Académico (16 h.), e Belenenses-Figueirense (17,30), no pavilhão da Ajuda; C. U. F.-Vasco da Gama (16 h.) em Setúbal; Académica-B. P. M. (18 h.), em Coimbra; Guifões-Sporting (18 h.) e F. C. Porto-Algés (17,30), no Porto.



— Pronto, meu amor, conta comigo para domingo que não tenho futebol!...

HOMENAGEM A PENETRA RODRIGUES

Francisco Penetra Rodrigues completou 35 anos como dirigente desportivo, particularmente dedicado ao futebol lisboeta.

Assinalando o facto, e desejando dar-lhe o merecido relevo, a A. F. L., que Penetra Rodrigues serve há 25 anos, promove um jantar de homenagem às 20 e 30, de hoje, num hotel de Lisboa.

FUTEBOL LUSO-OUTROS

• O Setúbal não partiu, a Cuf joga hoje, Farense e Atlético actuam amanhã

Quando recebeu ordem de embarque, vinda do Brasil, a equipa de futebol do Vitória de Setúbal concluiu que já não tinha tempo, e decidiu não partir, avisando disso o empresário e propondo-se realizar apenas um jogo em terras brasileiras — em data que, como é óbvio, terá que ser combinada rapidamente.

Entretanto, hoje, a C. U. F. joga em Paris (frente ao Red Star), partindo amanhã, de manhã, para Reims, onde defrontará o clube local. A comitiva cufista (onde tudo se encontra em ordem) regressa amanhã, à noite, a Paris, e a Lisboa na segunda-feira.

Também Farense e Atlético vão somar mais uma internacionalização — os algarvios defrontando o Hannover (Alemanha Federal) e os lisboetas enfrentando o Lyon (de e com Coluna).

Fim de semana em grande para alguns.

★

Horário dos jogos — Hoje: Red Star-C. U. F., 15 horas. Amanhã: Reims-C. U. F. (15

O BENFICA NO PERÚ

VITÓRIA POR 2-1 SOBRE UM MISTO

O Benfica fez ontem o seu segundo jogo desta digressão à América do Sul, defrontando em Lima, no Peru, um misto do Alianza e do Municipal, vencendo por 2-1.

Os encarnados realiza-

ram uma exibição à altura do seu prestígio. Eusébio e Simões foram os autores dos golos.

O Benfica alinhou: José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo; Graca, Martine e Simões; Nenê, Artur Jorge e Eusébio.

Os próximos jogos

O Benfica defronta amanhã, em Medellin (Colômbia), o Atlético local e na terça-feira, em Caracas, o Estrela Vermelha de Belgrado. Este jogo «substitui» o que estava previsto com o Vasco da Gama.

A comitiva encarnada deve regressar a Lisboa na quinta-feira, 21.

«NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

AMANHÃ, QUATRO JOGOS EM ATRASO

Ao jeito de consolação. O interregno de Janeiro é quebrado amanhã, a nível de competições oficiais com quatro jogos para o «Nacional» da 2.ª Divisão que o mau tempo impediu se realizassem na altura devida. Os jogos, todos da zona Norte, são os seguintes, incluindo-se os resultados da primeira volta:

Braga-Vizela (2-0)
Riopele-U. Leiria (1-1)
Gouveia-Espinho (0-2)
Penafiel-U. Coimbra (0-3)

Os dois primeiros respectam à 15.ª jornada e os outros dois à 16.ª.

Avultando em importância, o Riopele-U. Leiria que poderá devolver ao clube leirense o comando da zona — isolado, se ganhar ou a par do Beira Mar, se empatar.

3.ª Divisão

A 3.ª Divisão, que não «entrou» no interregno prossegue normal e abundantemente, com 32 jogos da 13.ª jornada, repartidos pelas 4 zonas.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alcochete em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia e concelho de Alcochete de uma linha aérea a 6 kV, com 1824 m. de apoio n.º 28 da linha mista Montijo-Alcochete ao posto de transformação n.º 6-038 Patavã.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 6 de Janeiro de 1971.

O ENGENHEIRO CHEFE Guilherme Martins

ESTÁDIO DA TAPADINHA AMANHÃ

FUTEBOL INTERNACIONAL

EQUIPAS FEMININAS:

LYON-MISTO DE LISBOA

às 14.30 horas

arbitrado pelo antigo internacional Germano Figueiredo

EQUIPAS MASCULINAS:

LYON-ATLÉTICO

às 15.30 horas

com os internacionais franceses Chauveau, Mihailovic, Baeza, Chiesa, Guy André, Di Nallo e MARIO COLUNA

PREÇOS:

Peão 20\$00
Bancada lateral 30\$00
Bancada central 40\$00

Os sócios do Atlético, além do cartão com a quota em dia terão de se munir de um bilhete de 15\$00.

Bilhetes à venda na sede do Atlético (Rua João Oliveira Miguens) ou nas bilheteiras da Tapadinha.

CARRO ROUBADO

DC 42-79 «CORTINA» COR VERDE

TELEFONAR 367777 — LISBOA

A SUA CASA É O SEU MUNDO



ESTE APARTAMENTO
PODE SER SEU!

As economias mais modestas encontram nos nossos empreendimentos assegurado o acesso à casa própria

VEJA E CONSIDERE
AS VANTAGENS DE SER PROPRIETÁRIO
COMPRANDO EM
J. PIMENTA, S.A.R.L.

APARTAMENTOS
MOBILADOS
DESDE
150
CONTOS

UMA CASA PARA QUALQUER CASO

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Paço de Arcos — B.º Comendador Joaquim Matias — Cascais — Conj. Turístico da Pampilheira — Rebola — Edifício Oeiras

ESCRITÓRIOS

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 4 58 43 / 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 / 22
COIMBRA: Avenida Fernão de Mogalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela Rua da Figueira)



A P. S. P. DE SINTRA PROCURA A QUADRILHA DO «CRAVO VERMELHO»

SINTRA, 16 — «Busca» é a palavra de ordem da Polícia de Segurança Pública local: quatro assaltos a estabelecimentos comerciais foram praticados na última madrugada.

Sem policiamento nocturno, a vila, que às 22 horas está praticamente adormecida, transformouse nos últimos

tempos num ponto de atracção para os ladrões.

Provento dos assaltantes: 3 mil escudos retirados da caixa registadora da Electro Central Nova Sintra. Esquecimento durante os assaltos: um isqueiro abandonado na Charcutaria Nadd. Olegância num dos assaltos: um cravo vermelho posto sobre o balcão da retrosaria...

A G. N. R. NA PISTADA MÃE DO MENINO ABANDONADO

— Deve ser mulher que ocasionalmente trabalha nos campos da região — assim se pronunciou o comandante do posto da G. N. R. da Póvoa de Santa Iria acerca da mulher que em Vilaonga abandonou uma filha aos cuidados da sr.ª Adelaide da Silva Ciprano de Almeida.

A criança aparenta ter pouco mais de um mês de idade. A mãe (procurada pela G. N. R.) deve ter 37 anos e — segundo Adelaide de Almeida — «é baixa e magra, veste um casaco comprido verde-escuro e usa um lenço na cabeça, de tom azulado, com flores».

CAIXA DE PREVIDENCIA E ABONO DE FAMILIA DA INDÚSTRIA DO DISTRITO DO PORTO

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 45 — LISBOA

CAIXA DE PREVIDENCIA E ABONO DE FAMILIA DOS SERVIÇOS MÉDICO- SOCIAIS DO DISTRITO DO PORTO

RUA DAS DOZE CASAS, 143 — PORTO

AVISO

Avisam-se todas as empresas do Distrito do Porto, contribuintes da Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa que, por despacho de 21 de Janeiro de 1970, de Sua Excelência o Subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, foi determinada a sua transferência para a Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto, com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1971.

Assim, as contribuições e folhas de férias respeitantes ao mês de Janeiro de 1971 deverão ser entregues de 1 a 10 de Fevereiro, na Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto, nas condições indicadas na circular individualmente remetida aos contribuintes interessados.

A COMISSÃO ORGANIZADORA DA CAIXA DE PREVIDENCIA E ABONO DE FAMILIA DA INDÚSTRIA DO DISTRITO DE LISBOA

A DIRECCAO DA CAIXA DE PREVIDENCIA E ABONO DE FAMILIA DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DO PORTO

S. R.

TRIBUNAL JUDICIAL
DA

Comarca das Caldas
da Rainha

ANÚNCIO

Na 1.ª secção do Tribunal Judicial de Caldas da Rainha, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste, citando os réus OSCAR RIBEIRO e mulher MARIA DO CARMO RIBEIRO, proprietários, que tiveram o seu último domicílio conhecido em Lisboa, na Rua de São Félix, n.º 20-1.º, actualmente ausentes em parte incerta, para no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido formulado pela autora Pereira & Alexandres (Irmãos), Limitada, com sede no Bom-barral, nos autos de acção sumária que move contra os aludidos réus e que consiste em haver dos mesmos a quantia de 21 283\$00 proveniente de reparações feitas no seu veículo automóvel, prosseguindo a acção seus termos até final.

Caldas da Rainha, 11 de Janeiro de 1971

O JUIZ DE DIREITO,

(a) Frederico Mendes Carvalhão

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

(a) Américo Casquilho Faria

Leilão

Em 18 do mês de Janeiro e dias seguintes, às 10 horas na estação de Lisboa (Lardim), proceder-se-á à venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados, e que não tenham sido reclamados



MARIA MACHADO

LIMA NETO

Missa de 30.º dia
e agradecimento

Virgínia Machado Teixeira Barbosa e mais família, participam que amanhã, dia 17, às 11 horas, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus será celebrada missa pelo eterno descanso da Alma de sua muito querida irmã e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto.

Aproveitam a oportunidade para agradecerem muito reconhecendo a todos os amigos de qualquer forma lhes testemunharam o seu pesar e estima. Aqueles que por desconhecimento de moradas não podem fazer directamente,

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

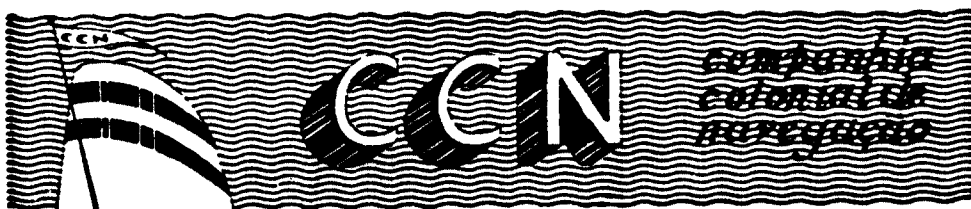


Dr. Mário Fernandes
da Costa

FALECEU

Seu filho, nora, neta e mais família, participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas da Igreja do Santo Condestável, para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA BARATA



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«INF. D. HENRIQUE»
a sair em 22 de Janeiro
às 12 horas

«IMPÉRIO»
a sair em 22 de Janeiro
às 16 horas

«BAILUNDO»
a sair em 29 de Janeiro

«PÁTRIA»
a sair em 1 de Fevereiro
às 16 horas

«VERA CRUZ»
a sair em 5 de Fevereiro
às 16 horas

«LUANDA»
a sair em 10 de Fevereiro

«GANDA»
a sair em 12 de Fevereiro

Com escala por Funchal, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 17 a 20 de Janeiro.

Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega até 16 de Janeiro.

Com escala por Leixões para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 25 a 28 de Janeiro.

Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 20 a 24 de Janeiro.

Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 1 a 3 de Fevereiro

Com escala prévia por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 5 a 8 de Fevereiro.

Directo a: CABINDA, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES e CUIO (se necessário). Carrega de 4 a 10 de Fevereiro

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 15 de Fevereiro
às 18 horas

Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

CARTAZ DOS CINEMAS



SÃO JORGE

(Adultos) Tel. 54153

As 15.15, 18.15 e 21.30

Uma explosão de violência!

CANHÕES

PARA CORDOBA
com George Peppard, Raf Vallone e Giovanna Ralli

AMANHÃ, às 11 h. da manhã
CINEMA COM CRITÉRIO
A GRANDE PARÓDIA
com Bourvil, Louis de Funès
e Terry Thomas
(M. 12 anos)
Patrocínio do C. C. Católico
Bilhetes à venda - Preço 15000

VOX

(Adultos) Tel. 72608

As 15.15, 18.30 e 21.45

10.ª SEMANA TRIUNFAL!

O filme decisivo de

Claude Chabrol

REQUIEM PARA UM

DESCONHECIDO

com Michel Duchaussey, Caroline Cellier e Jean Yanne

DOMINGO, AS 11 HORAS

(M. 12 anos)

Teresa Wright no encantador

filme

«UMA AVENTURA

NO JAPÃO»

em maravilhoso colorido

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016

As 15.15 e 21.30

Panavision — Colorido

UM CLUBE SÓ PARA

CAVALHEIROS

com James Stewart, Henry

Fonda e Shelley Jones

SABADO E DOMINGO

Matinées infantis às 18.15

(M. 6 anos)

Um filme extraordinário! A

alegria total para as crianças

e também para os adultos,

com o incomparável génio de

CHARLOT

O HOMEM MAIS

ENGRAÇADO DO MUNDO

ROYAL

(Adultos) Tel. 865037

As 15 e 21 h.

A PONTE DE REMAGEM

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 717480

As 15.15, 18.15 e 21.30

Technicolor

Um filme de Anatole Litvak

A SENHORA NUM AU-

TOMÓVEL COM ÓCULOS

E UMA ESPINGARDA

com Samantra Eggar e Oliver

Reed

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480

As 15.45, 18.30 e 21.45

Technicolor

Um filme de Anatole Litvak

A SENHORA NUM AU-

TOMÓVEL COM ÓCULOS

E UMA ESPINGARDA

com Samantra Eggar e Oliver

Reed

AVIS

(Adultos) Tel. 727778

As 15.30, 18.30 e 21.45

Um filme de ROGER VADIM

com BRIGITTE BARDOT

E DEUS... CRIOU

A MULHER

Jean-Louis Trintignant

e Curd Jurgens

EASTMANCOLOR - SCOPE

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 727778

As 15.30, 18.30 e 21.45

Um filme de ROGER VADIM

com BRIGITTE BARDOT

E DEUS... CRIOU

A MULHER

Jean-Louis Trintignant

e Curd Jurgens

EASTMANCOLOR - SCOPE

CONDÉS

(Adultos) Tel. 727778

As 15.30, 18.30 e 21.45

Um filme de ROGER VADIM

com BRIGITTE BARDOT

E DEUS... CRIOU

A MULHER

Jean-Louis Trintignant

e Curd Jurgens

EASTMANCOLOR - SCOPE

LIZ

(Adultos) Tel. 48560

As 15.15, 18.30 e 21.45

Um filme de ROGER VADIM

com BRIGITTE BARDOT

E DEUS... CRIOU

A MULHER

Jean-Louis Trintignant

e Curd Jurgens

EASTMANCOLOR - SCOPE

CONDES

(Adultos) Tel. 727778

As 15.30, 18.30 e 21.45

Um filme de ROGER VADIM

com BRIGITTE BARDOT

E DEUS... CRIOU

A MULHER

Jean-Louis Trintignant

e Curd Jurgens

EASTMANCOLOR - SCOPE

LIZ

(Adultos) Tel. 48560

As 15.15, 18.30 e 21.45

Um filme de ROGER VADIM

com BRIGITTE BARDOT

E DEUS... CRIOU

A MULHER

Jean-Louis Trintignant

e Curd Jurgens

EASTMANCOLOR - SCOPE

CONDES

(Adultos) Tel. 727778

As 15.30, 18.30 e 21.45

Um filme de ROGER VADIM

com BRIGITTE BARDOT

E DEUS... CRIOU

A MULHER

Jean-Louis Trintignant

e Curd Jurgens

EASTMANCOLOR - SCOPE

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595

As 9 e 6.15 da tarde

e 9.30 da noite

A maior obra de DICKENS

DAVID COPPERFIELD

em technicolor

com Richard Attenborough,

Cyril Cusack, Laurence Oli-

vier, Edith Evans e Pamela

Franklin

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305

As 15.15 e 18.15 e às 21.30

2.ª SEMANA

COM O SENSACIONAL FILME

DE ACÇÃO ESPECTACULAR

E EXPLOSIVA

OS 6 INVENCIÁVEIS

com Stuart Whitman, Elke

Sommer e Curt Jurgens

Eram assassinos e ladrões... Mas

também foram heróis...

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

As 15.30, 18.30 e 21.45

Um filme de ROGER VADIM

com BRIGITTE BARDOT

E DEUS... CRIOU

A MULHER

Jean-Louis Trintignant

e Curd Jurgens

EASTMANCOLOR - SCOPE

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

3.ª SEMANA

As 15.30, 18.30 e 21.45

O filme que devolve ao nati-

vismo o seu lugar de honra!

O SILÊNCIO DO AMOR

com Marie Dubois

e Mathieu Carrière

EASTMANCOLOR

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 795286

As 21 horas

O AVÓZINHO CONGELADO

URSUS, O GLADIADOR

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933

As 15 e às 21 h.

DIABO ENAMORADO

INTRIGA

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5

As 15.15, 18.30 e 21.30

4.ª SEMANA TRIUNFAL!

O CÍRCULO PERFEITO

Um filme de Jean Pierre

Melville

O CÍRCULO VERMELHO

com Alain Delon, Bourvil,

Vves Montand, François Perier

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 326305

2.ª SEMANA

As 15.30, 18.30 e 21.45

Segundo a obra de Dostoiévski

um filme de Robert Bresson

UMA MULHER MEIGA

LIDO

(M. 12 anos) Tel. 33.093

As 21.30

Uma grande interpretação

de Rod Steiger

WATERLOO

Um espectáculo histórico

a não perder!

CHIADO TERRASSE

As 15 e 21 h (M. 17 anos)

CHAMAM-ME... «MISTER»

TIBBS!

CAMINHO PERIGOSO

OUTROS ESPECTÁCULOS

LISBOA

TEATROS

LAURA ALVES — As 21 e 45:

«O Preço» (17 anos).

VARIEDADES — As 20 e 45 e às

23: «E o Zé faz tudo» (17

anos).

VILLARET — As 21 e às 23:

Sexta-feira, quatro e um quarto

(17 anos).

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A

querida mamã» (17 anos).

TRINDADE — As 21 e 30: «O ul-

timo inquilino» (17 anos).

MONUMENTAL — As 21 e 45: «A

casa das cabras» (17 anos).

GIL VICENTE — As 22: «Breve

sumário da vida de Jesus» (17

anos).

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45

e às 23: «Pimenta na língua»

(17 anos).

A B C — As 21 e 45: «O Santo

e a Porca» (17 anos).

CINEMAS

OLÍMPIA — As 19: «Novato Joe»

(17 anos).

JARDIM — As 21: «O último fica

vivo» (12 anos).

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As

21: «007, Missão Lisboa» e «As

viúvas» (17 anos).

PARADE — ROYAL-CINE — As

21: «Para além das montanhas»

(17 anos).

ESTORIL — PALÁCIO — As 21 e

30: «O exército da Sombra» (17

anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e

30: «Nem sempre se pode ga-

nhar» (12 anos).

Outro Bando

BARREIRO — CINE-BARREIREN-

SE — As 21: «O Sinal da Cruz»

(12 anos).

COSTA DA CAPARICA — COPA-

CABANA — As 21: «Mais mor-



Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1
Telex 65 45 31-2-3-4
Recuperação e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telex 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

Condolências pela morte de D. Teresa Caetano

O Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, continua a receber muitos telegramas de numerosas indi-

vidualidades estrangeiras a propósito do falecimento de sua esposa, D. Teresa de Barros Alves Caetano, nomeadamente do chanceler da Alemanha Federal, Willy Brandt, que exprime os seus sinceros pésames.

Também enviaram telegramas de condolências o Chefe do Estado Espanhol, o príncipe de Espanha, D. Juan Carlos, vice-presidente do Governo de Espanha, almirante Carrero Blanco, e presidente das Cortes Espanholas, D. Alejandro Rodriguez Valcárcel.

O primeiro-ministro da África do Sul, sr. Balthazar Foster, em seu nome, e no do Governo e do povo do seu país, igualmente enviou condolências, bem como o primeiro-ministro do Governo Belga, sr. Gaston Eyskens, e o respectivo ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. Pierre Harmel.

O ARGENTINO HECTOR NO SPORTING?

BUENOS AIRES, 16 — (R.) — Hector Casimiro Yazalde, o avançado-centro «internacional» do clube argentino Independiente, de 24 anos, foi transferido para um dos mais conhecidos clubes portugueses, falando-se no Sporting Clube de Portugal — segundo revelaram, a noite passada, nesta capital, fontes bem informadas.

Disseram, ainda, que Yazalde, o futebolista do ano da Argentina em 1970, fora transferido, por 150 000 dólares (cerca de 4200 contos), uma verba de transferência que constitui um máximo de sempre neste país.

ALVEJADO A TIRO

Encontra-se internado na sala de observações do Hospital de S. José, com uma bala numa das pernas, o estudante universitário Alberto Tavares Magalhães de Barros, de 21 anos, residente na Avenida Marechal Carmona, em Cascais.

O ferido afirma que foi alvejado, de madrugada, quando seguia de automóvel pela Rua da Beira Alta, no Estoril. O agressor teria sido um indivíduo que contra ele (ferido) apresentou queixa no Tribunal de Cascais.

As autoridades investigam.

A MENINA

ESTAVA COM O PAI

PORTO, 16 — Maria José Mendes da Silva, menina de 9 anos, dada como desaparecida pela mãe há dois dias, estava, afinal, em companhia do pai.

Segundo este, resolvera-se a ficar com a filha para que os seus exemplos da mãe (de quem se encontra separado) a não influenciassem.

Tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado, o vento era fraco, havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Monte Estoril, 15,5; mínima: Penhas da Saúde, -6,8.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 5,5; Penhas Douradas, 5,5; Coimbra, 3,5; Portalegre, 5,5; Lisboa, 4,5; Faro, 8,5 euncha, 4,5.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SUL, ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 8,5; na água do mar: 13,5.

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu em geral muito nublado; vento fraco podendo soprar moderado do quadrante Sul; possibilidade de chuva ou aguaceiros na parte sul do território.

Amãhã
Nascer às 8 e 54
Ocorer às 18 e 40



Dia 19 Dia 26 Dia 2 Dia 10

MARÉS:

PREIA-MAR: Hoje — 7 e 23 (3,7 m); 19 e 40 (3,5 m).
Dia 17 — 7 e 44 (3,6 m).
20 e 06 (3,4 m). Dia 18 — 8 e 17 (3,5 m); 20 e 47 (3,3 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 0 e 17 (1,2 m); 12 e 45 (1,2 m).
Dia 17 — 0 e 45 (1,3 m); 13 e 24 (1,3 m). Dia 18 — 1 e 29 (1,5 m); 13 e 54 (1,4 m).

REPRESENTANTE PERMANENTE DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO JUNTO DA UNIÃO DE BANCOS BRASILEIROS

A fim de exercer as funções de representante permanente do Banco Português do Atlântico junto da União de Bancos Brasileiros, seguiu ontem para o Rio de Janeiro o sr. António Mendes de Freitas e Sousa, subdirector daquela instituição de crédito.

O sr. Freitas e Sousa em estreita colaboração com a União de Bancos Brasileiros, associada do Banco Português do Atlântico, chefeará, no Brasil, o Serviço de Gestão de Interesses Portugueses, especialmente destinado à administração de bens imobiliários, à guarda e administração de títulos de crédito, ao processamento de transferências para Portugal, a consultas sobre novos investimentos e reafirmação de rendimentos, ao incremento das trocas comerciais entre Portugal e o Brasil e à prestação de informações sobre oportunidades de negócios.

A resolução de promover a criação de um serviço desta natureza asere-se no acordo de associação e cooperação celebrado em Lisboa, em 22 de Abril passado, entre o Banco Português do Atlântico e a União de Bancos Brasileiros, pelo qual estas duas instituições de crédito, com a sua vasta rede de 600 agências e dependências, se propuseram dotar os seus serviços da eficácia e coordenação necessárias a poderem dar assistência às vastas zonas geográficas por onde se estendem os territórios de Portugal e do Brasil e com uma população global de mais de 100 milhões de habitantes.

Com o sr. António Frei-

tas e Sousa seguiu também o sr. António Barbosa Gonçalves, que no Brasil tomará contacto com os novos serviços agora criados pelo Banco Português do Atlântico e a União de Bancos Brasileiros.

UM NOVO DIÁRIO ALENTEJANO

Um novo diário alentejano sob a direcção de Melo Garrido, que abandonou no princípio do ano as funções de director do «Diário do Alentejo» começará brevemente a publicar-se em Beja o novo diário «Alentejo Ilustrado», um matutino que estenderá a sua acção a todo o Alentejo. O chefe de redacção é José Moedas, que estava a exercer o mesmo cargo no «Diário do Alentejo».

«Alentejo Ilustrado» tem a sua redacção e oficina, na Praça da República, em Beja.



AMANHÃ

«MATINEE»
— AS 17 H. —
No Salão Restaurante

ELAINE DELMAR

- KARL KARSONY
- HELENA TAVARES
- LES BALLETS DE GEORGES REICH

MAIÓR

OS UNTUÊS JIRINA'S COMBO FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

— Maiores de 17 anos —

PREÇOS
Chá completo — 40\$00
(taxas e impostos não incluídos)

NO CINEMA
Hoje, às 16 e 30

«MATINEE» INFANTIL e às 16 e 30

CHISUM, O SENHOR DO OESTE
(M. 12 crans)

CHISUM, O SENHOR DO OESTE
(M. 12 crans)
— Ambiente climatizado —

MUITO BARATO

TOALHAS E JOGOS DE BANHO
TOALHAS DE MESA
JOGOS DE CAMA
COBERTORES, etc., etc.

LAVORES FEMININOS

Avenida Guerra Junqueiro, 3-D

LAVORES

Rua Aurea, 197 — LISBOA

AUXILIAR DE CONTABILIDADE

Com conhecimentos de mecanografia de preferência OLIVETTI.

Resposta a este jornal ao n.º 684.



BIBLIOTECA ARCADIA DE BOLSO

UMA BIBLIOTECA EM PERMANENTE ACTUALIZAÇÃO

A BAB, no oitavo ano de existência, é uma colecção destinada a todo o público e cobre a generalidade dos interesses culturais do homem moderno. Criada em função da era em que vivemos, o seu formato de bolso permite uma boa utilização do espaço exigido de que hoje dispomos. As suas características enciclopédicas resumem ao essencial e ao indispensável o tempo consagrado à leitura, considerando igualmente o poder muito importante do poder de compra. Vindo a abranger todos os ramos do conhecimento, a BAB pretende informar em termos concisos, claros e actualizados com o objectivo progressivo de inventariar a cultura universal.

O LIVRO DA QUINZENA

A CHINA ANTIGA, Jacques Gernet

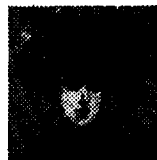
Das origens da civilização chinesa, até à fundação do Império 221 anos AC, cerca de 1500 anos perpassam neste livro que descreve a sua prodigiosa evolução conduzindo à formação de um vasto Império centralizado, comparável ao de Roma, mas muito mais povoado e muito mais avançado nas suas técnicas. Esta é, portanto, das mais fabulosas histórias da humanidade, tão mal conhecida do mundo ocidental.

Vol. 123 — 20\$00



os bônus da quinzena

a título excepcional os bônus referentes a esta quinzena poderão ser adquiridos até 31 de Janeiro



TERESA RAQUIN
Emílio Zola
Vol. 38 — 15\$00

OS OLHOS E O SOL
S. Vavilov
Vol. 6 — 15\$00



FORMAR, SEM DEFORMAR, UMA CULTURA VIVA

PEÇA O PROGRAMA GRATUITO DA BAB PARA 1971 EM QUALQUER LIVRARIA OU DIRECTAMENTE A ESTA EDITORA

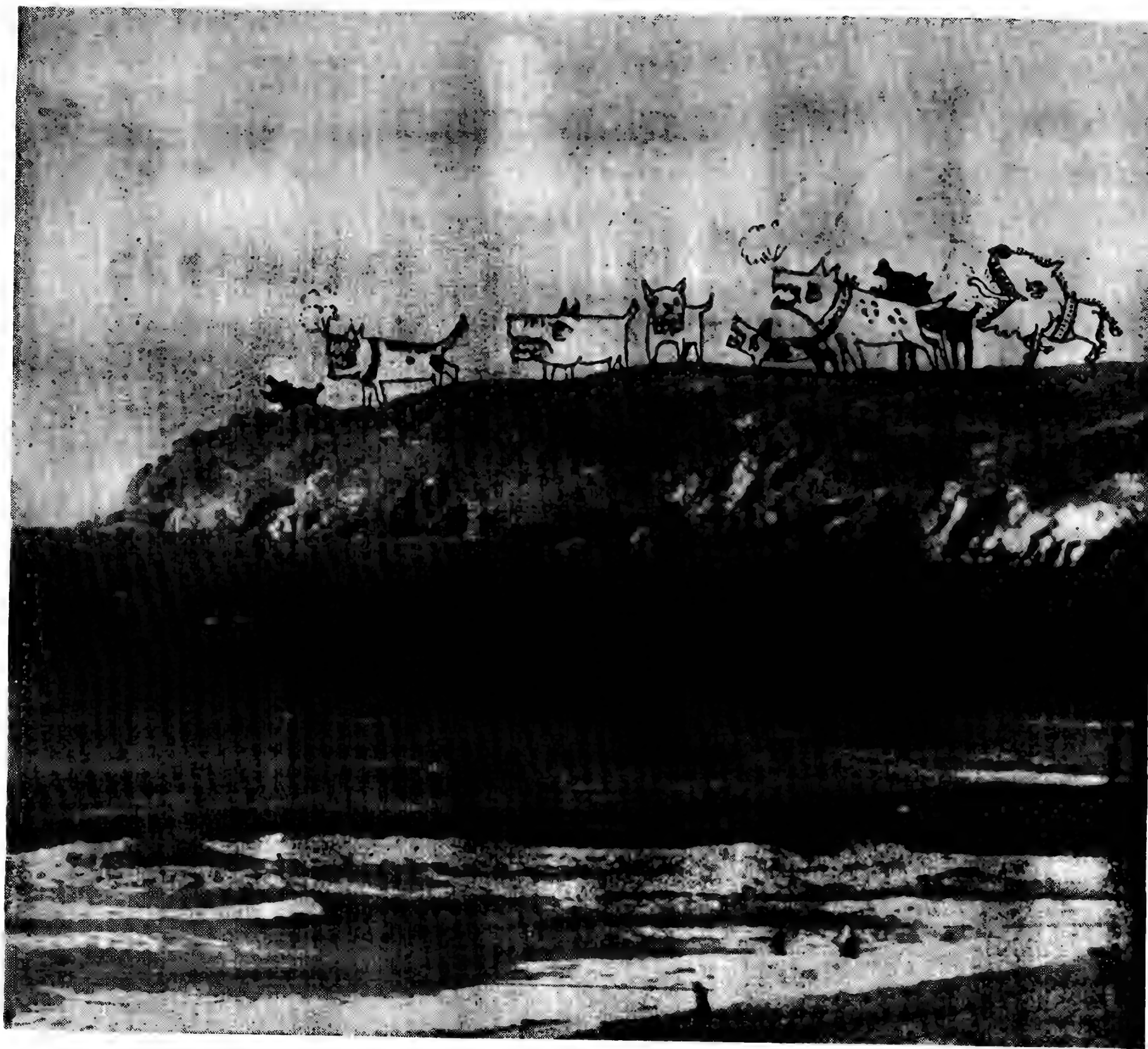
EDITORA ARCADIA S. A. R. L.
Campo de Santa Clara, 160 — Lisboa 2



Mosca

92

ANO II — 16 JANEIRO 1971



**CABO DA ROCA—O PONTO MAIS OCIDENTAL
DA EUROPA «ONDE A TERRA ACABA E O MAR COMEÇA»...**

ROSnota de ABERTURA

Dizem os poetas que os antigos navegantes sabiam, ao longe, estar junto à costa portuguesa por reconhecerem o cheiro dos seus laranjais: É possível que isso seja verdade mas tal facto deve ter séculos de idade porque se os modernos navegantes reconhecem, ao longe, a costa de Portugal é por ouvirem o rosnar de sua gente. Rosna-se em toda a parte: nos cafés, nas ruas, nos lares, nos corações. Rosnar é mais do que um destino, é uma pena.

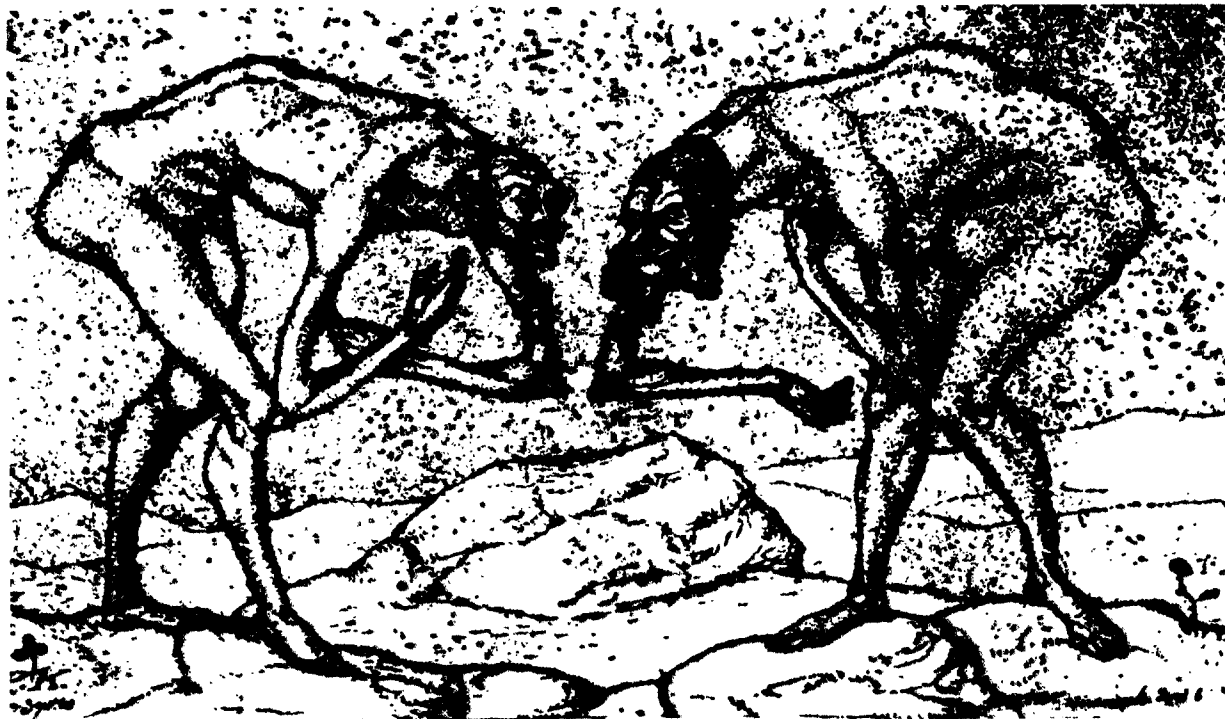
Todo o português nasce condenado a rosnar pela vida fora. Somos poucos, e os que participam na vida são tão poucos que não chegam para sustentar os que desejariam figurar nos cartazes. Matam-se os escritores uns aos outros para conquistar um público não suficientemente desenvolvido para os sustentar a todos. Liquidam-se à ferroada-rosnada, os actores que desejariam estar à cabeça dos cartazes. E porque há cem actores por cada cartaz e cem cartazes por cada espectador, as intrigas, os ódios, os jogos escondidos e as moscambilhas atingem uma tal gravidade que acabam por liquidar os que rosnam e os que ouvem rosnar. Não se fala com um artista ou com um técnico que não seja melhor do que os outros ou que não tente promover-se, liquidando os outros. Não se fala com um fedelho que não esteja já a lutar por um lugar ao sol tentando destruir os que ocupam o lugar que desejam. Chega a ser ridículo: o actor A sorri sarcásticamente do actor B; o escritor B classifica de traidor o escritor C; o poeta D não reconhece talento ao poeta E; o técnico F julga que todos os outros são idiotas e assim por diante, num rosnar sem tréguas com que todos pretendem conquistar o lugar nesse miniautocarro de minifama que nos leva à travessa do Fala-Só.

Escolhemos deliberadamente a travessa do Fala-Só deste miniautocarro porque bem vistas as coisas rosnar entrou de tal forma nos hábitos da vida portuguesa que já ninguém lhe liga. Estamos tão minados que tomamos a rosnar por natural. É que se algum de nós não rosna logo os outros o tomam por parvo. Rosnar constitui a música de fundo de toda a vida portuguesa. Ninguém diz às claras a que tem a dizer, não só porque há poucos que tenham alguma coisa a dizer como também porque falar alto está para o rosnar como, na velha Roma, o latim erudito para o latim popular. Rosnar é simultaneamente uma linguagem de ataque e de defesa. Rosna o cão contra o homem porque não sabe falar e o homem contra o cão para se fazer entender.

Estamos certos de que os ruídos que em tantos discos atribuímos a electricidade estática são no fundo autênticas gravações — as do rosnar.

Cada um tem o seu rosnar, o rosnar da sua panelinha, o rosnar do seu bairro, o rosnar da sua profissão e o rosnar do que na vida lhe ficou por fazer.

Aliado a este rosnar todos temos a convicção de que existem «complots» organizações e interesses secretos que nos impedem de passar do rosnar à fala. E que nos liquidariam se o tentássemos fazer. Não queremos referir-nos aos que rosnam por não terem outro remédio já que a vida os liquidaria se tentassem traduzir em palavras a consciência real que têm da sua própria impotência. Esses estão no rosnar como o peixe na água e dele vivem porque doutra forma não se daria por eles. Queremos referir-nos aos ou-



Gravura de Paul Klee — «Dois homens cada um dos quais atribuindo ao outro uma situação superior à sua». Se Klee tivesse nascido em Portugal, esta gravura intitular-se-ia, provavelmente, «Dois portugueses em público».

tros. Aos que viveriam e contribuiriam para a vida se não tivessem nascido neste ambiente de rosnar que se transformou na única forma de existência possível a todos portugueses de quarenta e tal anos. E que se a rosnar fosse destruída, se alguém ousasse dizer na rua a que diz em casa, falar alto, talvez as muralhas da rosnar ruíssem, como outrora as muralhas de Jericó, ao som de trombetas cristalinas. Passa-se muita coisa que todos lucrariam em conhecer.

Circunstâncias que reputamos inevitáveis tornar-se-iam evitáveis se as suas causas fossem discutidas. Rosnas há que deixariam de ter razão de ser se pudéssemos falar nas suas causas. No último número deste suplemento publicámos uma entrevista com Mário Alberto que causou sensação. Publicámos-a porque este suplemento está sempre ao dispor de quem lhe merece crédito e tanto o nome como o «currículo vitae» de Mário Alberto constituem uma garantia de que ele

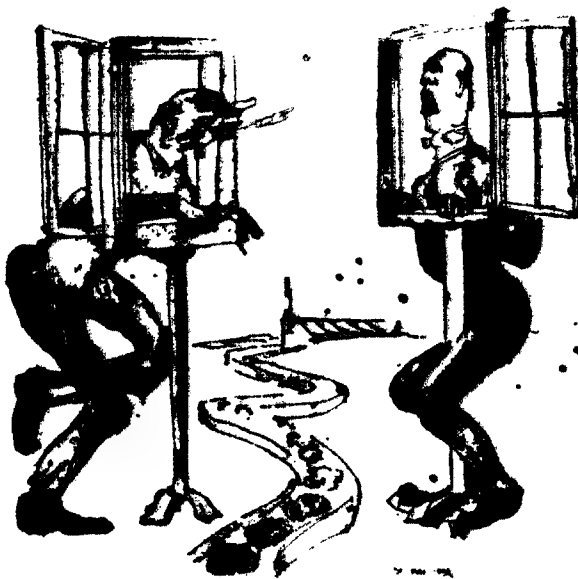
tem o direito de se fazer ouvir e de que todos ganhamos em ouvi-lo. A publicação desta entrevista deu azo a que recebéssemos centenas de cartas apoiando este cenógrafo e pedindo-nos para não ceder perante pressões que todos julgavam inevitáveis a fim de darmos o assunto por terminado.

O interesse revelado pelos nossos leitores revela-nos até que ponto andamos sequiosos de saber o que se passa em muitos sectores da vida portuguesa e leva-nos a concluir que há efectivamente algo de padre neste nosso pequeno reino de Dinamarca — de outra forma não se entenderia que as simples declarações de um simples cenógrafo «emigrado» causasse tal celeuma. Outra forma desta podridão a que nos referimos é o facto de Mário Alberto ter esperado até estar em Paris para dizer o que tinha a dizer — estivesse o reino são e Mário Alberto teria falado no seu país sem que isso lhe afectasse a possibilidade de ganhar a vida. Não será sintomático o facto de tantos leitores nos pedirem para não «ceder»? Não querera o uso desta expressão indicar até que ponto nos sentimos condenados a rosnar por não termos a possibilidade de proceder doutra forma? Que os nossos leitores julguem este facto como o entenderem na certeza de que a Mosca não cederá.

Publicamos neste número o II acto da entrevista com Mário Alberto e dedicamos o espaço que nos foi possível ao exame dos problemas do noticiário ligeiro. Sempre nos batemos contra a necessidade de rosnar e não vamos agora mudar de rumo ou aproveitar os tempos para beneficiar os que aproveitavam das rosnas antigas.

Se o Mário Alberto tem razão ou não é problema que a Mosca não pretende resolver — fartos de soluções impostas estão os nossos leitores.

Essas soluções impostas não serão a causa do nosso rosnar? O que a Mosca entende é que o Mário Alberto tem o direito de falar e que a Mosca tem a obrigação de atacar a rosnar para que os navegantes voltem a reconhecer, de longe, a costa portuguesa pelo cheiro dos laranjais.



Gravura de Hermannovsky-Oriundo — «Os vizinhos». Se Hermannovsky-Oriundo tivesse nascido em Portugal, esta gravura intitular-se-ia, provavelmente, «Portugueses rosnando acerca dum ausente».

JOSÉ VIANA, PINTO DE CAMPOS E MANUEL LIMA pronunciam-se sobre as declarações de MÁRIO ALBERTO

Pinto de Campos, Manuel de Lima e José Viana não carecem de apresentação, mas porque há quem esteja a chegar agora a estas questões de teatro (não oferecemos presentes a quem atinja os dezassete anos hoje e suba ao palco) ⁽¹⁾, resolvemos perguntar a este e àquele o que deles pensam, revelando desta forma uma intenção didáctica que, mais tarde ou mais cedo, nos levará a merecer uma condecoração. (Preferíamos um subsídio...)

QUE PENSA V. DE PINTO DE CAMPOS?

Bernardo Santareno — É um artista que influenciou decisivamente o elemento plástico no teatro português.

Luís Francisco Rebelo — Tudo o que há de civilizado, no sentido moderno da expressão, no nosso teatro ligeiro, não teria, certamente, sido possível sem a colaboração plástica de Pinto de Campos.

Luís de Sttau Monteiro — Que renunciou a ser um grande cenógrafo europeu por gostar excessivamente da sardinha assada. Quem perdeu foi o teatro europeu.

QUE PENSA V. DE JOSÉ VIANA?

Carlos Porto — José Viana reinventa do nada a revista portuguesa, e nela se reinventa como actor mais próximo do palhaço pobre e humilhado do que do empresário rico e humilhante. É um artista inteligente e sensível, qualidades que não abundam no nosso teatro de revista nem no nosso teatro.

Rogério Paulo — É um homem que trouxe para o teatro a sua sensibilidade de homem e de pintor — ambas se notam no seu trabalho.

Adelino Tavares da Silva — Apesar de tudo tenho pena de que no Zé Viana tenha morrido o pintor José Viana Dionísio, mas como actor ele dispensa o Dionísio de quem eu tenho saudades.

QUE PENSA V. DE MANUEL DE LIMA?

Vasco Morgado — Dos artistas plásticos de teatro é daqueles que mais admiro e com quem tenho trabalhado no cinema e no teatro.

Raul Solnado — Um grande camarada e um grande colaborador cheio de talento que só lamenta nos tenha abandonado durante tante tempo porque faz muita falta.

Estão feitas as apresentações. Passamos directamente a interrogar estes três homens do teatro musical acerca do que eles pensam das declarações feitas por Mário Alberto. Agradecemos que estamos

aos nossos amigos Pinto de Campos, José Viana e Manuel de Lima pela boa vontade com que nos acolheram, não resistimos a comentar que as suas opiniões foram colhidas em Lisboa ou, mais propriamente ainda, no Parque Mayer. Que diriam estes três homens de teatro se estivessem neste momento em Paris e tivessem o seu futuro mais ou menos garantido? Não o sabemos nem queremos fazer profecias mas, muito em segredo, perguntamos-nos se, entrevistado no Parque Mayer, o Mário Alberto não teria safado mais ou menos assim...

FALA O JOSÉ VIANA:



«A Mosca» apareceu-me e perguntou-me se eu tinha lido o «primeiro acto» da entrevista com o pintor, figurinista, cenógrafo e meu amigo, Mário Alberto. Respondi que sim, que li. Depois perguntaram-me se eu concordava com as suas afirmações e eu, tirando um pouco o assento de fora, disse-lhe que talvez... que possivelmente... que até certo ponto...

«A Mosca» zumbiu forte e intimou-me: Bzzz Seja franco! Bzzz Não se acobarde e diga o que pensa! Bzzz.

Eu então chateei-me e resolvi dizer o que penso, reflecti e não tenho nada a ver com esse «primeiro acto» e estou à espera de ver o fim da peça...

FALA O PINTO DE CAMPOS:

Quando devia contestar, não contestei. Hoje já não conto. To porque admiro todos os jovens que contestam.
Pinto de Campos

FALA O MANUEL DE LIMA:

Os meus pensamentos depois da entrevista do Mário Alberto são de várias tonalidades:

Primeiro — cor vermelha: Combate, energia, pertinência. É essa a luta constante do Mário que tantas vezes o prejudicou. De facto o teatro é um meio onde se não podem dizer verdades, principalmente porque esse mesmo teatro é sustentado por uma mistura de Mecenas e de intrigas, pondo de parte, por uma questão de interesses, os valores reais que surjam.

Segundo — cor azul: Posso tomar a responsabilidade do que digo porque a maior parte dos cenógrafos e maquetistas do teatro foram trazidos por mim. Inclusivamente o Mário Alberto, Velez de Lima, Hernani Lopes, Octávio Clérigo, Rebocho e muitos mais.

Terceiro — cor roxa: Como cenógrafo, não posso deixar de lastimar que o Mário Alberto se tivesse afastado do teatro português onde tem o seu lugar vago, lamentando, por outro lado, que todas essas verdades não tivessem sido ditas no meio teatral mas sim além fronteiras.

Quarto — cor branca: Esta cor, na actual conjectura de mentalidade...



des, mesmo que a quisesse usar, parece-me que seria ultrapassada pelo negro.

Quinto — cor negra: Da minha experiência como cenógrafo no Brasil, resta-me, para acabar, desejar que não nos aconteça por cá o que aconteceu à revista no Brasil — a morte — visto que a revista está a entrar no caminho da pornografia, não dando lugar a que se revelem autores novos nem que os do meu tempo voltem a trabalhar e cite os nomes de Matos Sequeira, dr. Frois Teixeira, Fernando Avila, Frederico Valério, Frederico de Freitas e outros.

Sexto — cor verde: Já que vivemos tanto de dúvidas e de experiência, porque não convidar toda a equipa da «Mosca» a escrever uma revista? Que saudades que eu tenho dos meus tempos de jovem, nestas andanças em que escreviam para a revista o João Bastos o Félix Bermudes, o Ernesto Rodrigues, o Alberto Barbosa, o Nelson de Barros, o João Villaret, o Vasco Santana, o dr. José Galhardo, o Raul Portela, o Venceslau Pinto, o Vasco de Macedo, o André Brun, o Jorge Roldão e outros. E que saudades dos tempos em que havia maquetistas como Almada Negreiros, António Soares, Jorge Barradas, Lino António, José Torgarro, José Barbosa (ainda vivo, felizmente...) Lino Ferreira, Schwalback, etc....



(1) Chegou ao conhecimento de «A MOSCA» que se tem feito constar insistentemente que, por não oferecemos presentes, estamos a visar personalidades portuguesas. «A MOSCA» comunica que esta expressão foi traduzida do suplemento «The Fly» de Edimburgo.



CARTA GUIA DOS PRINCIPAIS CENTROS DA ROSNA LISBOETA



- 1. — ZONA DO CHIADO (LARGA)
- 2. — ZONA DO AREIRO
- 3. — ZONA DO CHIADO (ÁREA)
- 4. — ZONA DA PRAÇA DO COMÉRCIO
- 5. — ZONA DO SALDANHA
- 6. — ZONA DO PARQUE EDUARDO VII

■ 1. Centro outrora frequentado por intelectuais e, actualmente, por Bombeiros Voluntários da Cultura, frequentadores de colóquios, caixeiros viajantes de artigos de perfumaria (e ainda de novidades, brindes, etc.), adolescentes á procura de si mesmos e doutros, amadores de palavras cruzadas, indivíduos em busca de empregos em livrarias editoriais, letrados de várias espécies e amadores de canetas de tinta permanente. Rosna pseudo-intelectual e pseudo-artística. A senha para a entrada no centro: «Leste a última de X? Isto está cada vez pior!» Neste centro a rosna política é de importância secundária — o que cada um pretende é que se fale de si seja como for e seja a que título for. Os mosquiteiros da província devem visitar este centro a fim de ficarem contagiados pela rosna — garantimos que se todo o país passar por este centro paralisará em 48 horas.

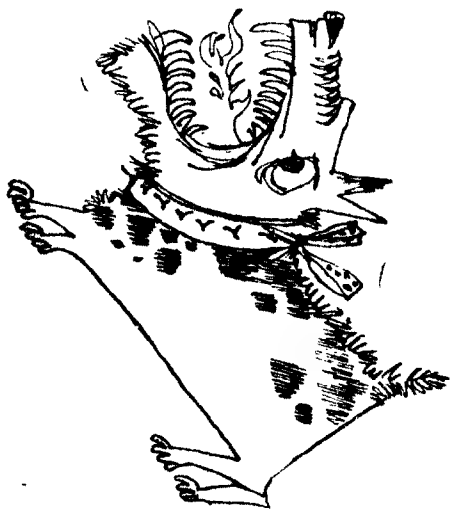
■ 2. Centro de rosna com sede num «snack» forrado de madeira e, portanto, com as características do que na arquitectura snackica passa por «moderno mas acolhedor». Este centro funciona sobretudo á noite. Rosna cinematográfica e técnica. Os que rosnam ou perderam concursos ou não obtiveram subsídios. Rosna-se, como é evidente, de quem ganhou os concursos ou de quem obteve os subsídios. Para esclarecimento dos mosquiteiros, informamos que o centro é especializado em rosna curta-metragem a preto e branco com música de fundo publicitária. Porque o centro se situa na zona dos Estados Unidos da América, os ros-

nadores apresentam-se, normalmente, de camisola de gola alta e calça aos quadradinhos. Que as aparências não iludam ninguém: as barbas são «para inglês ver» — os rosnadores, por dentro, usam patilha ataurificada e barba á «passa-piolho» tal como os seus avós no tempo de El-Rei D. Miguel. Senha para entrar no centro: «Sabes que o Godard já faz publicidade? — Está tudo perdido.» Ambiente progressivo, isto é, o «steack» vem acompanhado de «pommes» muito fritas e as rosnadoras vêm convenientemente maxizadas e abotinadas para que a rosna tenha o tom próprio das boas revistas estrangeiras impressas em papel «couché». Tudo neste centro está muito certinho.

■ 3. Centro de coração e de mentalidade ibérica. Rosna cara, luxuosa, afufiada, (rosna-se entre «fúfias» que se vestem de acordo com a última moda e, sobretudo, de acordo com o gosto dos rosnadores que lhes trazem presentes de Paris). Rosna-se muito contra os impostos e contra a Lecas que prometeu ir jantar e não foi. Rosna-se contra um passado recente de que ainda há muito pouco tempo se dizia bem. Rosna-se contra o presente que se deseja transformado em futuro. Rosna-se a favor de Pips, coitado, que não é tão burro como se diz e a prova é que ainda há dias foi promovido a gerente duma filial sem ter curso nem nada. Senha para entrar no centro: «Eh pá, já viste o 220 novo? — Dá 180 com quatro borrachinhos dentro». Centro muito certinho.

■ 4. Rosna reparticional, promocional, ordenadal, fun-

cionarial. Rosnadores engravatados, gabardinados e empastados à James Bond como convém a quem tem responsabilidades. Rosna-se contra o Marques que foi promovido a chefe de secção, apesar de ser notório que joga o poker em casa do Valério. (Estas pessoas de bem só jogam ao burro). Rosna-se acerca do «doutor» — aguentar-se-á ou não? — Caso afirmativo, reformará os quadros ou não? Os da secção de planificação rosnam contra os que não ligam importância às planificações. Os da «económica» rosnam contra os recibos que continuam impressos em papel azul sem que os do «executivo» compreendam a ne-



cessidade de standardizar os impressos. Senha para entrar no centro: «Sou amigo do doutor!»

■ 5. Centro que poderíamos designar por Centro das Novas Profissões Teatrais e Ofícios Correlativos (os que rosnam sobre teatro entre as nove e as doze horas pertencem às novas profissões porque, como é evidente, não estão a trabalhar nos teatros que a essa hora estão abertos). Os que rosnam a partir das doze horas pertencem aos ofícios correlativos: acompanhadores de artistas, apoderados de coristas, «entendidos», indivíduos que tendo lido notícias sobre o «Hair» deixaram crescer o cabelo e substituíram os botões da berquilha por um fecho «éclair», críticos sem coluna, empresários potenciais do tipo «Se eu fosse empresário tu eras vedeta», proprietários de Volkswagens transformados e amigos de todas as onças que existem sobre a face da Terra.) Rosna-se contra as pernas de A que nunca deviam ter sido destapadas em público, con-

tra o aldrabão de B que no fundo, não sabe nada nem frequenta o centro, contra D que se vendeu, contra E que «atraçou», contra F que não passa de um amador, contra G que não tem talento, contra H que depois de tudo o que disse aceitou um subsídio, contra I — o idiota — que não aceitou um subsídio, e, sobretudo, a favor de J, esse genial artista de quem todos podem dizer bem porque nunca fez nada na vida e por isso não representa perigo para ninguém. Rosna surda, miudinha de quem sabe que vai no dia seguinte dizer o contrário se lhe oferecerem um «cachet» que dê para a bica e para a rosna. Senha para entrar no grupo: «Eu não trabalho para o Morgado nem que ele me dê 100 contos por semana». Contra senha (que também dá entrada no centro): «Aceitei a proposta do Morgado, mas contra vontade e disse-lho»!

■ 6. Centro de rosna profissional a tanto à linha e a tanto à hora. Rosna-se, como é evidente, por escrito em caixa alta e baixa. No princí-



cio do mês rosna-se a três colunas, Egízio 48, Caixa Alta e com filete. No fim do mês rosna-se a uma coluna em qualquer corpo. Rosna-se sem graça contra a falta de graça. Rosnam-se maus humores a título de humor. Os rosnadores espremem os seus furúnculos na esperança de que o pus atinja os outros. O uniforme é a falta de uniforme. De um modo geral, frequentado por taxi-escritores que não se resignam ao pagamento do imposto da vida. Gráficos desorientados. Senha para entrar no centro: «C'est la vie!» (Antes não fosse...)

MÁRIO L. CERQUEIRA



BZZZ

por - NAVE

SIM!!! PORQUE NESTA COLUNA TEMOS SEMPRE LUTADO PELA DISSIPAÇÃO DA FOME INTELECTUAL...

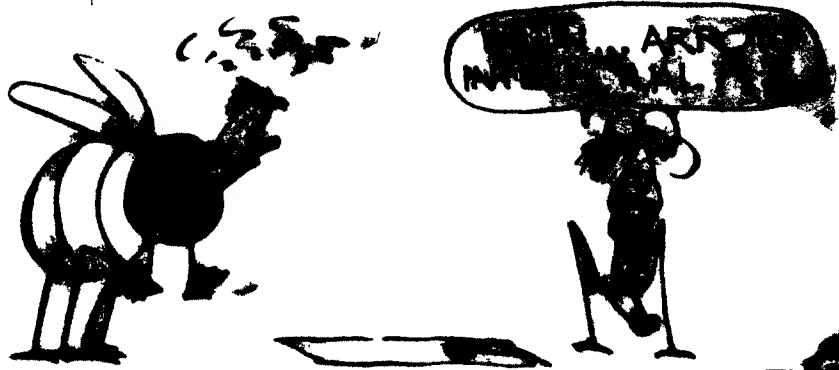


FOME?

BRRÔAP



...QUE ABRASA TODO O CORPO NA PROCURA DA INDIGESTÃO ESPIRITUAL...





aprenda a estratégia do MARKETING!

● **CURSO SUPERIOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

(segundo programas das universidades brasileiras, francesas e americanas)

● **CURSO DE TÉCNICAS E CHEFIA DE VENDAS**

(actualização profissional nas técnicas de marketing a nível internacional)

● **CURSO DE TÉCNICA DA PUBLICIDADE**

(formação de iniciados e actualização internacional de profissionais)

● **CURSO DE PROMOTOR DE VENDAS**

(análise e pesquisa de mercados. Dinamização racional de vendas)

Cursos inéditos em Portugal, ministrados em língua portuguesa, com apoio de filmes técnico-pedagógicos sonoros. Diploma do final de cada curso.
Condições especiais a quem já frequentou quaisquer cursos elementares ou de Iniciação de Vendas ou de Relações Públicas.

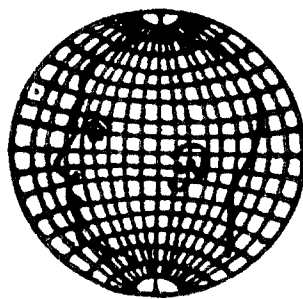
INÍCIO DOS CURSOS: dia 18 de Janeiro próximo

DURAÇÃO DOS CURSOS: duas semanas em sessões nocturnas

INSCRIÇÕES: DAS 10 AS 21 h. (sem interrupção), inclusive Sábado e Domingo

CENTRO INTERNACIONAL DE MARKETING

R. Pascoal de Melo, 7, 2.º Esq. Tel. 53 47 19 — Lisboa
(atrás da Cervejaria Portuguesa, em Almirante Reis)



SOLIDÃO COM TIL ESPACIAL

PEDRO ALVIM

SÃO DUAS HORAS DA TARDE E O CEMITÉRIO FECHA ÀS CINCO.

QUEM SE ASSOE NÃO LEVA NO LENÇO O CHEIRO DAS VELAS QUE VÃO ARDENDO.

TANTA GRAVATA PRETA!

QUAL A COR DO TIQUETAQUE DO RELÓGIO?

ESTÁ-SE MESMO A VER: O LONGO CORREDOR É O CAMINHO MAIS PROPÍCIO...

BEM — E AGORA?

VERDADE, VERDADE, O QUE IMPRESSIONA NA GEOMETRIA É A LINHA HORIZONTAL.

HÁ UMA CADEIRA VAZIA NA SALA DE JANTAR.

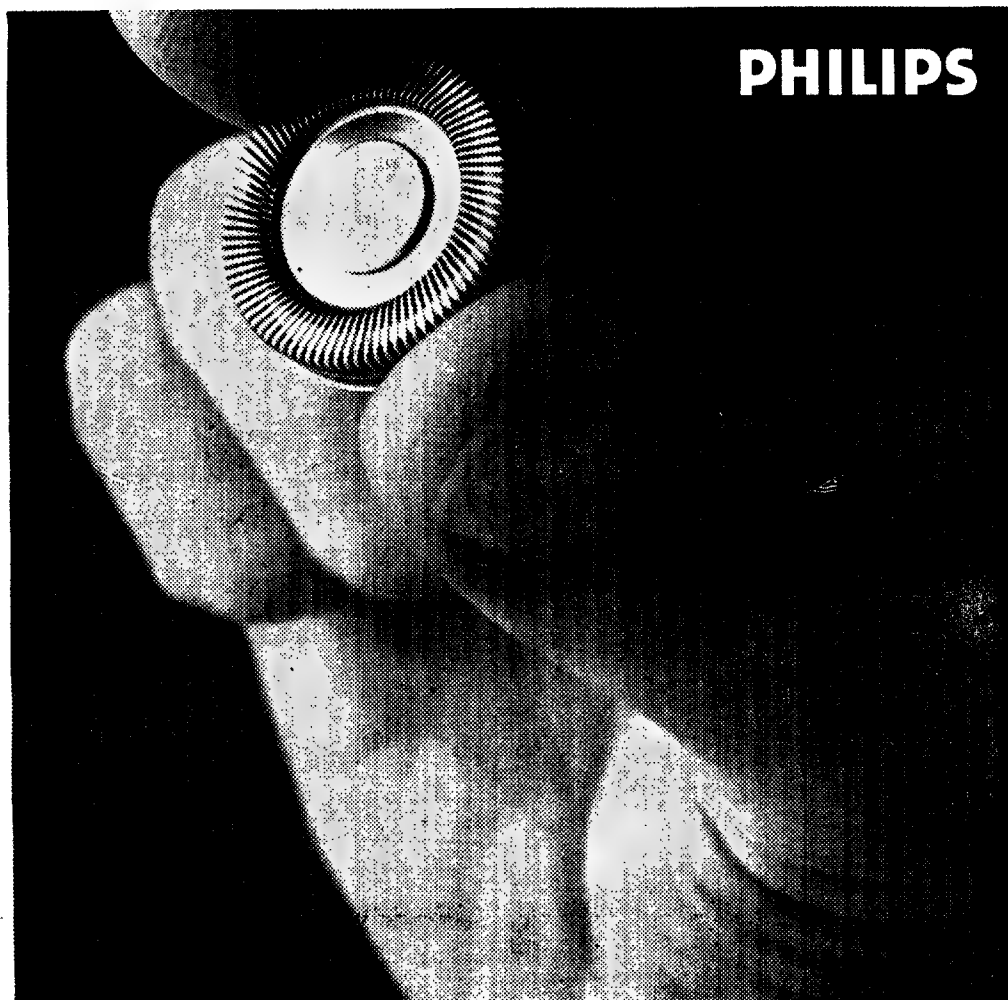
QUATRO E MEIA.

PASSOS NO SOALHO.

PENDEM, NO GUARDA-VESTIDOS, UM SOBRETUDO, PARES DE CALÇAS, VÁRIOS CASACOS. E TAMBÉM CAMISAS.

BEM — E AGORA?

AGORA, QUE TUDO SE FOI PELA RUA, HÁ O «UNO» NA LUA



PHILIPS

mais um passo no progresso ...à flor da pele



Progresso é transformar uma coisa boa noutra ainda melhor. Foi o que aconteceu com a PHILISHAVE. Agora, a PHILISHAVE está equipada com as novas cabeças 90 SUPER. Em vez de 60 ranhuras, todas as novas cabeças da PHILISHAVE possuem 90. Com o aumento de 50% do número de ranhuras proporcionamos-lhe um corte ainda mais suave, mais rápido. Os resultados são surpreendentes. Palpáveis... à flor da pele.

Philishave



ANTOLOGIA DA

MOSCÁ



Do «Notícias de Viana», de 8 de Fevereiro de 1968, extraímos este comentário assinado por L. Janeca, que arruma de vez com o problema dos «hippies». Ficámos, finalmente, a saber que se trata de uma juventude «dessorada e sem ideais» em que não é possível depositar esperanças. Andávamos preocupados e esta nota aliviou-nos.

UMA SOCIEDADE ESTRANHA

Causa sensação em todo o mundo o «mundo hippie» uma sociedade fechada, estranha, sem finalidade.

Formou-se na América (Califórnia), nação requintadamente interesseira, para combater o apego ao dinheiro.

Esta sociedade já conta para cima de quinhentos mil adeptos, quase todos jovens, espalhados por toda a América.

Vivendo em autênticos ghettos, não aborrece sómente o dinheiro, mas também odeia a violência, razão pela qual se negam a cumprir o serviço militar.

Para eles não existe qualquer imposição moral, política ou religiosa. O homem é só amor.

Deve viver só de amor, espalhar sómente amor.

Vestidos de roupas garridas e coroados de flores, passam os dias na mais insossa apatia.

Nesta sociedade é tudo de graça.

Despreocupados, de grenhas ao vento e barbas hirsutas, estes jovens não têm ideias. Para eles vida, saber, arte, pátria amor no sentido nobre da palavra, pureza nada significam. Como pode o mundo depositar esperanças nesta juventude dessorada sem ideais? Ou não é a vida a concretização de um ideal sonhado na juventude?

PORTO KOPKE

HÁ MAIS DE 300 ANOS



Distribuidores no Sul
OLIVEIRA & TORROES, L.
R. do Salitre 123-Lisboa

SENSACIONAL

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 Viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pluma de luxo, Hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.º Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra recebe logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes.

TELEVISORES

Desde 3500\$00, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 2100\$00

ESQUENTADORES

Desde 1300\$00, com montagem a cromados

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Desde 4750\$00, AUTOMATICAS

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Desde 5000\$00, AUTOMATICAS

...E A PRONTO SOMOS VÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C
Telef. 53 45 36

Avenida 5 de Outubro, 53-C
Telef. 4 77 69

FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS
VENDA NOVA

INSPECTORES DE VENDAS

Para trabalho planeado, vencimento compatível e todas as vantagens duma organização progressiva.

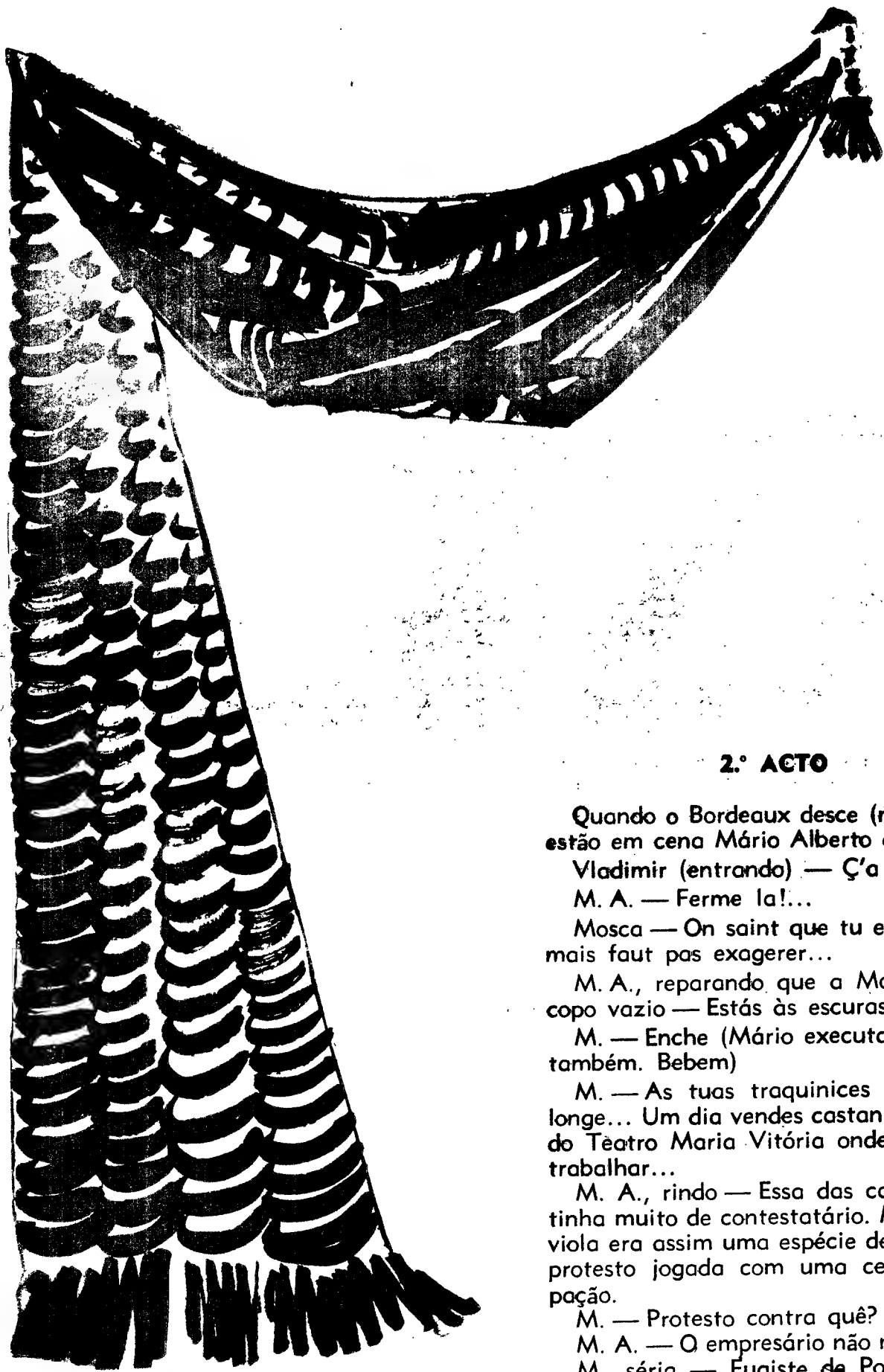
REQUISITOS ESSENCIAIS:

- ★ Idade entre os 25 e 35 anos.
- ★ Habilitações mínimas equivalentes ao Curso Geral do Liceu.
- ★ Boa apresentação e facilidade de exposição.
- ★ Iniciativa e domínio nos contactos pessoais.

ESTÁGIO REMUNERADO

É condição necessária enviar «curriculum» detalhado e fotografia actualizada.

Resposta a este jornal, ao n.º 680.



MÁRIO AL

2.º ACTO

Quando o Bordeaux desce (na garrafa) estão em cena Mário Alberto e a Mosca.

Vladimir (entrando) — Ç'a va?...

M. A. — Ferme la!...

Mosca — On saint que tu es le patron mais faut pas exagerer...

M. A., reparando que a Mosca tem o copo vazio — Estás às escuras...

M. — Enche (Mário executa e serve-se também. Bebem)

M. — As tuas traquinices já vêm de longe... Um dia vendes castanhas à porta do Teatro Maria Vitória onde estavas a trabalhar...

M. A., rindo — Essa das castanhas já tinha muito de contestatário. Mesmo sem viola era assim uma espécie de balada de protesto jogada com uma certa antecipação.

M. — Protesto contra quê?

M. A. — O empresário não nos pagava.

M., séria — Fugiste de Portugal com medo de ficar desempregado?

M. A. — Não! Que ideia! Eu deixei os teatros onde estava a trabalhar por saturação, simples saturação.

M. — Causas?

M. A. — Evidentes. Eu sou capaz de suportar uma dor num dente e até achar uma certa piada ou, pelo menos, não perder a vontade de rir... Mas, se me doerem três dentes, já não acho graça a coisa nenhuma, torno-me insuportável, irascível, implicativo. Estar anos e anos, revistas sobre revistas, a ter de gramar o mesmo fardo, o mesmo corridinho, o mesmo número patriótico ou a puxar ao pingarelho, a mesma orientação estética era uma dor constante a triturar-me os dentes todos!

Já estava cheio de dores de dentes! Não aguentava mais, chicha! (bebe um golo).

M. — Ganhavas bem — Tinhas praticamente o monopólio do Parque...

M. A. — Em primeiro lugar ganhava bem porque trabalhava muito, que as maquetas e os figurinos lá em baixo ainda são pagos miseravelmente pese embora nos últimos anos terem sido tantos os meus trabalhos como os do Pinto considerados

MÁRIO OU M

Para os retardatários que entrem neste aconselhamos a leitura do último número do espectáculo total que é este:

«MÁRIO OU O M

até porque estão rigorosamente suspens as

A MOSCA NÃO DA

No entanto, porque o intervalo de uma s (atente-se na impaciência com que os nossos para o outro) para os mais desmemorizados Paris, em final de Dezembro de qualquer 197 Fundação Kowvalsky, e é vivida por Mário Al valsky — o bailarino russo e anfitrião; e a M que cada um pica no dia que muito bem ent

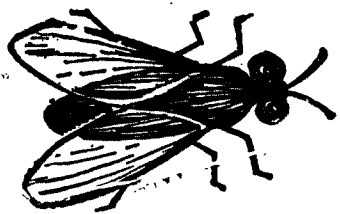
vedetas em quase todos os espectáculos. Depois, o monopólio não me interessa nem como jogo. Quero é que se lixe o monopólio. Uma nobre figura, das mais monopolizadoras, quando foi do West Side Story, gritava no Parque Mayer que nós éramos uns saloios porque o filme era uma droga, não tinha um único número de música e que bailar a dar estalinhos com os dedos já se bailava na Madeira há uns séculos atrás!

M. — Deram-lhe um tiro?

M. A. — Não Deram-lhe mais umas revistas para escrever e musicar.

M. — As coisas são realmente assim tão graves?

M. A. — Não são graves para mim porque felizmente eu sou saudável, consulto frequentemente o meu médico, faço análises regularmente, vacino-me contra tudo, enfim, mantenho o metabolismozinho sempre o mais equilibradamente possível. E' claro que, não deixava era de estar sujeito ao meu trauma psíquico.



Mário Alberto em Lisboa, isto é, quase ele mesmo mas ainda não o mesmo ele mesmo



LBERTO

MESMO ELE

este instante já com o 1.º acto concluído
toda «Mosca» para que possam sorver o es-

O MESMO ELE»

as entradas de favor, que é como quem diz:

O DÁ BORLAS!

ma semana é sempre um intervalo longo,
ossos leitores nos aguardam de um sábado
dos relembramos que a acção decorre em
1970, numa sala, muito confortável, da
o Alberto — o pintor maldito, Vladimir Kow-
a Mosca-insecto que pica aos sábados por-
entende e ninguém tem nada com isso.

M. — Porquê!

M. A. — Repara: há por aí uns malucos a afirmarem que o Gil Vicente é um autor genuinamente português, que é tão nosso como o Eusébio ou o vinho verde. Estão completamente chalados porque o Rogério Paulo, que sabe disso que se farta, quando se lembrou de representar Gil Vicente foi logo buscar um cenógrafo flamengo, no que aliás foi logo muito bem secundado pela Gulbenkian que para a Trilogia das Barcas se apressou a chamar um francês ilustre desconhecido.

M. — Ilustre desconhecido ou conhecido de algum ilustre?

M. A. — Tanto faz. O certo é que, como muito bem o demonstrou o nosso Rogério Paulo e a nossa Gulbenkian não há como franceses e flamengos para fazer Gil Vicente. Bem hajam. O que eu não estou é para aturar os outros...

M. — Gil Vicente recorda-nos Osaka...

M. A. — Maravilhosa iniciativa. Percebemos finalmente porque nunca aparece-

ram verbas para se fazer um trabalho sério dentro do nosso teatro; estavam a ser reunidas num mealheiro para um dia se poder mandar Gil Vicente a Osaka! Custou a encher o mealheiro mas valeu a pena parti-lo. Ainda bem...

Esperemos é que não nos advenham daí graves complicações diplomáticas...

M. — Graves complicações diplomáticas?

M. A. — Ai não sabes?... Vê-se mesmo que estás há pouco tempo em Paris.

Depos do êxito retumbante, apoteótico do Gil Vicente no Japão que o mundo não fala noutra coisa! É uma autêntica revolução! Antigamente se tu dizias a um estrangeiro que eras português ele dizia-te das duas uma: Eusébio ou, então Fátima... Agora, não... Eu tenho uns dois mil amigos japoneses que mal souberam que eu era português me começaram logo a tratar por Gil Vicente. Eu fico envergonhado mas não lhes digo nada porque sei que é um tratamento carinhoso, é uma homenagem a Cascais.

M. — E no Japão?

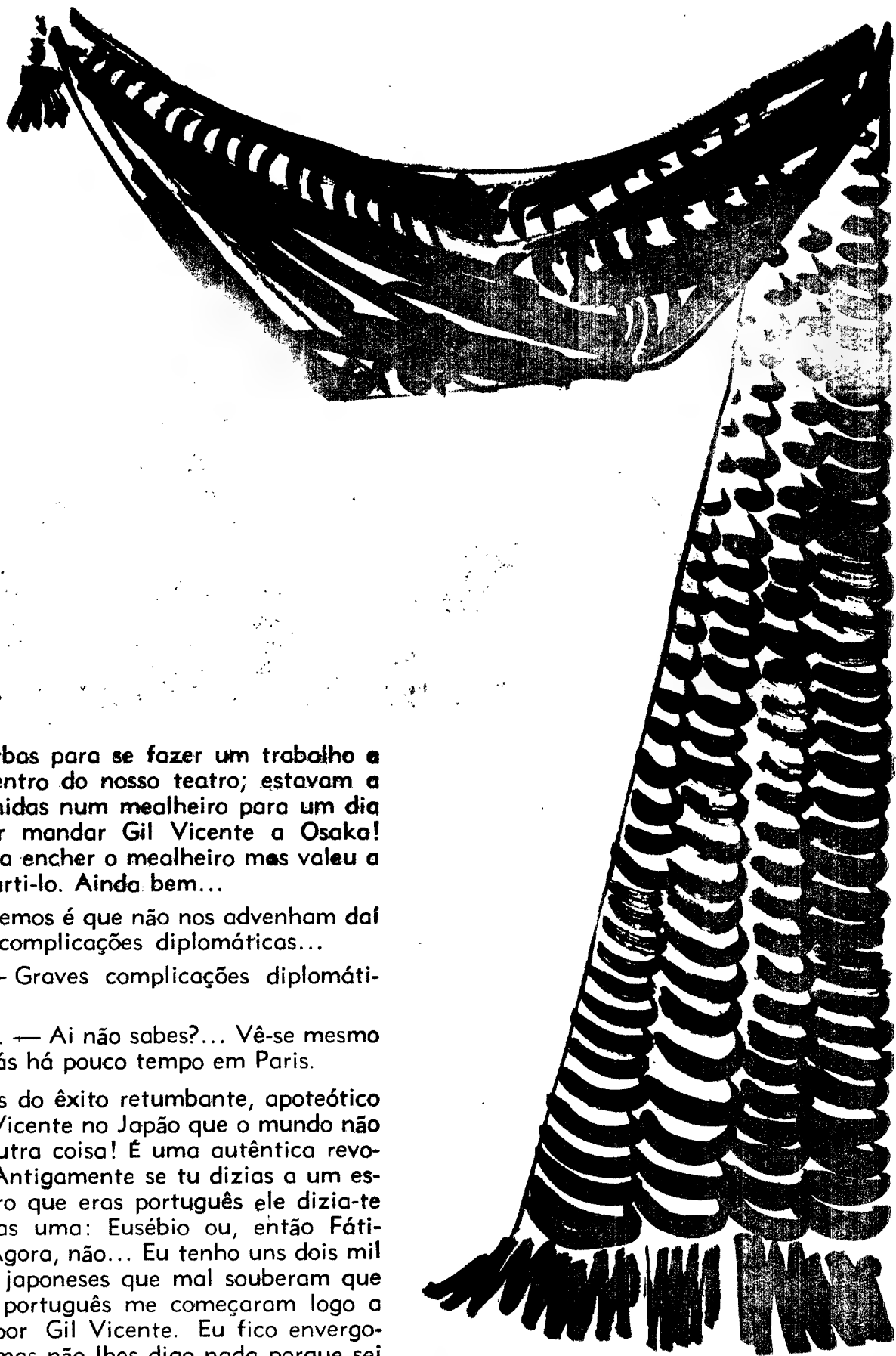
M. A. — No Japão a coisa é mais complicada, segundo parece. Para já deve ser ponto assente que se vai dar o nome de «Carlos Avilez — Descobridor do Teatro em Portugal» à praça mais importante de Osaka... Depois os japoneses, na rua, quando se avistam uns com os outros é só com: — Ó da barca! — Ó! Simplesmente a economia do país é que está a sofrer um rude abalo.

M. — A economia do Japão?

M. A. — Pois! — Já vês que os japoneses nas fábricas deixaram de fazer gravadores, telefonias, televisores e transistores...

M. — Para quê?

M. A. Para terem tempo de se dedicarem à leitura dos livros do Mestre Gil... É um sarilho!... Um bico de obra!... Mas de qualquer modo que do nosso lado a coisa foi um êxito ninguém tenha dúvidas — Basta perguntar aos meus dois mil amigos japoneses.



Tempos houve em que Mário Alberto esteve em crise porque não lhe pagaram a tempo e horas (aos senhores é que todos têm de pagar a tempo e horas...) e contestam á sua maneira — montem um negócio de «castanha assada» á porta do Parque Mayer. Eilo vendendo castanhas...

faça um teste
aos **TRAVÕES**
do seu carro
no **BANCO**
DE ENSAIOS
da *Frécar*
R. da Cruz Vermelha
13-D-Lisboa
Tels. 760224
760256
760220

AV. 28 DE MARÇO
CAMPO GRANDE
R. DA CRUZ VERMELHA
FEIRA POPULAR
AV. 5 DE OUTUBRO
AV. DA REPÚBLICA

A nova máquina de lavar roupa **PHILCO**
agora com o **PROGRAMA BIOLÓGICO** !!!

*descanse...
lavando!...*

PHILCO

A MÁQUINA MAIS
COMPLETA DO MUNDO

utilize este detergente

PHILCO de fama mundial pela qualidade
A VENDA NA
SUPERMANOS
Largo do Mastro, 3 a 9 — LISBOA
Distribuidores Gerais em Portugal — Apartado 139 — PORTO

já pensou que...

...AO ADQUIRIR UMA MÁQUINA
DE LAVAR ROUPA LIBERTA-SE
DE UM SEM NÚMERO DE PRO-
BLEMAS DE ECONOMIA E DE
TEMPO.
A SUA EMPREGADA DOMÉ-
STICA PODERÁ SER DISPEN-
SADA DESTA TAREFA, A SUA
ROUPA SERÁ LAVADA QUANDO
DESEJAR E COM EXTRAORDI-
NÁRIA RAPIDEZ, A SUA QUAN-
TIDADE TAMBÉM NÃO TERÁ
IMPORTÂNCIA E A CHUVA
DEIXARÁ DE SER UMA PREO-
CUPAÇÃO.
E QUANTAS COISAS PO-
DERÁ FAZER ENQUANTO A
HOOVER TRABALHA?
PERGUNTE AS SUAS AMIGAS
QUE JÁ POSSUÍM MÁQUINAS
HOOVER E FICARÁ MARA-
VILHADA COM AS SUAS OPI-
NIÕES!

**MAQUINAS
DE LAVAR
AUTOMÁTICAS**

HOOVER

LEOPOLD SHIROI, LDA, LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

POP LARUCHO



— ...Acho mesmo que o Artur Garcia é ainda o único
artista de variedades que nós temos. Se ele fosse ameri-
cano todo o Mundo o conhecia tal é o seu valor, o seu
talento. Quando o vejo na Televisão fico de tal maneira
satisfeita que nem sei explicar o que sinto. Ele é o
maior!... — *Mafalda Carvalho dos Santos* — Algueirão.

R. — Ó Mafalda, você tirou-nos as palavras da boca!

Tenho uma voz romântica à Raphael, boa apresen-
tação como o David Alexander Winter, mas o estilo de
canções que mais gosto é o do Roberto Carlos, embora as
pessoas que me têm ouvido cantar digam que pareço o
Richard Antony... — *Carlos Alberto* — Santarém.

R. — Cábé, você caiu do céu. Contacte urgentemente
uma das firmas directamente interessadas no Festival da
Eurovisão.

— ...Meti os papéis para ser artista, mas nunca mais
me chamaram... — *Artur Filipe* — Amadora.

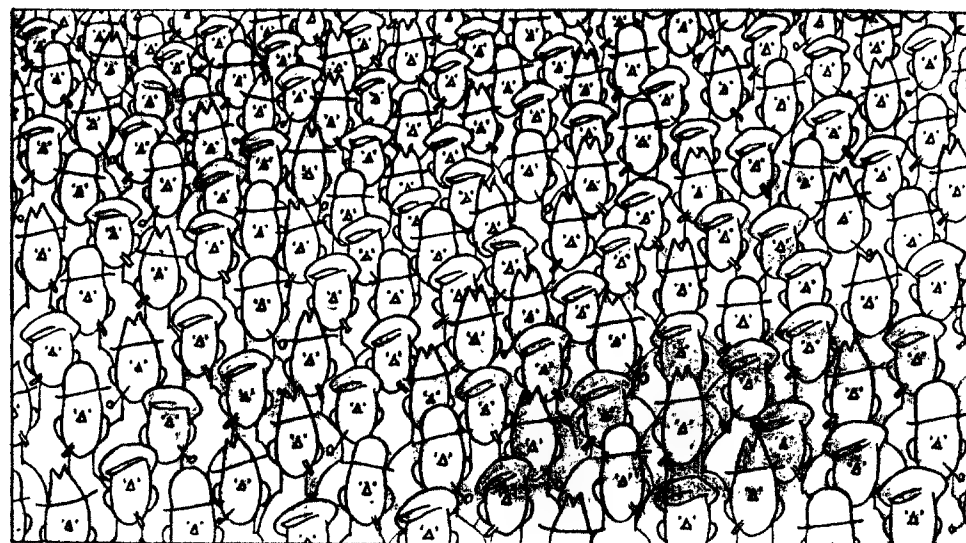
R. — Artur, você não se terá esquecido do atestado
de vacina?

— ...Vocês são todos uma data de invejosos e despei-
tados. Por isso é que se metem com artistas válidos e mo-
dernos como o Gabriel Cardoso... — *Maria Amélia Ro-
drigues de Sousa* — Porto.

R. — Maria Amélia, você pôs o dedo na ferida.

— ...De maneira que estou a pensar em organizar um
colóquio com a participação de várias pessoas, para se
discutirem os problemas da música portuguesa, se acaba-
rem com as confusões, e se colocar um artista como o Sér-
gio Borges no lugar que pelo seu talento ele merece... —
Ana Maria Quintaro Raposo — Gondomar.

R. — Um colóquio é o mais indicado, Ana Maria. Co-
loque-o você que a gente tira-o.



Os leitores da «MOSCA» são inúmeros e não são anónimos

O CORREIO DO LEITOR



— ...Eu sou fã do Marco Paulo e a minha irmã é do Gabriel Cardoso, de maneira que estamos sempre a discutir. Eu digo que o Gabriel Cardoso não merecia ser rei da Rádio, e ela diz que quem não merecia era o Marco Paulo... — *Tété* — Reboleira.

R. — *Isso não é caso para vocês discutirem, Tété. Vendo bem, têm ambas razão.*

— ...Só lamento que tenham acabado os programas das Melodias de Sempre... — *Manuel Garrido* — Setúbal.

R. — *Ó Manuel você anda desatento. As melodias de sempre não acabaram.*

— ...Ouvi dizer que o Joaquim Agostinho ia gravar um disco com canções do Isidro Baptista... — *Carlos M. S. Pontes* — Porto.

R. — *E diga lá, Carlos, se não é verdade que uma desgraça nunca vem só!?*

— ...Gostaria por exemplo que me explicassem o que queriam dizer ao afirmarem «Pouco mais de uma vez por ano, os nossos autores e intérpretes tiram da naftalina smokings, partituras e ideias. O resultado vê-se!»... — *Luís Alberto Pereira Roriz* — Lisboa.

R. — *O que nós queríamos dizer era que «Pouco mais de uma vez por ano, os nossos autores e intérpretes tiram da naftalina smokings, partituras e ideias. O resultado vê-se!». Compreendeu agora, Luís?*

— ...Gabo-lhe a paciência. Há 90 semanas a escrevem esses artigos imbecis que a gente lê para verificar que não têm conteúdo nenhum... — *Mário Augusto R. Mesquita* — Lisboa.

R. — *Ó Mário, nós também lhe gabamos a paciência!*

— ...Vocês são parvos. E não acredito que tenham coragem de publicar esta opinião... — *Abelardo Nogueira* — Torres Vedras.

R. — *Temos sim, Abelardo.*

— Gostaria que explicassem por que razão só foram apuradas 9 canções para o Festival da Canção... — *Teresa Silva Santos* — Sintra.

R. — *Supomos, Teresa, que se pretende que este Festival seja a prova dos nove.*

— Vocês têm razão. Isto por cá é uma tristeza. Quando é que nós teremos em Portugal um artista com a classe do Nico Fidenco?... — *Gabriela Sampaio* — Elvas.

R. — *Olhe que também é uma das coisas que nos preocupam, Gabriela. Faz-nos muita falta, não faz?*

— ...E gosto muito mais de ouvir uma dessas canções à antiga que as baladas dos guedelhudos... — *Idalina Martins* — Lisboa.

R. — *Nós também não, Idalina!*

— ...Creio bem que a solução dos problemas da música portuguesa está, não nos baladeiros, mas em artistas novos e válidos como o Valério Silva ou o José Cheta... — *Aníbal Fiuza* — Setúbal.

R. — *Essa é a chamada solução na continuidade, Aníbal.*



— ...Mesmo quando as revestem dum tom irónico e aparentemente ligeiro, vocês dizem coisas muito importantes. Obrigado por isso... — *Carlos Pinto Eça* — Coimbra.

R. — *Ora Eça!*

— ...Fico tão satisfeita quando ouço cantar o Roberto Carlos! De manhã ponho sempre um disco dele para ficar bem disposta para o resto do dia. É a primeira coisa que faço quando acordo... — *Noémia dos Santos* — Alenquer.

R. — *Noémia, você não acorda!*

— ...E com mais três amigos formei um conjunto. Já comprámos as violas eléctricas e a bateria e esperamos agora uma oportunidade... — *Lúcio Gonçalves* — Queijas.

R. — *A oportunidade chegou, Lúcio, no dia em que os Beatles dissolveram o grupo. Agarrem-na. Há uma grande falta, lá fora, de conjuntos do género.*

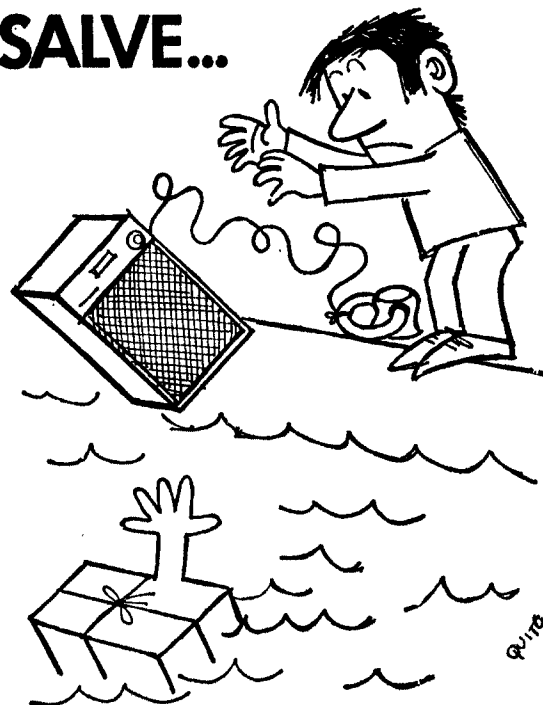
— ...O motivo principal da minha carta é manifestar a minha estranheza pela ausência no festival de artistas como António Calvário ou a Madalena Iglésias... — *Luisa Pintado* — Sacavém.

R. — *Ó Luisa, isso não é uma carta. É uma efeméride.*

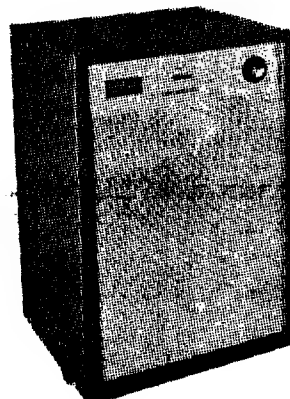
★

Oportunamente voltaremos ao correio dos leitores, a este salutar diálogo entre os que escrevem. Salutar e esclarecedor!

SALVE...



O SEU PRODUTO DA HUMIDADE COM O DESUMIDIFICADOR Kelvinator



Com o desumidificador Kelvinator acabam os seus problemas de armazenagem — os seus produtos ficarão para sempre protegidos da ferrugem, do bolor (papéis, tecidos, cabedais) ou de qualquer corrosão provocada pela humidade. Com pouco dinheiro e pouco dispêndio de electricidade ficará sempre seguro de poder garantir aos seus clientes um perfeito estado de conservação da sua mercadoria.

Distribuidores Exclusivos

sequel

Trav. do Molho de Vento, 28
Tel. 67 32 94 / Lisboa 3



TOSSE-BRONQUITE

Se surge uma constipação, a bronquite agrava-se e a tosse apoquentá, com as dores de garganta e a rouquidão.

Alivie esse mal-estar, chupando
PASTILHAS BALSÂMICAS PUY (5 a 6 por dia)
A VENDA NAS FARMACIAS

QUINTÃO

TAPETES, CARPETES E ALCATIFAS

CASA 30 Rua IVINS LISBOA

TELEVISORES

KB
ECRAN NEGRO

51 e 62 cm. — II CANAL

Distribuidores Gerais:

PORTO — Apartado 139
LISBOA — Rua da Alegria, 122

Aceitam-se agentes para as áreas disponíveis

Temos dito vezes sem conta que é dia a dia mais difícil comer-se, em Lisboa, por um preço aceitável, num ambiente agradável. Temos dito, também vezes, sem conta, que a velha comida portuguesa foi substituída por um tipo de cozinha sem personalidade que, por ignorância, classificamos de «internacional». Ambas estas afirmações correspondem, infelizmente, à verdade e ambas são, possivelmente, explicáveis por motivos de ordem social, na medida em que reflectem — ainda que mal — as necessidades e os gostos de toda uma população que se encontra subitamente na situação de poder «jantar fora» e que se julga «civilizada» e «europeia» ao comer bodegas achinesadas como as que lhe são servidas em certos «snacks» e «pratos enfeitados» como os que estão na moda, agora, entre nós. O turismo é uma fonte de receita, mas é também uma fonte de muitas outras coisas que não convém citar.

O turista que frequenta as nossas praias é o turista que não tem dinheiro e que vem a Portugal à procura de vacanças baratas que lhe não são acessíveis de outra forma. Trata-se, por outras palavras, dum tipo de indivíduo em cujo gosto não vale a pena confiar e burros seremos se construirmos a nossa terra para agradar

a quem ainda sabe menos da vida do que nós. Burros seremos ou burros somos?

É que basta percorrer o país para se constatar que estamos cada vez mais empenhados em transformar este Portugal que é nosso e que poderia ser maravilhoso numa gigantesca Caparica «à lá mode» das estâncias de Verão de que até os turistas fogem nas suas terras e que temos por modelos tipos de vida e instituições que a todos dão vontade de rir.

Enquanto não transformarmos Portugal num «snack-bar» cromado concebido ao gosto da pequena burguesia turística que ainda vai no bote de cá vir, não descansamos. Isto porque nem sequer compreendemos que mal a obra estiver completa os tais turistas que nos servem de modelo deixam de cá vir...

Ninguém vai passar as férias a um país que tem por atractivo precisamente aquilo de que se quer fugir!

No que se refere à cozinha, os comentários que acabamos de fazer são mais do que pertinentes: o que tínhamos de bom está a ser rapidamente substituído pelo que todos têm de mau e nós, subdesenvolvidos que somos em mais do que um sentido, cá vamos vivendo alegremente na convicção de estarmos cada vez mais civilizados. A velha cozinha portuguesa vai acabar por pedir abrigo à embaixada do Tavares, do Aviz e dos restaurantes caros porque os outros vão ser conquistados pela cozinha pretensiosa e má dos pretensos civilizados que para aí abundam graças a Deus e ao nosso subdesenvolvimento. Ainda vamos acabar por ter de ir a um restaurante inglês ou francês da Baixa comer uma chispalhada, tal como agora temos de ver o Ribas apresentar-nos na televisão, o chamado folclore do continente...

Que delícia de país...

Entretanto, uma notícia para os «selvagens» que gostam da cozinha portuguesa tal como gostam da cozinha francesa (o que estes selvagens abominam, certamente devido à sua falta de civilização, é a cozinha cromada dos «snacks» e dos restaurantes de terceira): descobrimos um pequeno restaurante despretenso e simpático onde se come muitíssimo bem por um preço acessível a não turistas. Trata-se dum restaurante antigo — tem quase seis anos de idade — que não conhecíamos e que, por isso, nunca figurou nesta nossa coluna de crítica culinária. Trata-se, sobretudo, dum restaurante regional que não é «típico»!

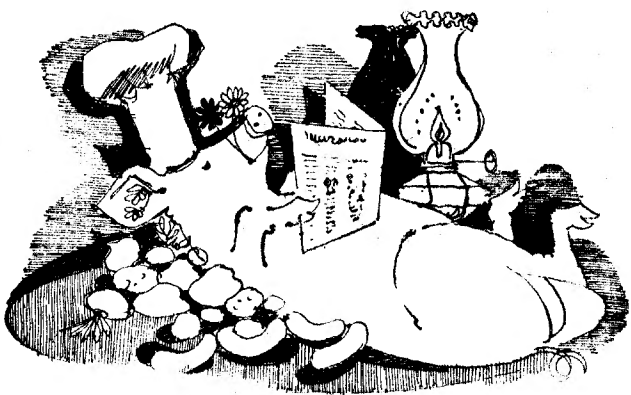
Ao lerem isto, muitos dos nossos leitores vão pensar que endoidecemos ou que saímos desse restaurante perturbados pela qualidade dos seus vinhos — será possível, neste momento em que é o Ribas quem apresenta aos telespectadores o seu próprio folclore, haver um restaurante regional que não seja típico?

Mas que terá acontecido à nossa demagogia folclórica para que tal coisa acon-

teça sem que os técnicos se levantem a reclamar e sem que os responsáveis pelos destinos das nossas camisas de xadrez e das nossas saias da Nazaré enviem às autoridades um abaixo-assinado?

Ter-se-ia o Pessoa enganado e estaremos a destruir o nosso quinto império esquecendo que somos um país folclórico e permitindo, entre nós, um restaurante não destinado a turistas, onde um cidadão possa comer descansado sem que ninguém o force a ouvir uma D. Amália qualquer ou a ver uns «boys» do Parque Mayer disfarçados de pauliteiros de Miranda dando animada e patrioticamente ao rabo num estrada para deleite de quatro excursionistas de Rouen?

Pois é verdade, estimados leitores: existe um restaurante especializado em cozinha alentejana onde não nos oferecem bonequinhas vestidas à moda do Minho e



que não é frequentado pelos habituais fotógrafos dos «souvenirs». Trata-se dum modestíssimo restaurante situado na Rua D. Luís de Noronha que dá pelo nome de «Cantinho Alentejano». O ambiente é simpático apesar da casa ter as paredes forradas dumas tábuas ligeiramente típicas que nos dão a sensação de estarmos a comer no interior dum relógio de cuco e da lareira ser falsa como Judas ou como o folclore nacional os restaurantes «típicos» de Lisboa. Uma coisa e outra, porém, são produto do gosto da proprietária e não das artimanhas de três ou quatro «industriais civilizados» empenhados em explorar turistas de dentro e de fora.

Comemos no Cantinho Alentejano umas migas com carne de porco que reputamos imbatíveis e que regámos com um vinho de Borba muitíssimo agradável. A lista pareceu-nos magnífica para as possibilidades da casa e dizem-nos que os doces eram deliciosos.

Vimos que também havia migas com sardinhas mas não as pudemos provar por terem faltado as sardinhas. Uma coisa é certa: voltaremos. O que pretendemos registar é que tudo isto nos foi fornecido por um preço razoável, honrado, proporcional às nossas possibilidades, motivo porque nos, consideramos de parabéns.

Mas... não será possível transformar o «Cantinho Alentejano» numa instituição

verdadeiramente digna deste Portugal moderno e ousado que se está reconstruindo sobre as cinzas do passado?

Não será possível transformar este modesto restaurante numa instituição de comes e bebes à nossa altura?

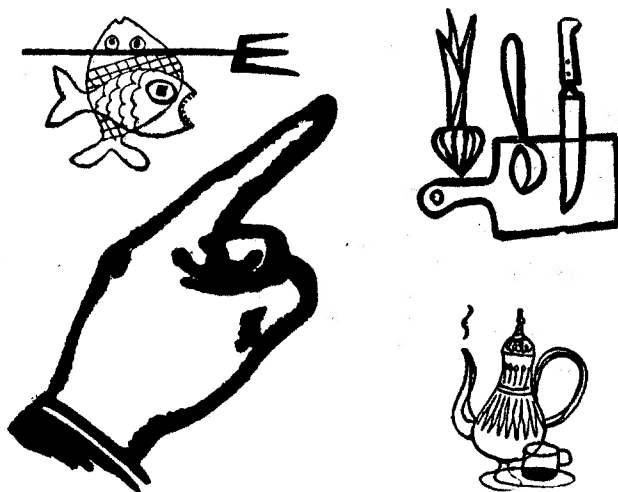
Não será possível transformar este cantinho em que servem migas num outro digno do papel que desempenhamos neste mundo louco, sacudido pelos ventos da história, em que somos como que uma liha de grandeza e de equilíbrio?

É claro que sim — basta-nos, para isso, um construtor civil de Tomar, um esclarecido homem de negócios de Lisboa, dois ou três cozinheiros de terceira ordem, um bom publicista e um gravador de som.

«A Mosca», sempre atenta e sempre patriótica formulou este plano que oferece gratuitamente às autoridades, na certeza de estar a contribuir para o engrandecimento deste «cantinho» folclórico que abrange dois continentes vírgula zero zero zero quatro (Timor).

1.º — Deitar abaixo as paredes do actual restaurante de forma a que no mesmo possam caber 400 pessoas (é preciso não esquecer os congressos...) que se sintam perdidas, geladas e incómodas. Substituir as paredes por arcos, arquinhos e arções, típicos, tipiquinhos e tipicões, de preferência em tijolo para que o turista, principalmente o inglês, perceba, logo ao entrar, que está em Portugal.

2.º — Colocar à porta da entrada um cidadão vestido de campino ribatejano; à



porta do toilette, uma honrada cidadã mascarada de minhota; no bar, um barman fardado de pescador da Nazaré e uniformizar os empregados de algarvios, beirões, transmontanos, etc.

3.º — Organizar uma lista típica:

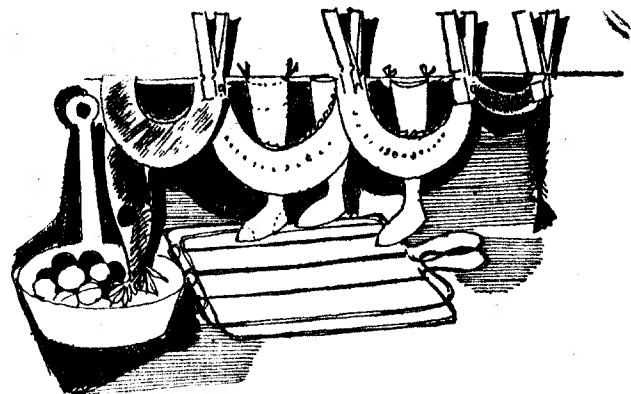
Filetes de pescada da típica vila de Peniche fritos no castiço óleo Fula com arroz do incomerciável Mexilhão da costa nacional cozido num «Bouillon» de caldo de peixe Knorr.

OU

Frutos do Mar Português com a típica mayonnaise da nossa cidade de Mayon

(Beira Alta). Sobre a mesma, o típico ranbanete saloio e bocados de castiços pickles nacionais.

Carne assada à moda da D. Violante (igual à de todos os tempos em toda a parte, mas o nome da D. Violante dá ao



incauto a sensação de estar perante uma receita «de família antiga»).

OU

O Bife da casa

Queijos típico-castiços, como sejam o branco, o amarelo e o Tigre.

Para doces, o «pudim» e o arroz-doce que, servido em tigelinhas típicas da olaria de xaxa nacional, vale mais 7\$50.

E pronto, ficamos com uma instituição à nossa altura, isto é, à altura do que somos.

Recauchutagem
LUSA
A melhor

PASSAPORTES?
paneuropa
Rua Beaumais, 11-C-D
T. 561871-2-3-4 — LISBOA

SILENCIOSO E TUBOS DE ESCAPE
BORTEX
Secção de montagem:
Rua do Arco do Carvalho, 75-A
Fabrica:
Rua Victor Carlos, 10-12
Portugal — Telefone 99.00.51
Sede e estabelecimento:
Rua Marques de Fronteira, 110-OS
Tels. 65.07.63, 65.19.45 e 68.07.88

CAMINHOS
DE FERRO
Leilão

Em 18 do mês de Janeiro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Jardim), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Rua Victor Cordon, n.º 45 — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 15 daquele mês, das 10 às 17 horas, excepto aos sábados.

Nas estações estão ainda afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

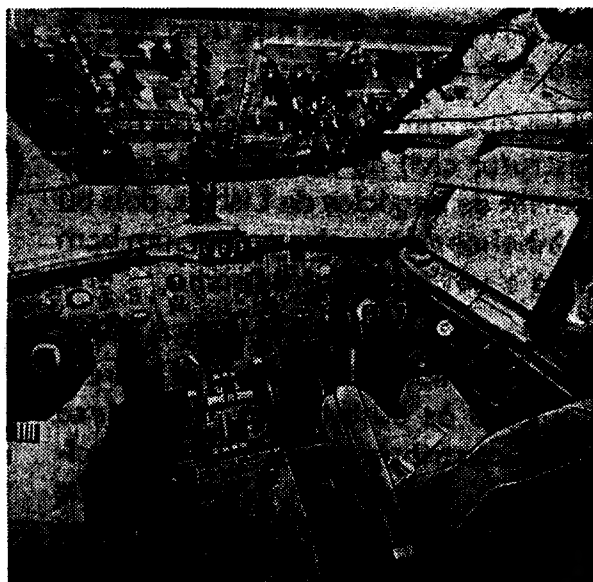
Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais. — Escreva hoje mesmo a: **CONTINENTAL LABOR**, Calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha)

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!

Quem lhe diz que não?
Leia e responda a este anúncio
para ter a sua certeza
e a certeza de encontrar
uma profissão moderna,
cheia de dinamismo,
responsável
e muitíssimo bem remunerada.

Oferecemos-lhe uma profissão estável
e prestigiada
e asseguramos-lhe uma formação
e um treino ao mais elevado nível.

Nós somos uma Companhia
em pleno crescimento e
permanentemente actualizada:
ampliamos e aperfeiçamos
os nossos serviços,
aumentamos o número das nossas escalas
e a nossa frota.
PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!
Estes terão menos de 32 anos,
frequência de um curso superior
(ou equivalente)
e a situação militar regularizada.
UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ.
Decida-se desde já:
responda a este anúncio,
dirigindo-se
à Divisão do Pessoal Navegante da TAP,
Edifício n.º 25 - 2.º andar
Aeroporto de Lisboa.



MARCA-TAP-TO

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES

Inscrições permanentes. Cursos periódicos.

Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

LICENCIADO ECONOMIA-FINANÇAS MOÇAMBIQUE

Importante grupo industrial e comercial, pretende admitir «QUADRO» para desempenho de funções de auditoria.

PRETENDE-SE

- Jovem, recém formado
- Livre do serviço militar
- Orientação contabilística
- Sentido de progresso

OFERECE

- Boas condições de desenvolvimento profissional
- Lugar de futuro
- Regalias sociais

Indicar pormenorizadamente «curriculum» escolar e profissional, idade e outras referências. Resposta a este jornal ao n.º 681.

A BAIXA DE PREÇOS CONTINUA

ELECTRODOMÉSTICOS
AS MELHORES MARCAS
AOS MELHORES PREÇOS

TUDO PARA SUA CASA

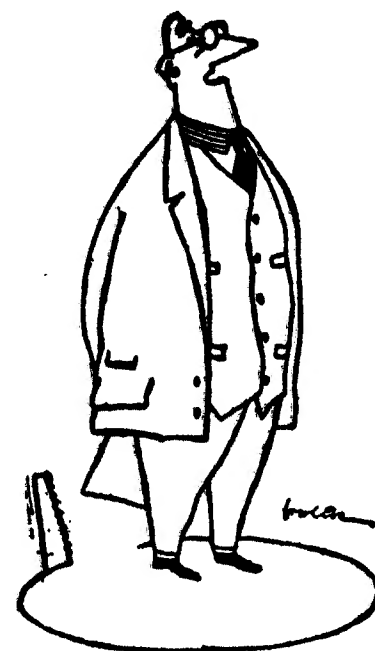
CASA MAX

2, Av. Praia da Vitória, 2-C
e Rua de D. Estefânia, 1 e 3

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos

VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do
Alameda, 99 — LISBOA



O Manuelinho ficou na cave até se arrepender de
me ter chamado parvo. E' assim que se educa crianças

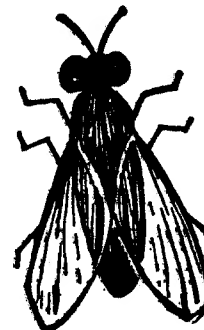
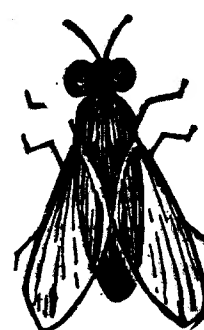


ANÚNCIO

Leia «A Mosca», coma «A Mosca», divulgue «A Mosca», rasgue «A Mosca», queime «A Mosca», diga mal de «A Mosca» (ou bem — é-nos indiferente), substitua a sua mosca por esta, opte por «A Mosca», comente «A Mosca», escreva sobre «A Mosca» (ou à Mosca...), guarde «A Mosca», deite fora «A Mosca», use «A Mosca» para limpar vidros ou para embrulhar sapatos, dê com «A Mosca» na cabeça dos seus inimigos (ou dos seus amigos — é-nos indiferente), mate a sua sogra lendo-lhe «A Mosca» (ou conserve-a viva pelo mesmo processo), mas:

COMPRE «A MOSCA»

e não empreste «A Mosca» aos seus amigos para que eles tenham de a comprar também.



10. Tem o cartão?

É insólito... Dá-me licença que o espelhe?

Está vivo e tudo! Ah! Mas, sem dúvida, tem estado internado no Maternário, não? Não?

Então o amigo não sentiu nada depois de tentar telefonar? Nem suada de tensão, nem distúrbios psíquicos, nem nada?

O quê?!

VOCÊ CONSEGUIU TELEFONAR?!

Mas você está milionário. Isso é melhor que ganhar o totobola! Sério! Vá a um museu, homem, vá! Vá a um museu porque você é um espécime raro. Homem: você conseguiu telefonar à primeira tentativa. Você é um poço de sorte. Vá já comprar lotaria (mas não espere pela lotaria do próximo Natal porque, além de esperar muito tempo você depois não tem dinheiro nem para comprar uma cautela). Vá já comprar (e depois não se esqueça da gente, hem?). Olhe: Compre um bilhete com o número do telefone para onde você ligou.

Bem, mas isto é feito para aqueles, coitados, que não conseguem telefonar. É feito para as maiorias.

Considerando os factos, e considerando ainda que há pessoas que insistem no luxo do telefonema, «A Mosca», sempre atenta aos magnos acontecimentos nacionais, decidiu, depois de profundos estudos «in loco» por um eminente cientista, contratado expressamente para tal, dar a lume:

«NOVAS REGRAS PARA UTILIZAÇÃO DE CABINAS TELEFÓNICAS»

1. O candidato a utente de uma cabina telefónica deve munir-se antes de iniciar a sua façanha com bastantes moedas de 1\$00 ou \$50, um saco de caramelos de limão,

porque a cabina pode ser das modernas e tem estado frio...

No caso de preferir o telefone de um café convém tomar primeiro uma bica para o dono da casa não miar muito.

3. Achado o telefone, deve colocar-se na bicha. (É aconselhável levar uma cadeira desmontável).

11. Assobie a 9.ª de Beethoven (também é fino...).

12. Assobie a Carmen (que diabo, toda a gente a conhece...).

13. Chegou a sua vez.

14. Saia porque afinal a cabina só mete moedas de \$50. É preciso ir trocar as de 1\$00.

15. Se não encontrou troco (o mais provável, até porque a área já está batida) tem 4 possibilidades de escolha:

- 1) Desistir.
- 2) Ir a casa da pessoa a quem quer telefonar.
- 3) Passar para a regra n.º 31.
- 4) Procurar outra cabina com ranhura para moedas de escudo.

Neste caso:

16. Repita os pontos 2, 3, 8, 9, 10, 11, 12 e 13.

17. Marque o número.

Está com azar. O utente anterior avariou o telefone.

18. Acalme-se. Tome o primeiro comprimido do calmante que levou.

19. Repita a regra 16.

20. Marque o número.

esteja a ser perseguido. Tome outro comprimido. Não chore. Parece mal...

23. Fente de nova. Marque o número.

24. Não seja mal-educado para a sujeito que estava atrás de si na bicha e que lhe está a dizer para se despachar... Lembre-se que já esteve no lugar dele. Acalme-se, homem!

25. Respondem. Introduza as moedas.

26. Não danifique a propriedade pública. Telefone para o 13. Exponha o caso.

27. Viu? O 13 ligou... inicie a conversa.

28. Cortaram a linha? Telefone para o 13.

29. Não tem mais moedas? Bem lhe dissemos para levar muitas. Explique o seu caso à menina.

30. Que vocabulário! Tome outro calmante.

31. Qual é o seu amigo que mora mais perto?

32. Vá a casa desse amigo. (É para isso que servem as renhas de Metro).

33. Se não está escolha outro.

34. Encontrou um amigo em casa? Invente um pretexto e ofereça a boneca à filha. Faça-se de novas quando lhe disserem que a miúda não faz anos nesse dia.

35. Como quem não quer a coisa, peça licença para telefonar.

36. Marque o número.

37. Se respondeu uma senhora de um número que só tem de comum com o que pretendia o ser de telefone, não se irrite. Marque de novo.

38. Se a senhora do tal número (que respondeu outra vez) diz que está a meter-se com ela não ligue.

39. Marque o 13.

40. Faça o que a menina manda. Marque o 113.

41. Não faça cenas: se está ocupado tente de novo.

42. Lá para a 746.ª tentativa consegue.

43. Enquanto o 113 toca e ninguém responde, leia a Enciclopédia Luso-Brasileira.

44. Releia-a.

45. Respondeu!

46. Exponha o problema.

47. Enquanto a menina «vai tentar», vá comer. (A boneca serviu para o seu amigo e a mulher lhe oferecerem o jantar).

48. Assista a todo o programa da televisão (incluindo o fecho).

49. Toca o telefone:

«O número que V. Ex.ª deseja não responde».

Não insista. Não está lá ninguém.

50. Ponha o elmo antes de entrar em casa. A sua mulher pode não acreditar na história, e pode não gostar que você venha tarde...



uma tablete de chocolate (grande), um rolo de adesivo, senhas da Metropolitano, uma boneca (média), um tubo de comprimidos calmantes, um exemplar da Enciclopédia Luso-Brasileira e um elmo de aço.

2. O candidato deve procurar uma cabina ou um café com telefone público. No caso de preferir uma cabina deve consultar uma bruxa (vide secção de anúncios de qualquer matutino) para descobrir onde há. Deve, por outro lado, munir-se de um sobretudo comprido

4. Comece pelo chocolate.

5. Não coma os caramelos todos.

6. Utilize os caramelos (ofereça-os) para meter conversa com a miúda que entrou agora na bicha.

7. Que culpa temos nós que o namorado dela tivesse chegado? Só queríamos ajudar... Utilize o adesivo.

8. Espere.

9. Espere.

10. Assobie a 5.ª de Beethoven (para parecer à la page).

21. Respondem. Introduza as moedas na caixa.

22. Não se irrite. Se a ligação foi cortada é porque a cabina está avariada. Não quer dizer que você

NOTAS:

1) Não fique triste, pois mesmo que conseguisse ligar tinha para si umas duas ou três conversas além da sua, na mesma linha, e não conseguia falar.

2) O fogo posto é punido com severas penas de prisão.

3) O suicídio em modo é o hero-kiri.

Peguei na Mosca e bumba uma carta aberta a dizer «Não Guidinha não e não» como se eu tivesse pedido alguma coisa e a dizer que eu tinha um plano «maquiavélico» e eu como não sei o que isso é sim porque eu não falo a linguagem desses senhores da Mosca fui ao dicionário e vi que «maquiavélico» quer dizer «relativo ou semelhante ao maquiavelismo. Astuto ou ardiloso velhaco» e vai fui ver o que é o tal maquiavelismo e vi que é um «Sistema político preconizado pelo florentino Maquiavel» que é um senhor que eu não conheço até porque onde eu moro é na Graça e nunca fui à Rua das Flores e de qualquer forma não sou política porque ainda não tenho idade para ir a inaugurações de retretes e de escolas nem de fazer discursos na televisão nas horas em que deviam pôr filmes giros para a gente ver em lugar de falatórios que só servem para a gente ficar chateada com a vida de maneira que essa de eu ter um plano igual ao sistema político do tal florentino é uma grandecíssima mentira e até fica mal aos senhores da Mosca terem escrito isso porque é uma denúncia infame e eu podia ser presa sem mais aquela e ficar por lá seis meses ou mais como aconteceu a um senhor duma peça que o meu pai foi ver ao Villaret e que contou a mesa coitado esse senhor foi preso por ter ido ao teatro e nunca mais se safou o meu pai apanhou um susto tão grande que nunca mais lá vai e eu podia muito bem ser presa por os senhores da Mosca dizerem que eu sou da política no de-feso porque os senhores da Mosca sabem muito bem que só se pode ser da política quando há eleições e que o resto do tempo é defeso e que mesmo isso das eleições é como na compra a prestações «fala agora e paga depois» ora o que eu quero dizer aos senhores da Mosca é que eles não perdiam nada em estar calados em vez de andar a acusar inocentes como eu de qualquer forma o melhor é eu explicar porque é que não mandei a minha redacção a semana passada sim porque eu realmente não a mandei mas quem teve a culpa foram eles e não eu que sou uma orlaça inocente as coisas passam-se assim eu peguei no jornal e li que havia uma iniciativa chamada «Leitor do Diário de Lisboa» com uns prémios bestiais e pensei comigo mesma «Guidinha Guidinha



iniciativa «Escritor do Diário de Lisboa» porque como diz a minha mãe sempre que o meu pai lhe pede cinquenta escudos «para emprestar a um amigo que está a morrer tuberculoso» a verdade é que «a caridade começa em casa» e eu pensei em mandar a minha redacção com os cupões-duplos de identificação que são uns bocados do jornal que é preciso mandar e eu bumba matava dois pássaros duma só cajadada porque poupava o dinheiro dum selo mas a verdade é que depois duma espera danada a tal iniciativa não apareceu e eu fiquei a ver navios isto para não falar duma grandecíssima desgraça que me aconteceu e que o melhor é eu contar já para os senhores do concurso ficarem avisados de que fui vitimada por um indivíduo de más intenções que é o meu pai o que aconteceu foi que eu recortei os tais cupões-duplos de identificação e meti-os debaixo do cesto do pão na cozinha à espera da iniciativa «Escritor do Diário de Lisboa» o cesto do pão é um sítio muito bom que a minha mãe descobriu e é lá que ela mete os

colas e em que o bom era jogar à bola e dar vivas mas a verdade é que eu não tenho nada com isso sim porque eu já sou de agora em que o bom é dar vivas mas em que já não é preciso ir ao estádio ver a bola e até fica mal de maneira que isso de ele entrar no concurso com os meus cupões-duplos e com os meus cabecinhos é um acto de terrorismo infame do que ele precisava era de ser tratado para ver se ainda o podíamos recuperar mas eu cá para mim julgo que já é tarde de qualquer forma é preciso por uma questão de justiça social que aí no jornal saibam que se o meu pai ganhar o apartamento esse apartamento é meu e só meu e que se ele lá quiser ir tem de pedir à dona que sou eu e tem de ir de visita e sem malas porque antes de lhe abrir a porta espreito pelo postigo e se vir que ele leva malas embrulhos cestos cabazes garrações ou qualquer coisa que me dê a entender que ele quer instalar-se lá não o deixo entrar tão certo como dois e dois serem quatro sim porque se há uma coisa infame é os pais viverem em casa dos filhos eu conheço um caso que é o da menina Eulália que é uma daqui da Graça que é uma verdadeira desgraça o pai sempre a resmungar que não tinha reforma porque não havia reforma social como há noutros países e mais isto e mais aquilo instalou-se lá em casa a dormir no sofá da sala porque não fazia diferença nenhuma sim porque uma boca a mais ou a menos não faz diferença numa casa de família que é o que eles todos dizem e porque à noite o sofá da sala está livre que é o que eles todos dizem mais falinhas mansas mais isto mais aquilo e agora que já passaram dois anos quem dorme no sofá da sala é a menina Eulália e o marido quem tem a melhor cadeira é o velho quem mexe nos botões da telefonia é também o velho e quem come a carne toda do guisado está-se mesmo a ver que é ele eu já tenho encontrado a menina Eulália e o marido sentados num banco do jardim porque não querem estar em casa e por isso não vou em cantigas quando o meu vier com a tal história de não haver cá pensões para os velhos e reformas sociais e coisas dessas digo-lhe logo que não tenho nada com isso e se ele não tivesse passado a vida a pensar na volta e na bola talvez tivesse tido tempo para pensar noutras coisas de qualquer forma não põe os pés no meu apartamento atenção senhores do concurso os cupões que o meu pai mandou são meus e de mais ninguém.

GUIDINHA

carta aberta aos senhores da MOSCA

que me escreveram uma carta aberta

mais-te abotoar com um apartamento que é uma limpeza» sim porque eu ando muito precisada dum apartamento para sair desta casa onde mora o meu pai cá por umas coisas que eu sei e fiquei à espera duma iniciativa chamada «Escritor do Diário de Lisboa» porque a verdade é que sou escritora do Diário de Lisboa não sou leitora sim porque se esses senhores da Mosca julgam que a lei enganam-se porque tenho mais que dizer e vai esperai esperai sempre a pensar que mais tarde ou mais cedo começavam a

pillins a partir do meio do mês que é quando o meu pai começa a procurar o sítio onde ela tem o dinheiro da casa mas logo por azar ele quis uma carcassa no meio da noite e deu com os meus cupões e vai preencheu-os e mandou-os para aí com o nome e morada dele ora quem compra o Diário de Lisboa cá em casa sou eu porque ele é da geração antiga e só lê coisas da bola coitado ainda não tem cultura nem a gente lhe pode levar isso a mal porque ele ainda é dos tempos em que não tinha havido reformas nas es-